

@Verdade



RECICLE A INFORMAÇÃO:
PASSE ESTE JORNAL A OUTRO LEITOR

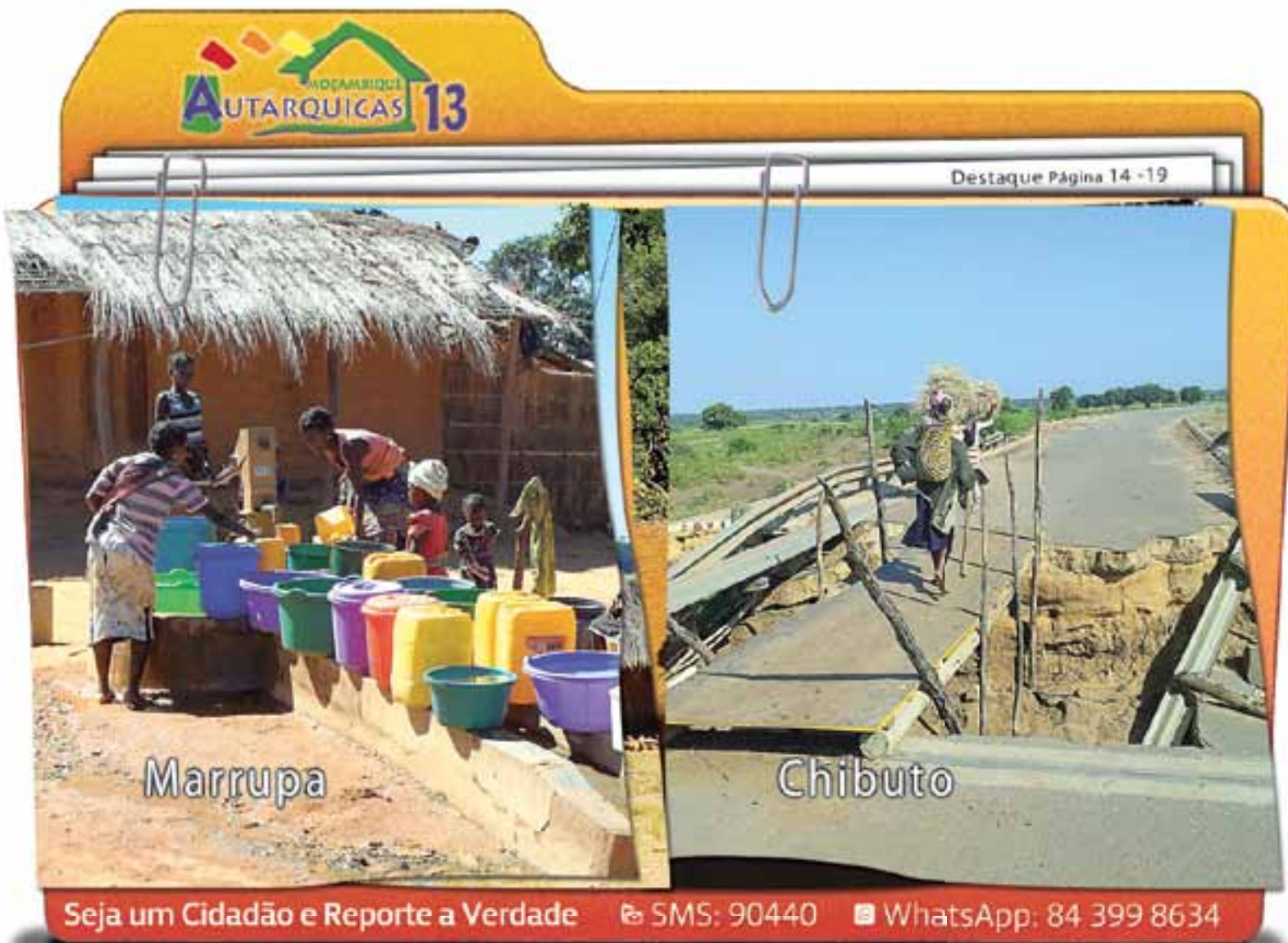
Tiragem Certificada pela



www.verdade.co.mz

Jornal Gratuito

Sexta-Feira 21 de Junho de 2013 • Venda Proibida • Edição Nº 241 • Ano 5 • Fundador: Erik Charas



www.verdade.co.mz

MURAL DO POVO

"NO OFÍCIO DA VERDADE, É PROÍBIDO PÔR ALGEMAS NAS PALAVRAS" - CARLOS CARDOSO

MURAL DO POVO - Guebuza

Eu chamo-me Guebuza. Vim por este meio informar-vos de que não estou preocupado com os profissionais da Saúde porque o meu povo trabalha e produz o suficiente para o tratamento da minha família em clínicas privadas no exterior em caso de doença.
NB: Não preciso de centro de saúde para nada!!!

MURAL DO POVO - FRELIMO

Vocês não são libertadores São combatentes da fortuna. Mataram Samora para ficarem a fazer festas de desfile em mercedes e grandes fatos importados, fazem até questão de gingar

com bens provenientes do sangue do povo mataram o socialismo para um capitalismo a vosso favor!!!

MURAL DO POVO - Reflexão para o Governo

Enquanto o MINED finge que paga salário, o professor finge que ensina, e o aluno finge que aprende. E quando chega à 6ª/7ª classe descobrimos que o professor afinal está em greve há muito tempo. Agora com a greve dos profissionais da Saúde vamos à fase 2. O MISAU vai continuar a fingir que paga salário. Quando o profissional da Saúde começar a fingir que trabalha, o doente não vai fingir que se trata, vai morrer.

MURAL DO POVO - Cidadania

Para ser um bom moçambicano não é preciso acreditar no Governo, mas sim no país.

MURAL DO POVO - Política

Por favor, não nos venham com promessas falsas, nestas eleições exigimos um dirigente digno não palhaços.

MURAL DO POVO - Guebuza

Armando Guebuza é o "Mister Five". 5% de cada contrato assinado pelo Governo vai para o bolso do nosso Presidente. Votem na FRELIMO se gostam de ser roubados! Votar na FRELIMO é gostar de ser roubado!!!



@Stella_Bryant:

O Dhlakama perdeu controlo dos seus homens...se calhar ate deve ser "refem" la em satungira (Sofala) @verdademz



@TheRealWizzy:

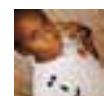
Tonturas " @verdademz: #Renamo distancia-se do assalto ao paiol d #Savane e promete dividir #Moçambique pelo rio Save <http://t.co/GKlbsZTBDN>"



@chuquela:

Peace, peace, peace... @verdademz see this RT "

@dlhakama: I am afraid a new war is about to start."



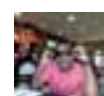
@DylsonMiguel:

(O.. a..en..on O..) Follow: @verdademz noticia in timeee



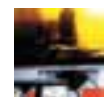
@TheGoonSensei:

@verdademz <---- ja nao estimo esperar ate sexta feira para ler um #editorial deste vosso nosso jornal... Longa espera!



@ArthurBanks:

Deus é grande RT" @verdademz: Jovem sobrevive a uma queda do terraço em #Nampula <http://t.co/NABtpeNPJI>"



@VladSuvorov:

@verdademz posto de recenseamento da E.S.F.Manyanga sem energia.



@sebastiapolino:

#Autarquias 2013, acabo de me recensear pra em Novembro proximo exercer meu direito de votar o meu Chiconhoca de 2014 #Nampula, @verdademz



@aires_vasco:

@verdademz celular com GPS para localizar latrinas. Ha ha ha ha ha ha grand invenção.



@shirangano:

Todos os dias, Inês desloca-se ao lago Niassa #Metangula para lavar roupa ou pratos num percurso de 3km. @verdademz <http://t.co/tM6G2GtiuC> Foto



@Sigaver76806340:

@Verdademz Uma Senhora atropelada mortalmente este Domingo n Madunca.O Motorista estava n estado embriagado ...



@TheRealWizzy:

E mesmo assim ainda pobres. " @verdademz: Recursos minerais renderam biliões d dólares entre 2005 e 2012 #Moçambique <http://t.co/Y8hiigHDrW>"

Seja o primeiro a saber.

Receba as notícias

d'@VERDADE

no seu telemóvel.

Envie uma SMS para o nº 8440404

com o texto: **Siga verdademz**



Professor violentava alunos em Maputo

Sociedade PÁGINA 04



Tensão no centro de Moçambique

Sociedade PÁGINA 06



Formação, o segredo dos Marlins

Desporto PÁGINA 24

Editorial

averdademz@gmail.com

Este país precisa de cidadãos

Na leitura do informe sobre o Estado da Nação, o Presidente da República falou sobre um país que caminha célere rumo ao progresso. Armando Guebuza explicou que os recursos naturais não geram riqueza imediata. Na altura ficámos com a impressão de que o Presidente vive num mundo à parte ou fecha os olhos aos reais problemas do país. O argumento usado para rebater os dados estatísticos que dizem que empobrecemos e que somos o quarto pior país do mundo veio pronto: “Vocês não conhecem o país real”, atiram alguns papagaios atentos que andam pelo país graças aos nossos impostos.

Em discursos floreiros falaram-nos de um país que progride, mas que os nossos olhos, centrados na capital do país e nas capitais provinciais, não enxergavam. Cruzamos os braços e resignamo-nos diante da nossa incapacidade de palmilhar o país profundo. No entanto, as deslocamentos dos nossos repórteres ao país real, aquele que desconhecíamos e, por isso, não tínhamos autorização para dele falar, revelaram que o país realmente cresceu, mas deixaram claro que a pobreza, essa, é uma mancha cada vez maior sobre os moçambicanos.

No entanto, nesse mesmo país real desconhecem-se direitos. Ou seja, a culpa da ausência de medicamentos não se cinge, para os residentes desses locais onde a informação passa de olhos vendados, às más políticas do Governo do dia. A inexistência de um posto de saúde é um problema do próprio povo que, em período eleitoral, agradece como se de um bônus se tratasse a capulana ou camiseta com o rosto de um político qualquer que lhe impingem. A construção de uma escola não é, para estes residentes, uma obrigação do Governo.

Neste país ninguém lê manifestos ou cobra promessas. Aqui não se exige nada. Aliás, a única coisa que os residentes destas parcelas do país pedem é chuva para irrigar os campos. Vivem literalmente do que a terra dá. O resto pouco importa porque não serve para semear. O servidor público, aqui neste país, não é ninguém se não trouxer algo que sirva para distrair estes cidadãos que desconhecem direitos.

O Estado da Nação continuará bom enquanto estes cidadãos não perceberem que os seus direitos não têm de ser ditados pela natureza. Quando eles compreenderem que uma escola não significa uma caridade de um senhor todo-poderoso de 4x4 ou de helicóptero. A greve dos médicos, dos *madgermanes* e dos desmobilizados de guerra provam que o índice de cidadania continua a crescer nos espaços onde a informação corre célere e desgarrada. Mas lá no país onde o Facebook não chegou é que é preciso implantar a cidadania.

Não adianta semear a revolta aqui se nos outros espaços o voto pode ser comprado com um capulana ou com a imponência de um homem que desce dos céus. Portanto, não é preciso que o Estado da Nação seja mau para que os moçambicanos acordem. É preciso que eles acordem para que o Estado da Nação represente um perigo para o futuro de quem lhe tornou um desastre...



Boqueirão da Verdade

“Às vezes penso que o Presidente é vítima da sua capacidade empreendedora e, acima de tudo, de um desejo que para muitos de nós não faz sentido: o de deixar um legado. () Ninguém acredita que está a construir, por exemplo, um sumptuoso edifício na Julius Nyerere (e infelizmente este tem sido o argumento de alguns que até parecem instruídos) e vai abandoná-lo brevemente. Mesmo quando ele insiste que não haverá um terceiro mandato há quem força a sua recandidatura e um dos argumentos infelizmente é o edifício da Julius Nyerere. Que o Presidente esteja a pensar em deixar um legado isso ninguém pensa. Cá entre nós: que pobreza de argumento”, **Amosse Macamo**

“Na verdade, a greve dos médicos e profissionais da Saúde não terminou. O que terminou foi a greve aberta, manifestações e paralisação das atividades. Mas inicia uma outra greve, a mais perigosa de todas: a GREVE SILENCIOSA. Tal como a dos professores, esta greve certamente irá resultar em mortes. Quem vai sofrer seremos nós, porque os elefantes voam para o exterior sempre que sentem simples diarreias ou dores de cabeças”, **Lázaro Mabunda**

“Quero saudar os profissionais da Saúde por este exemplo de cidadania, luta e acreditar. A vossa luta é uma escola e uma prova cabal de que com coragem e persistência é possível LUTAR. A mensagem ficou e como se diz: “Não há noite longa que não termine em dia”. Parabéns a todos. Voltem aos vossos postos de trabalho de cabeça erguida e orgulhosos da vossa e nossa LUTA!”, **José Belmiro**

“O filme do tipo da Comissão dos Profissionais da Saúde foi mal realizado...o tipo denotava excesso de nervosismo e medo...e não foi uma conferência de imprensa. Foi sozinho à TVM...(Tirem as vossas ilações o porquê de escolher a TVM) o que sugere as seguintes hipóteses: ou foi ameaçado ou a situação salarial dele foi RESOLVIDA! Triste e vergonhoso!”, **Idem**

“Digam o que quiserem: Quero saudar o Egito pela derrota que aplicou aos Mambas esta tarde. Na verdade, a derrota dos Mambas é um imperativo nacional por forma que a verdade desportiva, de trabalho e de organização seja salvaguardada. Os Mambas não podiam nem deviam ganhar sob pena de estarmos a pactuar com uma grande mentira!”, **Ibidem**

“Guebuza e Vaquina decidiram resolver a situação salarial do presidente da Comissão dos Profissionais de Saúde Unidos! Governo de envelopes! Não me admira essa postura por parte dos nossos Governantes!”, **Matias de Jesus Júnior**

“A nomeação do grande camarada Dr. Edson Macuácuá ao cargo de CONSELHEIRO do Presidente da República Armando Guebuza com a missão

concreta de fazer “pronunciamentos regulares à imprensa em nome do Chefe de Estado” levanta-me uma pequena dúvida. Trata-se de porta-voz da Presidência da República ou do Presidente da República? A figura de CONSELHEIRO coloca-o na categoria equiparável a Ministro. Assim, ele é “mais grande” que Alberto Nkutumula, actual porta-voz do Governo, em termos de hierarquia. Com que regularidade aparecerá o PR por via do Cda. Edson a fazer “pronunciamentos regulares à imprensa”?”, **Egídio Guilherme Vaz Raposo**

“Para terminar, só para saber: O PR acaba de nomear mais UM MINISTRO para o seu gabinete, com todas as consequências financeiras que daí advêm. AFINAL HÁ DINHEIRO?”, **Idem**

“Terminou a Greve na Saúde, mas não acabou o problema. Mas percebe-se o desgaste que a mesma havia criado junto dos profissionais da Saúde, sujeito a todo o tipo de ataque e insinuações e pressões. Enxovalhados pelo patronato. Abandonados pela opinião pública informada. E pressionados com a inevitabilidade de ficarem sem salário ou perderem o seu emprego”, **Livre Pensador**

“O bom desta greve dos médicos foi perceber quem é quem na sociedade e com quem se pode realmente contar. Ficámos a saber que o FMI é o amigo da onça de sempre e inimigo do Estado Social, assim como toda a União Europeia, EUA, China, Índia, Brasil, Rússia e Japão que lhe endossam a política fiscal e financeira em Moçambique”, **Idem**

“Confirmámos novamente que as reivindicações neste país são “causísticas” e normalmente confinadas à questão da redistribuição por entre os que ganham mais. Não é uma questão de fundo. E ficámos a saber também o segredo da longevidade da FRELIMO, que, pessoalmente, duvido que venha a ser vencida nos próximos 50 anos”, **Ibidem**

“Tudo está mal, desde os programas aos meios passando pela própria formação dos professores, senão vejamos: 1- Quem elabora os programas está no gabinete e se calhar nunca deu aulas para saber a realidade por meio da prática, nem mesmo cá estudou; 2- Introduzem currículos que são meras cópias do que se faz nos outros países, com uma realidade totalmente diferente da nossa. E o resultado é: graves problemas por parte de quem lecciona e piores para quem aprende (a bem dizer, nada aprende)”, **Anísio Palma**

“3- As escolas têm problemas sérios de meios materiais, essenciais para a condução do processo docente-educativo; 4- Os recursos humanos também são produto de uma educação e formação fracas. Que qualidade terá um professor “formado” em menos de 165 dias? 5- Além de tudo há a greve silenciosa dos professores que reclamam pela melhoria dos salários”, **Idem**

OBITUÁRIO:

Jiroemon Kimura
1897 – 2013
116 anos



O homem mais velho do mundo, o japonês Jiroemon Kimura, morreu na semana passada, aos 116 anos de idade, vítima de complicações decorrentes de uma pneumonia. Estava internado num hospital em Kyotango, no Japão.

Tornou-se a pessoa mais velha do mundo a 17 de Dezembro de 2012, passando agora o testemunho a outro japonês: Misao Okawa, de 115 anos de idade.

O longo, que viveu em Kyotango, perto de Quioto, no oeste do Japão, tinha sido hospitalizado devido a uma pneumonia, em Maio. Estava naquela unidade de saúde a receber cuidados médicos e em estado muito debilitado. Não resistiu e morreu.

Segundo o livro Guinness, este japonês era desde 17 de Dezembro a pessoa mais velha do mundo, depois da morte de uma mulher de Iowa, que contava então, tal como Kimura, 115 anos de idade.

Kimura nasceu em 1897. Foi funcionário dos correios e também agricultor, numa propriedade sua. Aquando do seu 115.º aniversário, surpreendeu o mundo ao dizer que estava a aprender Inglês. Pretendia ocupar a mente, porque se sentia bem a fazê-lo.

O japonês atribuía a sua longevidade à luz do Sol. “Estou sempre a olhar para o céu, à procura do Sol”, dissera. Jiroemon Kimura deixa sete filhos, 14 netos, 25 bisnetos e 15 tetranetos.

Misao Okawa, de 115 anos, a nova pessoa mais velha do mundo, nasceu em Osaka, a 5 de Março de 1898. O Japão tem mais de 50 mil centenários, de acordo com dados do Governo apresentados em 2011.

Ficha Técnica

Av. Mártires da Machava, 905
Telefones: +843998624 Geral
+843998634 Comercial
+843998625 Distribuição
E-mail: averdademz@gmail.com

Tiragem Edição 240
20.000 Exemplares
Certificado pela



Jornal registado no GABINFO, sob o número 014/GABINFO-DEC/2008; Propriedade: Charas Lda; Director: Erik Charas; Director-Adjunto: Adérito Almeida; Director de Informação: Rui Marques; Delegado Centro/Norte: Hélder Xavier; Sub-Chefe de Redacção: Victor Bulande, Emílio Sambo; Redacção: David Nhassengo, Inocência Albino, Nelson Miguel, Sérgio Fernando, Coutinho Macanandze; Colaboradores: Milton Maluleque (África do Sul); Fotografia: Miguel Manguze; Director Gráfico: Nuno Teixeira; Paginação e Grafismo: Danúbio Mondlane, Hermenegildo Sadoque, Avelino Pedro; Revisor: Mussagy Mussagy; Director de Distribuição: Sérgio Labistour, Carlos Mavume (Sub Chefe); Administração: Sania Tajú; Internet: Francisco Chuquela; Periodicidade: Semanal; Impressão: Lowveld Media, Stinkhoutsingel 12 Nelspruit 1200.



Os nossos leitores nomearam os Xiconhocas da semana. @Verdade traça em breves linhas as motivações.

1. Médicos

Os médicos, assim do nada, suspenderam a greve. A desculpa apregoada por Jorge Arroz não agradou aos nossos leitores que não compreendem uma interrupção tão intempestiva. Os mesmos questionam o sentido da greve e a justiça que devia ser feita ao sangue dos que pereceram por causa da revolta. É que, de acordo com os nossos leitores, se o sangue dos que morreram nestes 27 dias poderia ser justificado com a causa o mesmo já não se pode dizer de quem vai morrer em sede de um protesto silencioso.

Uma mensagem que nos chegou esclarece o descontentamento dos nossos leitores: “Afinal o que ganharam os médicos com isso tudo? Afinal o Governo não dizia que aguentava com o tranco? Os que morreram nos hospitais como é que serão homenageados? Isso não é atitude de Xiconhocas?”. Se o leitor o diz, quem somos nós para discordar?

2. TVM

“Há nomes que nem vale a pena escrever para não manchar uma página de jornal que é paga para chegar aos nossos leitores”, diz um leitor e nós concordámos em género, número e grau. A atitude do porta-voz dos enfermeiros, ao suspender a greve via Televisão de Moçambique (TVM), foi um acto de traição enorme e que revela o quão nefasto pode ser um tomate podre para um multidão de elementos sãos. Contudo, o papel da TVM não é de um órgão de informação. Aquele instituição, faz tempo, funciona como o SISE ou a PRM. Não importa o quão é necessário descer de nível para lambar as partes íntimas do Governo. Antes pensávamos que a vocação para trabalhar num órgão de informação fosse a honestidade. Com a TVM aprendemos que antes disso vem a sacanice. Xiconhocas.

3. Armando Guebuza

“O Verdadeiro Xiconhoca para mim é o Presidente da República que não aceita o diálogo para minimizar os vários problemas que o país enfrenta e ainda, sem vergonha, consegue ir passear alegando visita aberta. Quem me dera que o povo lançasse pedras na sua cara”, disse um leitor. Outro acrescentou: “Xiconhoca é o Guebuza que não é sensível aos inúmeros problemas que assolam este país, nas presidências abertas anda a exhibir a sua tamanha arrogância com helicópteros que nem não são assim tão necessários...”. O povo que diz e nós não podemos impedir que o mesmo se expresse. O que o povo diz vai à missa.

Por opção editorial, o exercício da liberdade de expressão é total, sem limitações, nesta secção. As escolhas dos leitores podem, por vezes, ter um conteúdo susceptível de ferir o código moral ou ético de algumas pessoas, pelo que o Jornal @Verdade não recomenda a sua leitura a menores ou a pessoas mais sensíveis.

As opiniões, informações, argumentações e linguagem utilizadas pelos participantes nesta secção não reflectem, de algum modo, a linha editorial ou o trabalho jornalístico do @Verdade. Os que se dignarem a colaborar são incentivados a respeitar a honra e o bom nome das pessoas. As injúrias, difamações, o apelo à violência, xenofobia e homofobia não serão tolerados.

Diga-nos quem é o Xiconhoca desta semana. Envie-nos um E-MAIL para averdademz@gmail.com, um SMS para 821111, uma MENSAGEM BLACKBERRY (pin 28B9A117) ou ainda escreva no Mural defronte da nossa sede.

Xiconhoquices

Os nossos leitores nomearam as seguintes Xiconhoquices da semana.

1. Só a Frelimo pode impedir uma nova guerra

Não há dúvidas de que estamos diante de uma Xiconhoquice de bradar aos céus. A importação de uma quantidade de equipamento bélico e o desfile do mesmo pela cidade, numa demonstração clara e inequívoca das pretensões do Governo, revelam o que é primordial para os donos do país. Preferem, o que não nos devia espantar, o estrondo arrogante de uma arma do que a força apaziguadora do diálogo.

“Ninguém percebia o que realmente se estava a passar. Quando eram por volta das 21 horas, o trânsito a partir da Praça dos Trabalhadores até à avenida 24 de Julho, através da Guerra Popular, ficou condicionado no sentido sul - norte. De repente viu-se um total de 25 camiões militares novos saindo do porto que transportavam, entre armamento bélico e de grande porte à vista de todos, outros 25 veículos de marca Land Rover com um feitiço militar, todos escoltados por duas viaturas da Polícia Militar (PM) das Forças Armadas de Defesa de Moçambique (FADM)”, relata a edição online deste semanário que o leitor tem em mãos.

Aqui, no país das Xiconhoquices, o diálogo é um pecado maior. Aqui não se estabelecem pontes por via de consensos. Não se perde um metro na mesa das negociações quando é mais fácil resolver com fogo. A Xiconhoquice é uma doutrina que desconhece literalmente o diálogo. Ama a força e exhibe armas de fogo.

Portanto, nenhuma pessoa sensata deve ficar espantada com os assaltos aos paíóis e a altas patentes das Forças de Defesa e Segurança. À medida que o Governo adquire armamento para e mostra, de forma tão eloquente, que a sua prioridade reside no confronto militar, é lógico que a Renamo se prepare para uma guerra. Contudo, importa lembrar que as armas não disparam flores e ceifam vidas.

O pior mesmo é que na equação da subtracção de vidas quem tomba, regra geral, não é o proprietário do dedo que autoriza o confronto, mas a mão do soldado que prime o gatilho no meio de um fogo cruzado sobre o qual desconhece as reais motivações e a população que tão-pouco

acredita no discurso das AK's 47.

Importa, também, dizer que o interesse que se esconde por detrás do acirrar de posições, quer de um e quer do outro lado, não visa salvaguardar o desenvolvimento do povo do Rovuma ao Maputo e do Zumbo ao Índico. O que está em jogo, meus caros, é a divisão do que nos torna um país apetecível para as grandes multinacionais. A Renamo quer a sua parte do bolo. Contudo, o actual Presidente da República, que ficou milionário depois que chegou ao poder, não pretende, de forma alguma, dividir o seu filão de ouro com quem que seja. Nós, enquanto povo e uma vez que somos colocados à margem dos recursos, preferimos que o dinheiro que nos é roubado seja dividido por mais pessoas. Talvez aí possamos recolher benefícios indirectos do mesmo.

Uma guerra, na situação que o país atravessa, vai separar pais e filhos, mulheres e maridos. Vai cimentar, na mente dos moçambicanos, o tribalismo e vai justificar qualquer espécie de ódio entre irmãos. O dinheiro não nos pode dividir e, claro, não pode enriquecer tão poucos. É bom lembrar

que por mais injusta que seja a causa de quem levanta uma arma contra qualquer regime nada é pior do que a exclusão social.

A Frelimo tem de compreender que há muito pouca gente do seu lado. É bem mais fácil sentir simpatia pela luta da Renamo que nos lembra um ovo que se lança, com todas as suas forças contra um muro. As declarações de altos quadros do partido no poder revelam uma arrogância desmedida e que nos poderá colocar num barril de pólvora. Aos homens da Renamo não se pode exigir decoro e tacto nas suas manifestações. Quem deve, em última análise, respeitar a vontade do povo é o partido que governa. Não é preciso dizer que foi o povo que o elegeu. Portanto, antes de olhar para o orgulho deste ou daquele dirigente a Frelimo deve impedir, por via do diálogo, que os moçambicanos tenham medo de viver no seu próprio país.

A culpa, é bom que se diga, será sempre de quem governa. A escolha entre a paz e a guerra está ao alcance dos dedos da Frelimo. Se ela, a paz, deixar de ser uma realidade no território nacional, a Frelimo deve arcar com a culpa.

Professor algema criança numa escola em Maputo

Uma criança de sete anos de idade, cujo nome omitimos a pedido do pai, foi, há dias, algemada nas grades da I School, uma escola do ensino primário afiliada do Lápis Mágico, sita na Avenida Filipe Samuel Magaia, em Maputo, pelo seu professor, identificado pelo nome de Abdula Sidat, supostamente por ter feito travessuras com os colegas. Segundo apurámos, o malfeitor, que faz parte dos gestores daquele estabelecimento de ensino, foi expulso e, neste momento, encontra-se em Portugal sem que tenha sido criminalmente responsabilizado pelos seus actos que atentam contra os Direitos Humanos e da Criança.

Texto : Redacção

As condições de tortura psicológica e física a que o miúdo foi sujeito geraram indignação de muitos pais e encarregados de educação, a partir do momento em que tomaram conhecimento, através do nosso Facebook, de que na I School havia um docente que confundia a missão de uma escola com a dos campos de opressão.

O @Verdade soube que o pedagogo “ia, sempre, para a sala de aulas com algemas e navalhas” e recorria a esses instrumentos para amedrontar os seus instruendos e obrigá-los a permanecerem quietos no decurso das lições, apesar de se saber que a traquinice é própria das crianças, até porque a idade lhes permite agir nesse sentido.

Afirma-se ainda que forçava os meninos a quedarem-se num silêncio absoluto. Contudo, ninguém sabe ao certo quanto tempo o aluno ficou algemado e na posição em que se encontra na imagem que acompanha este texto. Facto é que, para além de ter sido humilhado diante de outros petizes da sua idade, pode passar a ter medo de frequentar as aulas.

De acordo com os depoimentos dos nossos interlocutores, não era a primeira vez que Abdula Sidat cometia uma atrocidade similar à que aconteceu com o menino a que nos referimos. Ele assustava os petizes e apresentava-se nas suas aulas como um monstro.

Aliás, próximo do pulso da mão (direita) aprisionada do petiz vê-se uma segunda algema, o que dá a ideia de que naquele estabelecimento de ensino havia muitos instrumentos de ferro para prender pessoas inocentes ou que, por mais que tenham cometido algum crime, não podem ser responsabilizadas por um facto punível, por não terem as faculdades mentais e a liberdade necessárias para avaliar os actos que praticam. No fecho da presente edição, recebemos informações segundo as quais Sidat possui três algemas.

A I School apresenta-se completamente cercada e nenhum transeunte consegue perceber o que se passa no seu interior. Por isso, a ser verdade que o docente maltratava constantemente os seus instruendos, dificilmente se pode quantificar o número de crianças que já foram algemadas e submetidas a outros tipos de castigos susceptíveis de interferir negativamente no seu processo de aprendizagem.

Um estabelecimento de ensino é uma instituição que, à partida, deverá assegurar a socialização e as competências aos



educandos, porém, “há quem tenta fazer com que os nossos filhos tenham medo de estudar”, disse um encarregado de educação que reside nas imediações da Escola Internacional e que foi abordado pela nossa Reportagem a propósito do pedagogo que levava algemas para a escola como se esta fosse uma unidade prisional.

Entretanto, o progenitor da criança ficou a par de que o seu filho não estava na sala de aulas, como era de se esperar, mas sim subjugado no pátio da escola como se fosse um malfeitor. Apurámos, igualmente que, enquanto algumas crianças se mostravam retraídas por causa dessa situação, outras, irrequietas, zombavam do colega.

“Perdoei a escola porque a minha relação com ela não é recente, mas continuo triste por causa do que fizeram ao meu filho”, assegurou-nos o progenitor.

Por sua vez, a I School endereçou uma carta de pedido de desculpas à família do petiz. Na missiva, o estabelecimento evita falar dos maus-tratos a que o aluno em apreço foi submetido, destacando que se tratou de um equívoco e que foram tomadas medidas para que problemas idênticos não se repitam.



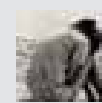
f **goste de nós no**
facebook.com/JornalVerdade

Jornal @Verdade

Caros leitores, um cidadão repórter fez-nos chegar esta imagem que ilustra uma situação desumana que não tem justificação e que aconteceu recentemente numa escola de crianças na cidade de Maputo.

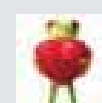
Não conseguimos ainda apurar a escolinha onde este menino foi algemado e pedimos ajuda dos nossos leitores na tentativa de identificar o local para que possamos alertar as autoridades competentes.

Quem puder ajudar envie-nos um email para averdademz@gmail.com, ou SMS para 90440/ 821111.



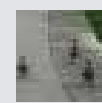
Hera De Jesus

E ainda dizem que o homem é racional, desculpem-me mas os animais tem mais sentimentos. Quanta crueldade!
13/6 às 21:43



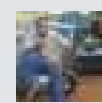
The Wow Boy

Adzindo triste!
Mas como é que conseguiram ter esta foto sem ter a localização deste lugar?
13/6 às 21:04



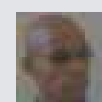
Bel Riquelme's

SymfoDesign
“Apenas um castigo? Nem crime, nem desumano” isso da boca de uma mulher????? Mesmo q as algemas sejam d brinquedo, mesmo que o menino nao esteja fisicamente machucado, será que ninguém entende que NEM A BRINCAR essa situação não é nada positiva para...13/6 às 23:33



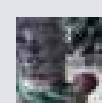
Baptista

Rafael B a pessoa que tirou a foto nao sabe ler...? Porque no lugar d tirar foto podia ter tambem ter lido a escola ou mesmo participado o caso nas autoridades e depois podia enviar ao jornal... Porque esse trabalho de detective é caro. 13/6 às 21:43



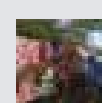
Abdullah

Abou-Shakur Cidadao comum n faz uso de algemas. Ou é policia ou é ladrao q é amigo do policia. Agora, pa escolas submeterem este tipo de trato a crianças é traumatizante e os responsaveis devem ser apanhados e pagarem pelos seus actos. Porras... onde ja se viu uma...13/6 às 22:03



Domingos

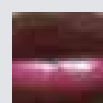
Pinto **Sampanha** isto nao se clica em GOSTO.so comenta-se kkkkk. 13/6 às 21:05



Julius Nhambe

sendo o facebook uma rede social que cada pessoa esta livre de fazer tudo que lhe apetece e normal que a pessoa que envio a foto

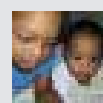
para a verdade seja ela que tirou a foto para chamar atencao de todos .pois ja vi algo que era brincadeira e a pessoa nao...
13/6 às 22:04



Yalleny de

Sousa Escolinha LAPIS MAGICO.

Conheço a historia toda. Desculpa mas esse Director merece Cadeia.
14/6 às 10:58



Mary Mats Bel

Riquelme's SymfoDesign, disseste td.

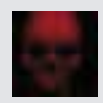
Sra. Safiya Khan, nao foi crime? APENAS um castigo?! Dr. Custodio Duma, diga alguma coisa por favor, refresque algumas memórias... ai de quem castigar meus filhos duma forma q nem precisa ser assim apenas parecida só para ver uma mãe virar leoa enfurecida... Arrriiiiiii.
14/6 às 8:03



Renato

Macuane

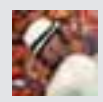
muitas pessoas fazem de tudo pra nos distrair dos reais problemas do país.
13/6 às 22:31



Edson Arnaldo

Nhansue axo k esta crianca e muito

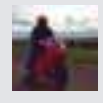
indisciplinada assim o professor castigou o gajo assim mesmo.
13/6 às 21:23



Gito Gitinho

Gitão PUTA

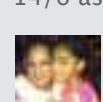
MADRE desse individuo! Esse tipo merecia levar chicotadas na praça publica! 13/6 às 21:08



Richard Bike's

Mauro Satar

.....???????????? da purrada no dono da excola, tax a expira de ke????????????? corta lhe a barba k e uma vergonha pra nox os muculmanox...
14/6 às 23:47



Zuleica

Ribeiro Khan

A escola chama-se I School, fica perto do hotel royal, na Filipe Samuel Magaia – a creche deles é o Lápis Mágico e na I School vão os mais crescidos
14/6 às 12:24

Terminou a greve mas mantém-se o vínculo doloroso com o Estado

Já não há greve dos profissionais da Saúde, nem dos médicos, e todos voltam para os seus postos de trabalho nas mesmas condições em que estavam, ou seja, sem nenhum ganho em relação às reivindicações que estiveram na origem da interrupção voluntária e colectiva de actividades nas unidades sanitárias de Moçambique. Fica a dúvida de como será, doravante, o atendimento hospitalar, pois os enfermeiros, os serventes e os médicos afirmaram continuar deveras insatisfeitos com os seus salários e com a alegada indiferença do Governo relativamente às suas preocupações. Portanto, foi uma luta para coisa nenhuma. O certo é que o vínculo entre esses terapeutas e agentes de serviço (que sacrificaram os enfermos acamados nas enfermarias e outros em tratamento ambulatorio, por um período de 27 dias) e o Estado vai permanecer penoso.

Texto & Foto: Emildo Sambo

No último sábado, 15 de Junho, o presidente da Associação Médica de Moçambique (AMM), Jorge Arroz, anunciou, junto da Comissão dos Profissionais de Saúde Unidos (CPSU), a suspensão da greve supostamente por respeito ao povo moçambicano que estava a sofrer nos hospitais devido à ausência do pessoal que decidiu, a 20 de Maio passado, ficar em casa e, por vezes, sair à rua para exigir melhores condições de trabalho.

Arroz disse que “a justiça social e a equidade não são um sonho utópico. De utópico apenas tem a arrogância de quem não percebe (as suas inquietações). O carácter oculto e aparentemente inexistente de uma atitude insensível sobressai. Ouvimos, vimos e testemunhámos actos que só sabíamos existirem nos livros da História Universal e em particular de Moçambique”.

Num outro desenvolvimento, o presidente da AMM fez transparecer a ideia de que, apesar de a sua luta ter terminado de forma infrutífera, no que diz respeito à satisfação do caderno reivindicativo apresentado ao Executivo, os profissionais da Saúde deixaram alguma lição, uma vez que a sua mágoa “jamais deverá ser interpretada de forma leviana, nem as ameaças e as intimidações destruíram os seus sonhos”.

Um sofrimento minuto após minuto

Um enfermeiro é indispensável na promoção, na manutenção e no restabelecimento do bem-estar físico, mental e social de um paciente, em todos os setores, da Unidade de Tratamento Intensivo (UTI) à Psiquiatria. Contudo, em Moçambique, desde logo após a independência nacional, em 1975, altura em que os profissionais da Saúde que estavam ao serviço do colono abandonaram o sector para Portugal, a ligação entre esses técnicos e o Estado tem sido uma lástima. O Governo parece ser incapaz de resolver, inclusive, os problemas que estorvam a efectivação do propalado atendimento humanizado nos hospitais.

A par dos médicos, são poucos os profissionais de enfermagem que progrediram laborando somente no Sistema Nacional de Saúde porque o processo montado, da formação ao local de trabalho, quase que impede que evoluam, segundo os próprios



funcionários, que precisam de fazer biscates nas clínicas privadas para aumentar as suas remunerações, para além de outras “gincanas” que fazem no seu dia-a-dia para viver com um mínimo de dignidade.

“A nós dói esta situação! É uma dor incalculável, que nos atrevemos a comparar à dor de um bisturi rasgando a nossa pele sem a devida preparação psicológica e sem anestesia... sentimos esta dor minuto após minuto, hora após hora, dia após dia...”. Estas afirmações de Arroz encorajam qualquer um que alimente o sonho de seguir a enfermagem, sobretudo, a desistir dele porque esse ofício ainda é deveras desvalorizado, à semelhança do que acontece com o os polícias e os professores.

“Estamos condenados a não progredir...”

Uma enfermeira básica, jovem, com mais de sete anos de experiência, chorou diante dos seus colegas porque, segundo o seu desabafo, estava numa profissão errada. Ela acabava de constatar que os ensinamentos e a disciplina transmitidos aos instruídos pelos institutos de ciências de saúde contrastavam, de forma vergonhosa, com as condições de trabalho e com o tratamento dado a quem tem a missão de salvar vidas nas unidades sanitárias.

Segundo essa mulher, que jurou a pés juntos ter feito o curso por vocação, mas está arrependida por não ter optado por outra formação, o primeiro obstáculo com que depara um enfermeiro que acaba de chegar ao hospital é a falta de uniforme e uma categorização a vários níveis, que na prática não fazem diferença nenhuma alegadamente porque os conhecimentos exigidos são quase os mesmos.

“Os enfermeiros dividem-se em elementar, básico, médio, geral, agente de medicina e técnico de medicina. De todos estes, o enfermeiro elementar é o funcionário menos qualificado em termos de formação, enquanto o básico, o médio e outros exercem as mesmas funções, aplicam as mesmas técnicas e ganham o mesmo salário. Honestamente, não percebo por que razão o Ministério da Saúde (MISAU) ainda forma esse pessoal que está a sofrer nos centros de saúde”, disse a nossa entrevistada cujo nome omitimos propositalmente.

Outra enfermeira disse-nos que está agastada com o tipo de tratamento que é dado aos serventes. Estes são desvalorizados mas têm muita experiência, inquestionável, do que

fazem e são eles que ensinam, também, os profissionais da Saúde recém-formados, sobretudo os estagiários, inclusive os de nível superior. “Porque marginalizar essa gente?”.

O desalento dos enfermeiros não tem apenas a ver com as precárias condições sociais a que são sujeitos, nem com a falta de equipamento de trabalho e tão-pouco com os baixos salários. Eles queixam-se do facto de o MISAU estar a impedir a continuação dos estudos, sobretudo nas áreas da sua vocação.

“O nosso maior dilema é que estamos condenados a não progredir nas nossas funções: não nos deixamos estudar e fazer os cursos que pretendemos. Eu gostaria de me formar em Psicologia mas o MISAU diz que só posso continuar na Enfermagem e só existe uma única instituição para isso – a ISCISA – e que não está voltada para o pessoal de saúde.

É uma escola aberta a todos que queiram estar na saúde, seja por vocação ou como alternativa à falta de vaga na Educação e ao desemprego. Isso desaponta-nos”, asseverou outro técnico, que compara a Enfermagem a um labirinto, do qual dificilmente se sai, a não ser que seja por abandono da área ou pedindo uma licença ilimitada e lançar-se à sorte.

Outro profissional da Saúde considerou que já não faz sentido o MISAU continuar a formar enfermeiros básicos enquanto não são tratados como devia ser. Ele contou-nos que na altura em que foi instruído, a sua professora dizia, por exemplo, que o objectivo de se ter técnicos de categoria inferior era para cobrir o défice que o país enfrentava na Saúde.

“A estratégia foi boa mas parece que não está a dar mais porque esses funcionários não têm direito a nada, nem quando são deslocados para uma localidade como chefes. Há muitas dificuldades em actualizarmos os nossos conhecimentos abraçando cursos superiores”.

ENVOLVIDO

A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

✉ SMS: 90440

📞 WhatsApp: 84 399 8634



@Verdade

O Jornal mais lido em Moçambique.

Sociedade

Homens armados assaltaram paiol das FADM em Savane e sete soldados foram mortos

Um grupo de homens armados, ainda não identificado, assaltou na madrugada desta segunda-feira (17) um paiol das Forças Armadas de Defesa de Moçambique (FADM) no posto administrativo de Savane, no distrito do Dondo, na província central de Sofala. Os atacantes, que trajavam a civil, mataram sete soldados das FADM e roubaram armas e munições em quantidades não especificadas.

Texto : **Redacção**

Segundo os soldados que sobreviveram ao assalto, e falaram sob a condição de anonimato com o nosso jornalista que esteve em Savane, cerca das três horas da madrugada de segunda-feira (17) mais de uma centena de homens trajados a civil e armados com catanas, e algumas armas, penetraram no paiol, localizado a cerca de oito quilómetros da sede do posto administrativo, que é apenas vedado por arame farpado e está cercado pela mata.

Os assaltantes começaram por disparar para o ar e agitar as suas catanas, procurando intimidar os militares que ali se encontravam, cerca de uma centena de soldados. Apanhados desprevenidos, vários a dormir depois de mais um fim-de-semana em que houve alguma “festa”, os soldados das FADM não conseguiram esboçar grande reacção embora alguns tenham conseguido pegar nas suas armas e ripostar. Na troca de tiros foram baleados alguns soldados e outros fugiram em debandada para a mata.

De acordo com alguns militares, os homens armados entraram para o local do paiol onde o armamento e as munições são guardados e apoderaram-se de metralhadoras, do tipo AK-47, morteiros, bazucas, granadas e munições em quantidades não especificadas.

Renamo ameaça impedir circulação rodoviária e ferroviária no centro do país

A Renamo, o maior partido da oposição, disse na última quarta-feira que irá impedir a circulação de viaturas, entre o rio Save e Muxúnguè, transportando pessoas e bens, e de comboios nos troços Beira-Moatize e Beira-Marromeu, na província de Sofala, para inviabilizar a movimentação de armamento e militares em direcção a Sathundjira, Gorongosa, onde se encontra Afonso Dhlakama.

Paralelamente, a Renamo irá reforçar o raio de defesa daquela região para salvaguardar a segurança do seu líder, e interditar todos os movimentos da Força de Intervenção Rápida (FIR). “As forças da Renamo vão-se posicionar para impedir a circulação de viaturas levando pessoas e bens, porque o Governo usa essas viaturas para transportar armamento e militares à paisana, para se concentrarem nas proximidades de Satungira e atacar o presidente Afonso Dhlakama”, disse Jerónimo Malaguetta, chefe da informação daquele partido.

O anúncio foi feito durante uma conferência de imprensa na qual a Renamo se distanciou dos ataques ao paiol das Forças Armadas de Defesa de Moçambique (FADAM), no posto administrativo de Savane, distrito de Dondo, em Sofala, que resultou no roubo de diverso material bélico e na morte de sete militares.

“Os acontecimentos de Savane, ou por outra, o assalto ao paiol de Savane não tem nada a ver com as forças de defesa e segurança da Renamo. Quando a Renamo atacou o quartel da Força de Intervenção Rápida assumiu e apontou as razões”, explicou.

Para Malaguetta, o facto de o Governo ter saído a afirmar que o assalto tinha sido protagonizado por homens da Renamo é apenas uma manobra para enganar a sociedade moçambicana e a comunidade internacional.

“O descontentamento generalizado causado pela exclusão pode fazer surgir outros moçambicanos a recorrerem ao uso das armas para desalojar este Governo que discrimina os moçambicanos, criando uma oligarquia que se torna opulenta a olhos vistos em contraposição com a maioria dos moçambicanos. O ataque ao paiol de Savane é o espelho clarividente das contradições que existem no seio do partido Frelimo, que dia após dia se tornam mais visíveis”.

Três soldados foram mortos a catanada no local. Outros dois morreram na sequência da troca de tiros. Um outro soldado, que esteve desaparecido e chegou gravemente ferido ao Hospital Central da Beira, acabou por não resistir e perdeu a vida na tarde desta terça-feira (18).

Amedrontados pelos confrontos, os residentes do posto administrativo de Savane abandonaram as suas residências e procuraram refúgio no distrito de Dondo e outros até na cidade da Beira.

Na segunda-feira o tráfego rodoviário na região de Savane esteve interrompido e dois comboios, que deveriam ter partido da cidade para Moatize, não se imobilizaram na estação. Entretanto, foram destacados para a região várias dezenas de polícias, agentes das Forças de Intervenção Rápida, militares e mesmo agentes do SISE que, segundo o Ministro do Interior, Alberto Mondlane, estão no encalço dos assaltantes.

Quem são os assaltantes?

A identidade dos assaltantes permanece uma incógnita. O Governo, através dos Ministros do Interior e da Agricultura, José Pacheco, afirmou que não tem dúvidas de que o assalto foi protagonizado por homens da Renamo.

Contudo, o comandante provincial da polícia em Sofala, Joaquim Nido, afirmou que não foi possível identificar os atacantes. “Em nenhum momento nós conseguimos identificar se são indivíduos que pertencem a uma formação política como a Renamo (...) é mais um caso de perturbação a ordem pública” afirmou Joaquim Nido, nesta terça-feira (18), fazendo um balanço deste assalto em conferência de imprensa.

Presidente Guebuza condena ataque e apela ao diálogo

Ainda na terça-feira (18) o Presidente da República, Armando Guebuza, condenou, de forma veemente, as acções violentas que vêm sendo perpetradas por algumas pessoas no país e que resultam em derramamento de sangue, apelando a todos os moçambicanos a pautarem pelo diálogo para ultrapassar as suas diferenças.

“Nós não queremos sangue, porque os moçambicanos não se alimentam de sangue. Nós não gostamos de sangue, por isso não aceitamos que haja pessoas que gostem de sangue dos seus irmãos.

Essas pessoas, quando vêem outros irmãos a perderem o seu sangue vivem com esta satisfação”, disse Guebuza, citado pela Agência de Informação de Moçambique.

“Se há diferenças, temos de continuar a dialogar como sociedade, em que cada um apresente o seu ponto de vista e, assim, continuarmos a construir este nosso país, sem derramamento de sangue”, apelou ainda o estadista moçambicano.

Não queremos guerra

Na sua intervenção, Malaguetta referiu que a Renamo não pretende que haja guerra, mas sim “um país de inclusão em todas as esferas da vida”, e que atacar os quartéis da FIR não resolve o problema. Assim, a interdição de circulação de viaturas e comboios visa “fragilizar a logística dos que fazem sofrer os moçambicanos, sujeitando-os à escravatura”.

“A morte de um jovem da FIR para o Governo não representa absolutamente nada, pois, em seguida recruta mais 100 para os mandar para o campo de guerra sem nenhuma preparação militar adequada. Assim, a Renamo não pretende eleger os jovens militares ou paramilitares como seus alvos, até porque não queremos guerra”, justifica.

Plano para assassinar Afonso Dhlakama

Malaguetta denunciou um suposto plano para assassinar Afonso Dhlakama, alegadamente orquestrado pelo Presidente da República e Comandante-em-Chefe das Forças Armadas de Defesa de Moçambique, Armando Guebuza. Segundo explicou, o Chefe do Estado ordenou uma ofensiva militar nas zonas de Marínguè e Inhaminga para atacar as forças de protecção da Renamo e o aumento dos efectivos militares que cercam o distrito de Gorongosa, em especial o local onde se encontra o líder da Renamo.

Para sustentar as suas palavras, o chefe de informação da “perdiz” invocou a “chegada de mais forças especializadas, como comandos, à pista Kangalitole, a famosa Casa Banana, e ao posto de Vandúzi, no distrito de Gorongosa. (...) Encontram-se neste momento em Sofala, para além do Tenente-General Paulino Macaringue, Chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas de Defesa de Moçambique, e o Comandante do Exército, Major General Mussa e outras patentes superiores para orientarem a ofensiva”.

Importação de equipamento militar

Na sexta-feira da semana passada, chegou ao país, através do porto de Maputo, uma quantidade considerável de equipamento bélico importado pelo Ministério da Defesa Nacional. Trata-se de 25 camiões militares novos que transportavam armamento de grande porte e outros 25 veículos de marca Land Rover com um feitiço militar.

A baixa da cidade de Maputo registou um movimento desusado de militares que, ao que parecia à primeira vista, se preparavam para escoltar uma caravana militar. E, quanto mais o sol “se escondia” na noite que “ganhava espaço”, mais homens devidamente fardados se fizeram às ruas, substituindo os polícias de trânsito que estavam ao longo da avenida Guerra Popular na baixa da cidade até ao entrosamento com a 24 de Julho.

Ninguém percebia o que realmente se estava a passar. Quando eram por volta das 21 horas, o trânsito a partir da Praça dos Trabalhadores até à avenida 24 de Julho, através da Guerra Popular, ficou condicionado no sentido sul - norte. De repente viu-se um total de 25 camiões militares novos saindo do porto que transportavam, entre armamento bélico e de grande porte à vista de todos, outros 25 veículos de marca Land Rover com um feitiço militar, todos escoltados por duas viaturas da Polícia Militar (PM) das Forças Armadas de Defesa de Moçambique (FADM).

A caravana seguiu em direcção ao Ministério da Defesa, na avenida Julius Nyerere e, de lá, presume-se que parte dela tenha partido na terça-feira, dia 18, em direcção à zona centro do país pois a Renamo diz que “mais de 35 camiões militares e cinco autocarros transportando elementos das Forças Armadas e de Intervenção Rápida, bem como material de guerra saíram com destino a Gorongosa, Marínguè e Inhaminga com o fim de atacar as forças da Renamo”.

Destaque

“A partir da Quinta-feira, 20 de Junho de 2013, a Renamo vai impedir a circulação de viaturas, transportando pessoas e bens, entre o rio Save e Muxúnguè, e de comboios nos troços Beira-Moatize e Beira-Marromeu”



Julito Langa Eh esse dinheiro gasto q dvia ser pago aos funcionarios publicos... Porqè tamanha qantidade de armamento se ha Paz e queremos a Paz? Pra equipar a FIR da frelimo pra continuar a intimidar e esturpar o povo inoncent... 14/6 às 22:49



Emilio Carlos Machel Machel nao me digam que “bolaram” o country e nos nao sabemos...! Hum???? O partidao ja anda muito assustado com os ultimos incidentes e com o indice de descontentes que aumenta dia pos dia... dai que estao a preparar a defensiva contra os seus filhos que el...15/6 às 6:41



Ussene Ossufo Ali Tou contigo meu irmao e faço das tuas palavras minhas e mesmo que se armem ate aos dentes, um dia cairao. Aonde ta Khadafi, Saddam Hussein, Mobutu Sese Seko, Laurent Gbagbo, entre outros? **Gosto 2** 15/6 às 13:27



Roberto Xavier Semente Para todos q xtão comtra a FRELIMO, não é avossa culpa, o inimigo do povo Moç ozou um movimento dos prostituta pulitico “ renamo” para intoroper as Escola para o povo perder visão revoltar cortra o bem star deles próprio. Interoperam a educação pulitico para q o povo não descobrir em a origem como q fundado. E aprevetaram a gentelesa da FRELIMO por o respeitarem o burro para pervenir o barolho. A FRELIMO tentou dgesticar o animal selevagem q não foi possivel. Puta é puta não muda, tão igual com animais bravos nãoose domestica. VIVA FRELIMO, abaxa puatas políticos satanas inimigo de DEUS. 15/6 às 13:07



Celso Mangué Olha Roberto, aqui o problema nao e' exatamente a FRELIMO mas sim o Presidente da Repub., pos no's sabemos k mesmo dentro duma casa nem todos concordam com as decisoes do chefe da familia mas sendo todos da mesma casa acabam sendo espelho da mesma casa, isto e', quem toma decisoes no governo...? Quem privatiza tudo e todos os bens do estado...? Qual foi outro presidente k viu tantas manifestacoes no seu mandato...? Quem diz k a pobreza e' mental mas meia volta diz k o pais e' pobre quando o assunto e' reajustar o salario dos Mocambicanos(medicos)...? quem assiste a pobreza dos mocambicanos d Helicopteres..? pork quem tem cargo de chefia, euforindo um salario acima de 40.000Mt tem direito a viatura 0km, combustivel, casa, rancho, viagem ate escola dos filhos free... pare e reflita nao pense so em ti pork todos no's damos duro por este pais**Gosto 2**

Malfeitores à solta estupram e matam em Nampula

De há tempos para cá, encontra-se, à solta, na cidade de Nampula, um grupo de malfeitores a criar pânico, viola sexualmente e assassina as suas vítimas. Só este mês, duas jovens e uma adolescente foram estupradas e mortas em situações ainda por serem esclarecidas. Dois crimes deram-se quase da mesma forma, facto que leva os residentes de Mutauanha, Muhala-Expansão e Napipine a desconfiarem de que se trata do mesmo conjunto de indivíduos de mau carácter que está a cometer tais actos.

Texto: Coutinho Macanandze • Foto: Miguel Manguzeu	
<p>Ana Saluco Gabriel, de 17 anos de idade, frequentava o curso nocturno na Escola Secundária de Muatala na cidade de Nampula. Ela foi agredida sexualmente e depois assassinada, na noite do dia 04 de Junho corrente, quando voltava das aulas.</p> <p>O crime deu-se no bairro de Mutauanha, numa zona comumente chamada “Mercado Nputo” e que tem a má fama de ser propensa a assaltos com recurso a armas brancas. A referida área, segundo populares, é bastante movimentada por jovens que se dedicam ao consumo de bebidas alcoólicas de fabrico caseiro, devido à falta de ocupação, e, também, há uma proliferação de barracas e residências cujos proprietários tendem a exercer a mesma actividade como fonte de rendimento.</p> <p>De acordo com a Polícia e com os familiares da vítima, os autores desse crime hediondo, ainda em parte incerta, depois de alcançarem os seus intentos, arrastaram o corpo da adolescente, totalmente nu, para as imediações da sua residência, onde permaneceu até por volta das 09 horas do dia seguinte, altura em que a Polícia de Investigação Criminal (PIC) e os médicos legistas se fizeram ao local.</p> <p>O acto e o estado (despido) em que a vítima foi encontrada chocaram a população da urbe a ponto de exigir que a Polícia da República de Moçambique (PRM) trabalhasse no sentido de descobrir as pessoas que assassinaram Ana Gabriel.</p> <p>Especula-se que os supostos bandidos sejam indivíduos que desejavam manter um namoro com a adolescente e que tenham optado por assassiná-la como forma de não serem identificados e denunciados, uma vez terem estuprado a vítima.</p> <p>Em Novembro do ano passado, uma adolescente foi igualmente agredida mortalmente. A PRM deteve alguns cidadãos indiciados de cometer esse crime e, neste momento, estão a ver o sol aos quadradinhos.</p>	<p>bém morreu em situações ainda por esclarecer. Ela não foi vítima de cópula forçada mas sofreu golpes com instrumentos contundentes e os bandidos arrancaram-lhe os olhos para fins desconhecidos, de acordo com a Polícia.</p> <p>Relativamente a esse caso, o estranho é que os pretensos homicidas não levaram nenhum documento, nem o telemóvel de Raquel.</p> <p>Mais um corpo sem vida no bairro de Napipine</p> <p>Ainda em Nampula, uma cidadã que em vida respondia pelo nome de Paula Netos, de 27 anos de idade, foi encontrada sem vida na noite desta terça-feira, 18, depois de ter sido violada sexualmente por cidadãos desconhecidos. O acto ocorreu no bairro de Napipine, no quarteirão número 27, nas imediações de um posto policial.</p> <p>Os parentes da malograda contaram ao @Verdade que a vítima foi descoberta ainda na noite do mesmo dia em que se deu o crime. À semelhança do que aconteceu com Ana, Paula estava sem nenhuma peça de vestuário. Contudo, o corpo só foi removido para a morgue do Hospital Central de Nampula na quarta-feira depois da autorização da PIC. Nenhuma pessoa está detida em conexão com o caso.</p> <p>Polícia sem pistas</p> <p>Miguel Bartolomeu, chefe de Relações Públicas no Comando Provincial da PRM em Nampula, reconheceu à nossa Reportagem que a população vive momentos de insegurança devido a esses assassinatos e a identificação dos autores não é um trabalho fácil. “Ainda não existe nenhuma pista que possa levar à prisão de alguém no sentido de ser responsabilizado por esses acontecimentos”.</p> <p>Em relação ao delito registado no bairro da Muhala-Expansão, Bartolomeu explicou que se tratou de um ajuste de contas. O mesmo acontece relativamente à morte de uma adolescente no bairro de Mutauanha.</p> <p>Pela distância que separa as duas regiões é possível que os crimes tenham sido protagonizados pelo mesmo grupo de pessoas.</p>

Caros leitores

Pergunta à Tina... Porque é que o meu filho se masturba tanto?

Olá, caríssimos. Esta semana os profissionais da Saúde decidiram voltar aos seus postos de trabalho. Todas as semanas, a coluna recomenda que as pessoas procurem as unidades sanitárias para encontrar ajuda, principalmente quando têm alguma doença. Por essa razão, nós estamos solidários com os profissionais da Saúde, e esperamos que, com brevidade, os seus direitos sejam respeitados e as promessas sejam honradas. Nesta coluna, falamos sobre saúde sexual e reprodutiva. Por isso, se queres saber mais...

Enviem-me uma mensagem através de um sms para **821115**
E-mail: **averdademz@gmail.com**

Olá Tina, espero que estejas bem de saúde e teu trabalho esteja a decorrer da melhor forma possível. Tenho muitas questões, mas coloco só uma. Tenho um filho de 23 anos me confessou hoje que se vem masturbando desde os 14 anos e não está a conseguir abandonar a prática. É como um vício, chega a ponto, segundo ele, de se masturbar duas a três vezes por semana. O que faço? Será que ele continuará bem psicologicamente? Já não suporto. Ajuda-me.

Olá minha querida. Imagino, primeiro, o constrangimento que deve ser para um mãe ouvir o filho falar de algo tão íntimo. Mas, começo por tranquilizar-te: Não há nenhum problema nesta situação. A própria literatura sobre o desenvolvimento dos adolescentes oferece explicação. Diz-se que a masturbação faz parte da vida das pessoas desde a infância, e na adolescência ela se intensifica com a descoberta do próprio corpo. E nos rapazes, isto é mais comum e mais intenso, pois eles passam por toda aquela fase de acordarem com o pénis erecto, e vão descobrindo que podem ter prazer ao friccioná-lo. Isso até é uma forma saudável e importante para ele conhecer o seu corpo e saber o que gosta e não gosta de fazer, e para as suas relações futuras. Infelizmente, a nossa sociedade, principalmente por causa dos tabus religiosos, critica a prática da masturbação. Mas, se os rapazes e raparigas não se masturbarem, eles acabam por, ou procurar relações sexuais precoces com outras pessoas, ou reprimindo a sua própria sexualidade. A repressão sexual é muito mais perigosa. O importante é saberes dele se tem dificuldades de se relacionar sexualmente com outras pessoas, e se sim o que é que torna isso difícil. Pode ser algo que podes ajudá-lo a ultrapassar. Escreve-nos ou pede-lhe que escreva para investigarmos juntos. Relaxa.

Boa noite Tina. Eu quero saber porque sai água da vagina da minha namorada durante o acto sexual. Chamo-me Castro

Olá Castro. Hehehe...essa pergunta já passou por aqui. Muitos homens ficam assustados com isto, e começam a acusar as suas parceiras de serem aguadas, etc. Nada disso! Vou começar por explicar que, durante os preliminares ao acto sexual, a mulher, quando fica excitada, vai libertando um líquido branco e viscoso, que lubrifica a entrada da sua vagina. É a forma natural de ela se preparar para a penetração do pénis. Em algumas mulheres, este líquido pode ser muito e noutras ser pouco. Entretanto, há outro fenómeno que ocorre com algumas mulheres, que se chama ejaculação feminina. Nem todas as mulheres conseguem isso. Aquelas que conseguem ejacular libertam um líquido através da uretra (o canal por onde também passa a urina), em forma de jacto. Não é urina, atenção! Em qualquer dos casos, não há nada de errado nisto; pelo contrário, significa que a tua parceira chegou a um orgasmo.

Seis militares espancam um jovem em Maputo

Enquanto as Forças Armadas de Defesa de Moçambique (FADM) no posto administrativo de Savane, no distrito do Dondo, na província central de Sofala, sofrem baixas, na capital do país, seis militares munidos de duas armas de fogo e uma baioneta, cujos nomes não foram apurados, espancaram brutalmente um cidadão identificado pelo de nome José Miguel, de 25 anos de idade, no sábado passado, 15 de Junho, no bairro da Maxaquene “D”, por causa da disputa de uma cadeira.

A vítima, que estava na companhia de dois amigos e uma rapariga a beberem cerveja numa barraca chamada “Trintinha”, nas proximidades da sua casa, contou ao @Verdade que o caso se deu por volta das 22 horas. A dado momento da bebedeira, a jovem dirigiu-se ao balneário e, de repente, surgiram três jovens das FADM, tendo deslocado, à força, a cadeira da moça para outro lugar alegadamente porque um deles pretendia acomodar-se e ninguém podia impedir tal intenção.

Perante essa situação, José Miguel tentou ir buscar o assento a fim de repô-lo onde fora retirado mas foi recebido com socos e pontapés pelos militares. A confusão instalou-se no local, enquanto os jovens das FADM exibiam as suas técnicas aprendidas nos campos de instrução militar, o que originou que alguns cidadãos se afastassem do local em debandada.

José disse à nossa Reportagem que não percebe por que motivo foi violentado a ponto de ficar alguns dias acamado sem se locomover devido aos ferimentos contraídos na perna esquerda, no seu rosto e no pescoço. Algumas pessoas que se encontravam na barraca “Trintinha”, por conhecerem a brutalidade com que alguns elementos das FADM têm agido em situações como a que aconteceu com o nosso entrevistado, fugiram por medo de serem também espancadas.

Os agressores pediram reforço

Apercebendo-se do pandemónio, facto que, em parte, inviabilizava o negócio, o proprietário do estabelecimento comercial quis proteger o nosso interlocutor do pior, puxou-o para o interior da sua residência e trancou as portas. Entretanto, essa atitude foi malvista pelos militares e pareceu-lhes uma provocação, por isso, pediram a intervenção de três colegas que vieram de algures munidos de duas armas de fogo e uma baioneta.

Com esse reforço, os supostos “arruaceiros” passaram de três para seis, o que deixou José apreensivo e certo de que corria perigo. Sem delongas, ele pediu ao dono da barraca para que chamasse a mãe e a esposa.

Estas, quando chegaram ao sítio da confusão, deram de caras com o seu familiar nas mãos dos elementos das FADM a implorar para que o libertassem.

Passados alguns minutos, os militares simularam que a briga havia terminado e, por via disso, iam embora. José e os amigos preferiram continuar a conviver longe da “Trintinha”, mas essa intenção foi frustrada porque os seis jovens estavam à espera do seu alvo à saída da mesma barraca. Surpreenderam a vítima com um golpe ligeiro à facada no pescoço. De seguida, sem se preocuparem com o sangramento, esmurram-na, pontapearam-na e a arrastaram-na pela Avenida das Forças Populares de Libertação de Moçambique (FPLM).

Ninguém teve a coragem de intervir no sentido de evitar essa brutalidade. Os malfeitores atiraram José para o interior das instalações do Instituto de Investigação Agrária de Moçambique (IIAM) e, posteriormente, foi trancado no quartel por alguns minutos.

A mãe da vítima contactou a 12ª esquadra, no bairro de Mavalane, para pedir o auxílio da Polícia de Protecção. Seis agentes dessa corporação saíram numa viatura com o intuito de resgatar o jovem mas, chegados ao quartel, disseram que não podiam entrar porque estariam a invadir uma propriedade alheia.

Face ao pronunciamento da Polícia, a senhora ficou desesperada, suplicou e fez entender a dois elementos da PRM que o seu filho corria perigo de vida nas mãos dos membros das FADM. Enquanto se pensava numa forma de entrar no quartel, José estava a ser restituído à liberdade, por volta da meia-noite.

O nosso entrevistado pede às autoridades, sobretudo ao Ministério da Defesa Nacional, para que ponham freio na conduta de alguns elementos das Forças Armadas de modo que não ataquem cidadãos indefesos.

Apagada a memória dos CFM em Inhambane

Já temos uma geração que não sabe que a cidade de Inhambane esteve ligada à vila de Inharrime por linha férrea. Foram retirados todos os carris – de aço – num percurso de cerca de 100 quilómetros e levados para destinos incertos. No lugar por onde passava a via foram erguidas casas e, em alguns troços, abriram-se ruas para a passagem de carros. Já não se vê por onde é que as máquinas a vapor circulavam.

Texto & Foto: Alexandre Chaúque

No sábado, 01 de Junho, a Reportagem do @Verdade testemunhou, surpreendida, a retirada de uma velha locomotiva, uma carruagem e um tanque-cisterna, dos antigos hangares para a cidade de Maputo. Perguntámos aos homens que estavam envolvidos na acção, qual era o destino daquele património pertencente à cidade de Inhambane e disseram-nos que era para um museu em Maputo.

Ficámos admirados, contactámos, telefonicamente, o presidente do Conselho Municipal de Inhambane, Benedito Guimino, para lhe pôr ao corrente da situação e ele respondeu-nos que desconhecia o assunto. “Não tenho conhecimento de nada, mas vou ligar para o director dos CFM para perceber melhor o que está a acontecer”.

Enquanto falávamos com Guimino, os camiões e as gruas da empresa de transportes “Lalgy” movimentavam-se no seu trabalho que parecia irreversível. A questão que nós colocámos ao edil é se aquela herança histórico-cultural, pertencendo à cidade de Inhambane, porque era levada para ornamentar museus de outras paragens.

“Eu penso que tens razão, aquelas máquinas fazem parte do nosso património”. E tudo indica que as ordens passaram por cima do presidente da edilidade.Os Caminhos-de-Ferro de Moçambique (CFM) em Inhambane têm um espaço de tremenda inveja.




Olhando-se para os altivos hangares, para a sugestão artística que eles nos oferecem, somos completamente arrebatados e obrigados a propor que aqueles edificios deviam ser reabilitados e mantidos ali os respectivos equipamentos que agora se encontram em Maputo. Ainda no mesmo espaço temos a infra-estrutura da estação, que entra em bela harmonia com tudo aquilo e a cidade de Inhambane só ficaria a ganhar com a instalação, ali mesmo, de um museu que simultaneamente









funcionaria como um centro cultural. Mas alguém pensou de forma diferente, e retirou aos manhambanas esse inalienável direito e privilégio de ter uma obra arquitectónica daquele nível.

Antes da retirada da velha locomotiva, da carruagem e do tanque-cisterna, o lugar em si já estava abandonado, e agora, sem essas as máquinas, vai ficar mais sombrio ainda. Era belo ver o comboio circular, nas manhãs e nos fins de tarde, ou à noite, entre Inhambane e Inharrime. A circulação da composição com várias carruagens desempenhava um lado social muito importante, pelos baixos custos que representava para o utente.

Também havia o lado turístico a assinalar, porque ao viajar-se de locomotiva a sensação que se tem é outra, mas tudo isso foi esquartejado, já não haverá memória dessa história rica. Os que quiserem saber mais sobre os CFM de Inhambane terão, a partir de agora em diante, de ir a Maputo. A estação de Inharrime, onde estivera instalada a terminal das locomotivas, era de uma beleza única, mas hoje está transformada em prostíbulo, com poucas possibilidades de voltar, pelo menos a breve trecho, a ostentar a sua postura. Isso faz-nos lembrar que vivemos num país em que as pessoas se preocupam muito pouco com as memórias, com os locais históricos, impedindo as gerações vindouras de saber de onde vieram.

Previsão do Tempo	
Sexta-feira 14 de Junho	
Zona SUL	
	Tempo ameno com céu geralmente limpo. Ocorrência de neblinas matinais ou nevoeiros locais. Vento de noroeste fraco a moderado.
Zona CENTRO	
	Céu pouco nublado a limpo. Possibilidades de ocorrência de neblinas ou nevoeiros matinais locais. Vento de nordeste a leste fraco.
Zona NORTE	
	Céu pouco nublado localmente limpo. Possibilidade de ocorrência de neblinas ou nevoeiros matinais locais. Vento de sueste a nordeste fraco

Sábado 15 de Junho	
Zona SUL	
	Continuacao de Tempo ameno com céu geralmente limpo. Ocorrência de neblinas matinais ou nevoeiros locais. Vento de nordeste a noroeste fraco.
Zona CENTRO	
	Tempo ameno com céu geralmente limpo. Ocorrência de neblinas matinais ou nevoeiros locias. Vento de do quadrante norte fraco.
Zona NORTE	
	Céu pouco nublado com períodos de limpo. Possibilidade de ocorrência de neblinas ou nevoeiros matinais locais. Vento de nordeste a leste fraco.

Domingo 16 de Junho	
Zona SUL	
	Céu geralmente limpo com períodos de nublado. Ocorrência de neblinas matinais ou nevoeiros locais. Vento de nordeste a noroeste fraco, rodando para sudoeste.
Zona CENTRO	
	Tempo ameno com céu com períodos de limpo. Ocorrência de neblinas matinais ou nevoeiros locias. Vento de do quadrante norte fraco.
Zona NORTE	
	Tempo ameno com céu pouco nublado. Possibilidade de ocorrência de neblinas ou nevoeiros matinais locais. Vento de nordeste fraco.
Fonte: Instituto Nacional de Meteorologia	

TDM vão custear as despesas do tratamento de Sheila

Texto : Alexandre Chaúque

Na nossa publicação da última sexta-feira, 14 de Junho em curso, veiculámos uma matéria segundo a qual desde o dia 24 de Maio passado, Sheila Macarala, de oito anos de idade, residente no bairro de Mavalane “A”, na cidade de Maputo, corria o risco de não voltar a ser uma criança normal, devido a uma lesão grave causada pela queda de um poste da empresa Telecomunicações de Moçambique (TDM), estando a menina com dificuldades de se alimentar, e tendo perdido parcialmente a audição, a visão e a fala.

Relativamente ao assunto, a firma assume as responsabilidades e garante que vai custear em 100% as despesas, dado que o poste que causou a mazela é seu, para além de a mãe da menor ser viúva e desprovida de recursos e condições necessárias para fazer face ao problema.

A instituição diz que lamenta profundamente o que aconteceu à petiza, e reitera que estão em curso diligências visando apurar as causas do acidente e evitar a ocorrência de outras situações similares. “Logo que os gestores da empresa tomaram conhecimento do ocorrido, constituíram uma equipa de trabalho para proceder ao acompanhamento do caso”.

A referida equipa deslocou-se ao Hospital Central de Maputo, no dia 06 de Junho, para uma visita à vítima com o objectivo de se inteirar do seu estado de saúde junto dos médicos que a assistiam, explicam as TDM numa resposta enviada ao nosso Jornal. O documento da empresa chegou depois do fecho da edição passada (240), mas por causa do princípio do contraditório, que é uma regra de ouro no @Verdade, optámos por publicar a sua versão no formato online ao longo da semana e fazemo-lo igualmente na presente publicação. “De acordo com a informação médica fornecida, a menor estava em processo de exames específicos (audiometria), pois apresentava sequelas na audição e visão, o que impossibilita o seu regresso às aulas no presente ano lectivo, pois o seu estado

clínico é crítico, o que poderá determinar o recurso a cuidados especiais”.

A firma explica ainda que na sexta-feira, 07, a criança recebeu alta médica, com a recomendação de continuar o tratamento em regime ambulatorio a partir da segunda-feira, 10, incluindo a realização de outras consultas.

Devido ao agravamento do quadro clínico da criança e dado o relatório da Médica-chefe que apontava para uma nova necessidade de internamento, a equipa diligenciou a transferência da menor para a clínica do Hospital Central de Maputo, onde neste momento se encontra a receber os devidos tratamentos.

Diga-nos quem é o

XICONHOCA





O Pulsar Da Cidade



Departamento Comercial

Av. Mao Tsé Tung 479

Cel: 823074773 / 84341323

Tel: 21 483637

Fax: 21 486835

Recenseamento: Abertura tardia dos postos e morosidade desincetivam cidadãos

Apesar de o problema das impressoras estar minimamente resolvido, os cidadãos que pretendem recensear-se continuam a queixar-se da abertura tardia dos postos, o que lhes faz desistir, e da falta de flexibilidade na recolha dos dados por parte dos membros das brigadas, para além das avarias do equipamento.

Para colmatar esta situação, o Secretariado Técnico da Administração Eleitoral criou uma equipa de supervisão, que tem como objectivo controlar todas as operações e assegurar o aprovisionamento do material junto das brigadas. A equipa vai, igualmente, explicar ao seu pessoal sobre os documentos que devem ser aceites para que um cidadão se possa recensear.

Entretanto, em Gaza, nos postos administrativos de Messano, Mazivila, Chissano e Macuane, localizados no distrito da Macia, província de Gaza, não haverá recenseamento eleitoral, apesar de terem sido formados indivíduos para o efeito. Segundo a directora provincial do Secretariado Técnico da Administração Eleitoral de Gaza, Maria Ombi, esta situação deve-se ao facto de terem recebido ordens a nível do STAE sede segundo as quais o processo deverá ocorrer apenas nas jurisdições das autarquias, e não nos distritos onde estas se localizam, tal como estava previsto.

"Esta ordem é extensiva a todos os distritos, não só o da Macia. Os postos administrativos de Messano, Mazivila, Chissano e Macuane não pertencem ao município da vila da Macia, por isso não podemos realizar o recenseamento lá", disse, acrescentando que os membros das brigadas formados não irão receber pelo tempo em que estiveram à espera (entre os dias 25 de Maio e 15 de Junho). "É verdade que eles foram formados e nós dissemos que deviam ficar à espera do material. Mas eles não assinaram nenhum contrato, por isso não têm direito a nenhum valor. Nós só pedimos desculpas".

Já em Maputo, o posto localizado na Escola Secundária de Magoanine funcionou apenas com um membro das brigadas na segunda-feira, o qual era auxiliado pelo fiscal do partido Frelimo. Tentativas de ouvir o director distrital do STAE de KaMubucwane, a quem nos foi aconselhado contactar pelo director da cidade, redundaram num fracasso. Na cidade da Beira, em Sofala, alguns supervisores continuam a recusar documentos de identificação previstos na lei, alegadamente para evitar que muitas pessoas recorram a cédulas e bilhetes de identidade antigos para se recensearem, bem como prevenir situações de duplo registo.

06/15/2013 11:42 | by @Verdade

Corte de energia eléctrica no município de Nampula, desde as 5h deste sábado, impediu a abertura da maioria dos postos de recenseamento. O posto na EP1 da Pedreira é dos poucos que está a recensear graças a energia fornecida por um gerador

06/15/2013 12:43 | by @Verdade

O posto na EPC de Chindeque, no município de Ulongue, estava aberto contudo parou de recensear a meio da manhã devido a ausência de alguns dos brigadistas. Vários cidadãos aguardavam na fila. O brigadista presente quando se apercebeu da presença do observador eleitoral recomeçou o recenseamento.

06/15/2013 17:49 | by @Verdade

O posto na ES de Milange, no município de Milange, abriu às 8 horas e o recenseamento decorreu sem problemas técnicos. Assinalar um pequeno incidente, devido aos fiscais dos partidos que passavam cidadãos na fila, que necessitou da intervenção do agente da polícia.

06/15/2013 18:17 | by @Verdade

O posto em Koluane, no município do Chibuto, abriu cedo mas o recenseamento foi interrompido entre as 10h e 14h30 devido a problemas com o gerador de energia eléctrica. O posto encerrou as 16 horas, foram recenseados 9 eleitores e um veio rectificar cartão com problemas.

06/16/2013 10:44 | by @Verdade

O posto na varanda do sr. Charamadane, no município de Pemba, abriu as 8 horas e o recenseamento está a decorrer com lentidão porque a impressora algumas vezes não imprime ao primeiro comando. Muita afluência de cidadãos para serem recenseados.

06/16/2013 11:05 | by @Verdade

O posto na EP Polana Caniço "B", no município de Maputo, abriu mas não está a recensear porque acabaram os tinteiros para impressões dos cartões dos eleitores.

06/16/2013 11:44 | by @Verdade

O posto na EPC 1º de Maio, no município de Inhambane, abriu as 8 horas e o recenseamento decorre sem problemas. Um jovem cidadão foi impedido de recensear por não conhecer o nome do chefe do quarteirão onde reside.

06/16/2013 16:34 | by @Verdade

O posto na escola de Muthita, no município de Nampula, abriu mas esteve parada esta manhã pois não tinha tinteiros para a impressão de cartões. Haviam vários cidadãos a aguardar.

06/16/2013 16:36 | by @Verdade

O posto na EPC Eduardo Mondlane, no município de Mocuba abriu e recenseou sem problemas técnicos. Esta manhã houve grande afluência de cidadãos e alguma confusão que obrigou a intervenção da polícia.

06/16/2013 17:11 | by @Verdade

O posto na EPC Josina Machel, no município de Chimoio abriu as 8 horas mas o recenseamento foi interrompido 9 horas devido avaria do equipamento informático. O técnico foi solicitado e só chegou às 13h30. Assim que o equipamento foi reparado o recenseamento recomeçou. Muita afluência de cidadãos.

06/16/2013 17:15 | by @Verdade

O posto no bairro 25 de junho B, no município de Maputo, só abriu depois das 9 horas devido a atraso dos brigadistas. Segundo eles o equipamento só funciona na presença do técnico que só se fez presente cerca das 9h40. O recenseamento teve início mas após registar 2 eleitores a máquina avariou.

06/16/2013 20:22 | by @Verdade

O posto na EP1 Unidade 5 Inhamissa, no município de Xai-xai, encerrou as 13 horas devido a falta de energia eléctrica. Foram recenseados 26 eleitores.

06/16/2013 20:27 | by @Verdade

O recenseamento esteve interrompido cerca de uma hora na tarde deste domingo no posto 220, no município de Mandlakazi, devido ao aquecimento do computador. O posto encerrou as 16 horas deixando duas cidadãs que se apresentaram por recensear.

06/16/2013 20:28 | by @Verdade

O posto na EPC da Macia, no município da Macia, encerrou as 16h09. Recenseou 109 eleitores. Muitos cartões apresentavam os dados impressos pouco visíveis.

06/16/2013 20:45 | by @Verdade

Share # <http://www.verdade.co.mz/live-blogs/eleicoes-autarquicas-2013/arquivo?livedeskitem=1504.25> O posto na varanda do sr. Charamadane, no município de Pemba, fechou as 16 horas o recenseamento decorreu

bem assinalar que não está a ser dada prioridade a mulheres grávidas, mulheres com bebés e idosos. Foram recenseados 55 eleitores, 23 mulheres e 32 homens.

06/17/2013 22:26 | by @Verdade

O posto na Es vila Nova, no município do Chimoio, parou de recensear as 14 horas quando acabaram os tinteiros para a impressão dos cartões de eleitores. No mesmo recinto escolar decorre um reunião do partido Frelimo.

06/18/2013 08:40 | by @Verdade

O posto na EPC 1 de Maio, no município de Catandica, abriu as 8 horas faltava um dos elementos da brigada mas com o equipamento operacional o recenseamento teve início. Fraca afluência, que pode ser justificada pelo muito frio que está a fazer.

06/18/2013 10:36 | by @Verdade

O posto na EPC Coca Missava, no município de Xai-xai, abriu as 8 horas com a presença de toda brigada. Contudo o recenseamento não iniciou porque o tinteiro acabou e foram buscar ao STAE.

06/18/2013 10:37 | by @Verdade

O posto na Unidade 1, no município de Xai-xai, abriu as 8 horas, faltavam dois brigadistas mas mesmo assim o recenseamento teve início. Não havia afluência de cidadãos nas primeiras horas.

06/18/2013 14:00 | by @Verdade

O posto na Escola Profissional de Massinga, no município da Massinga, abriu as 8h10 com a presença de todos brigadistas e o equipamento operacional. Recenseamento decorre lento devido a demora no processamento dos dados introduzidos no computador.

06/18/2013 14:13 | by @Verdade

Share # <http://www.verdade.co.mz/live-blogs/eleicoes-autarquicas-2013/livedeskitem=230.0> O posto na EPC Fepom, no município do Chimoio, abriu e o recenseamento decorreu bem até cerca das 12 horas quando acabaram os tinteiros da impressora.

06/18/2013 14:16 | by @Verdade

O posto na EP1 Ntota, no município de Nampula, voltou a não recensear nesta terça-feira porque a impressora continua avariada. Desde ontem que o STAE veio buscar o equipamento para reparação e até a manhã desta terça-feira não resolveu.

Vai te RECENSEAR



SMS: 90440
(válido nas redes 84 e 86 ao custo de 2 Mt)

até 23 de Julho para poderes votar
Depois conta-nos: # Foi fácil? # A equipa foi simpática?
Havia uma fila longa? # Tiveste algum problema?



Email: averdademz@gmail.com



WhatsApp: 84 399 8634



BBM Pin: 2A8BBEFA

Democracia

Relatório sobre a aplicação do Orçamento do Estado é omissivo

Uma pesquisa feita e publicada pelo Centro de Integridade Pública (CIP) demonstra que, em muitos aspectos, o Relatório de Execução Orçamental (REO) referente a 2012 é omissivo relativamente à aplicação do Orçamento Geral do Estado.

Texto: Redacção • Foto: Miguel Manguze

Na sua análise ao REO, o CIP constatou que há falta de transparência no que diz respeito

às despesas de bens e serviços prestados às instituições públicas. O REO de 2012 aponta que as despesas com bens e serviços passaram de quase 11 biliões de meticalis no ano de 2011 para cerca de 14,3, um aumento de 1,8 por cento.

Adicionando a esta percentagem, nomeadamente a rubrica de "outras despesas correntes," não especificadas, chega-se à conclusão de que o peso conjunto destas componentes passou de 21% para 23%, um aumento de dois por cento. Entretanto, parte destas encargos, como a aquisição de bens e prestação de serviços ao Estado, o pagamento de diversos serviços necessários ao funcionamento eficiente e eficaz da máquina administrativa do Estado, não está claramente explicada no relatório.

Assim, sublinha o CIP, o cidadão ainda não é informado sobre o que Estado gasta, anualmente, na aquisição e reparação de viaturas, compra de mobiliário, aquisição de combustível, workshops, viagens dos funcionários, entre outros. "Todos estes factores fazem com que a componente bens e serviços do Orçamento do Estado não seja clara nem transparente".

Por outro lado, as operações financeiras do Estado em 2012 englobaram as activas e passivas. As operações activas (empresas públicas e outras participadas pelo Estado) custaram um total de, aproximadamente, 2,2 biliões de MT, uma redução de quase 50% se comparado com 2011.

Deste montante, as empresas públicas absorveram 85%, contra 97,5% em 2011. Todavia, ainda não existe informação pública sobre as despesas e receitas das contas destas empresas.

Quedas não explicadas nos sectores prioritários

O Sistema Nacional de Saúde definiu a área de VIH/SIDA como prioritária por se considerar que o alastramento desta pandemia pode minar o desenvolvimento económico do país. Contudo, os fundos alocados para este subsector sofreram uma queda substancial, de 179 milhões de meticalis para 104 milhões.

Esta situação, entretanto, não é acompanhada pelas devidas explicações. "O sector da Saúde registou um crescimento de 12% mas não explica a queda substancial de 42% da execução orçamental na subárea de VIH/SIDA (de 179 milhões de MT para 104 milhões de MT)".

Outras quedas não explicadas incluem os níveis de execução orçamental na agricultura e desenvolvimento rural (4,5%) e na acção social (4,4%).

O CIP apurou ainda que existe uma grande disparidade entre as receitas previstas e cobradas pelas instituições públicas. Os valores que são inicialmente previstos pelas entidades que fazem



a recolha de impostos divergem de forma significativa dos valores finais colectados, que nalgumas vezes são muitos elevados ou então muitos baixos. Este cenário, para a entidade responsável pelo estudo, pode "ser indicativo de lacunas na área da planificação." Entretanto, o REO "não apresenta as razões das disparidades."

No ano passado, por exemplo, do total de receitas arrecadadas, as instituições do Estado a nível central tiveram maior capacidade de colecta, com 2,7 biliões de meticalis (110%) deixando para trás as do nível provincial e distrital que tiveram 401 milhões de meticalis (85%) e 90 milhões de meticalis (54%), respectivamente.

Mas, por outro lado, "dentro da componente das receitas não fiscais, o nível global de execução das receitas próprias situou-se entre os 3,2 biliões de meticalis, uma execução de 103 por cento, ou seja, superou o previsto em três pontos percentuais e cresceu em pouco mais de nove por cento em relação a 2011.

Este desempenho, contudo, não mostra as grandes diferenças da capacidade de cobrança de receitas próprias entre os vários níveis da administração pública e no seio de cada instituição.

O estudo aventa a possibilidade de isto dever-se ao facto de haver uma maior demanda dos serviços do Estado (licenças, despachos e documentos oficiais) aos níveis central e provincial do que a nível distrital.

REO ignora receita das autarquias

De acordo com o documento do CIP, o relatório que temos vindo a citar não faz menção às receitas arrecadadas pelos municípios, limitando-se a apresentar as do nível central, provincial e distrital. Este facto pode estar a contrariar a lei que confere autonomia às autarquias para cobrarem impostos, pois as receitas destes, uma vez arrecadadas, devem ser tornadas públicas e justificadas a sua aplicação, o que neste momento não acontece.

Outro aspecto que é deixado na penumbra, no relatório, é referente à aplicação das somas resultantes da tributação de mais-valias. É que em Setembro do ano passado, (2012), o Estado anunciou ter recebido 175 milhões de dólares resultantes da aplicação de taxa de 12,8% sobre as mais-valias obtidas na venda da empresa irlandesa Cove Energy ao grupo estatal PTT Exploration & Production da Tailândia.

Entretanto, a aplicação deste valor, que não estava prevista no orçamento de 2012 e que por isso a sua injeção foi extraordinária, não é explicada. "É verdade que o número 2 do artigo 34 da Lei n.º 9/2002 de 12 de Fevereiro do SISTAFE confere ao Estado a competên-

cia de efectuar reforços de verbas do orçamento, desde que os mesmos sejam devidamente fundamentados. Se esse tiver sido o caso em 2012, o REO não torna pública esta fundamentação".

Receita dos megaprojectos ainda é ínfima

Relativamente às receitas provenientes dos megaprojectos, o estudo refere que apesar de estas terem quase duplicado de 2011 para 2012, passando de 2,8 biliões de meticalis para cerca de 5,6 biliões, ainda continuam "bastante ínfimas."

"O peso dos megaprojectos nos cofres do Estado ainda não passa dos 15%, menor do que em 2011. Adicionalmente, apesar de a sua contribuição por via do IRPC ter crescido de 7,8% em 2010 para 11,2% em 2012 ainda não é a maior fonte de receitas para o Estado", aponta.

O CIP aponta ainda para uma redução, de 5,13 biliões de meticalis para 3,96 biliões, dos subsídios concedidos pelo Governo para minimizar os efeitos da elevação de preços de combustível, trigo, entre outros.

A qualidade da despesa não é discutida

O estudo critica ainda o facto de os Relatórios de Execução Orçamental se limitarem a discutir a execução orçamental do ponto de vista financeiro, ignorando a análise qualitativa da mesma. E esclarece que ter níveis de execução orçamental rondando os 88% na Educação pode ter pouco significado se o tecto das salas de aulas construídas ruir em menos de cinco anos após a sua construção e ainda causar danos humanos irreparáveis.

E sublinha que "apesar das extensas demonstrações numéricas feitas no REO, a análise qualitativa da execução orçamental é inexistente."

Por outro lado, o REO peca também por não estabelecer nenhuma relação entre este relatório e o Plano Económico Social (PES) no balanço deste último.

"O aspecto qualitativo do orçamento é fundamental para o cidadão na medida em que o ajudam a ter uma dimensão do impacto dos gastos públicos a vários níveis," refere adicionando que uma análise qualitativa da execução orçamental deveria ser efectuada e apresentada de forma resumida no REO.

ENVOLVIDO

A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440

WhatsApp: 84 399 8634

@Verdade

O Jornal mais lido em Moçambique.

Democracia

“Não faz sentido ter menores e adultos na mesma cela”

Moçambique tem sido duramente criticado por não ter conseguido, até hoje, adoptar medidas que permitam a separação, na cadeia, de menores em conflito com a lei dos adultos, o que, para Célia Claudina, directora executiva da Rede de Comunicadores Amigos da Criança, não faz sentido. Para além desta situação, ela chama a atenção para o facto de o número de menores delinquentes estar a aumentar no país. “Os mais velhos, por saberem que as crianças não podem ser responsabilizadas criminalmente, usam-nas para a prática de delitos de diversa natureza. Urge encontrar uma solução para este problema”. Em relação aos direitos da criança, a nossa entrevistada considera que, apesar de o país ter um dos quadros legais mais perfeitos da África Austral, ainda há muito que se fazer pois o que falha não são as políticas, mas sim a sua implementação. “O Governo tem de traçar programas e definir, no seu orçamento, a verba olhando para os direitos e necessidades das crianças. O que me leva a afirmar que o Governo deve alocar fundos em função das necessidades de cada área, neste caso a das crianças, é que tem-se notado que os sectores-chave têm sido os menos privilegiados nos orçamentos. E não se pode negligenciar a questão da criança. Ela constitui cerca de metade da nossa população”.

Texto: Victor Bulande • Foto: Miguel Manguenze

@Verdade (@V) – O que é a Recac?

Célia Claudina (CC) – A Recac (Rede de Comunicadores Amigos da Criança) é uma rede nacional de jornalistas e profissionais da comunicação social que se dedicam inteiramente ou têm particular interesse em reportar e documentar assuntos relacionados com a criança. Usamos o termo “comunicadores” porque inclui trabalhadores das rádios comunitárias, que são, na sua maioria, voluntários.

Quando foi criada em 2007, como um projecto do MISA Moçambique, em parceria com o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), a rede tinha como objectivo massificar a informação sobre a criança nos órgãos de comunicação, e a sua qualidade. O que pretendemos é ver mais assuntos sobre a criança, e com qualidade.

Também pretendemos influenciar e participar na definição de políticas e colocar os assuntos sobre a criança nos media. Resumidamente, a Rede de Comunicadores Amigos da Criança, entre outras acções, monitora e analisa a cobertura da imprensa moçambicana em relação às temáticas relevantes e pertinentes para a criança.

@V – E como é que é desenvolvido o trabalho da rede? Em que consiste?

CC – O trabalho da nossa organização é feito de várias formas. Monitoramos os media sobre como eles reportam os temas ligados à criança, a sua abordagem. Olhamos para a questão das políticas públicas, se há lacunas que não permitem que os direitos da criança sejam respeitados (na íntegra). Vemos se os órgãos de comunicação social e os seus colaboradores observam a ética e a deontologia profissionais.

Trabalhamos também em estreita coordenação com os jornalistas e os órgãos de informação no sentido de promover a publicação de assuntos sobre a criança. Fazemo-



-los perceber que, se forem bem abordados, o seu impacto será positivo, tanto na família, como na sociedade.

E no que diz respeito à promoção do interesse e publicação destes temas, a organização tem um fundo de apoio a jornalistas. Para além disso, temos um relatório que é lançado de dois em dois anos, e fazemos formações sobre assuntos da criança.

A rede organiza uma série de actividades, que incluem formações regulares para a capacitação dos jornalistas e comunicadores filiados. São produzidas análises regulares e recomendações para os media sobre a cobertura de assuntos relacionados com a criança.

São organizados debates públicos com especialistas sobre os mais variados temas relacionados com os direitos da criança. Produzimos materiais de referência para jornalistas e comunicadores, tais como guias de fontes e guias práticos sobre aspectos éticos na cobertura jornalística sobre este assunto.

Os membros da Recac participam também em campanhas para a adopção e implementação de políticas e legislação que assegurem o respeito dos direitos da criança.

@V – Como é que funciona o fundo de apoio a jornalistas?

CC – O fundo de apoio a jornalistas é um concurso aberto a membros da rede. Nós criamos a logística necessária aos jornalistas que pretendam abordar assuntos ligados à criança. Os interessados fazem uma proposta específica, dão o panorama do que pretendem abordar. Depois, isso tudo é avaliado por um júri constituído pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade Eduardo Mondlane (ECA – UEM), Rede de Comunicadores Amigos da Criança (Recac) e pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF).

@V – Que análise a Recac faz da situação da criança no país?

CC – Houve ganhos, mas ainda há muito por se fazer. Temos desafios pela frente. Em relação aos ganhos, posso falar do pacote de leis sobre a criança. Porém, apesar disso, essas leis têm de ser reguladas.

No que diz respeito aos desafios, tal deve-se à dinâmica que caracteriza o nosso país. Refiro-me à questão do VIH/SIDA, criança de rua, casamentos prematuros. A criança tem de ser chefe de família, conceber antes de o seu corpo estar preparado para tal, entre outros problemas.

O nosso país tem um dos índices mais altos de casamentos prematuros. Dados do Inquérito Demográfico e de Saúde de 2003 indicam que 18 por cento das mulheres de 20 a 24 anos casaram-se antes dos 15 anos de idade e 56 por cento antes dos 17 anos.

Estudos de casos concluíram que cerca de 8 por cento de raparigas em idade

escolar tinham sido abusadas sexualmente e que cerca de 35 por cento foram assediadas sexualmente.

@V – As províncias do nosso país têm características diferentes. Será que isso também se reflecte quando se fala da situação da criança?

CC – Claro. Embora seja difícil dizer qual é a região mais crítica, a província da Zambézia apresenta níveis preocupantes de pobreza na infância. Cerca de metade das crianças daquele ponto do país está privada de cinco ou sete dos seus direitos. Vive abaixo da linha de pobreza. Em Tete temos a questão da mineração. Por mais que a criança não esteja directamente envolvida, ela é, até certo ponto, afectada.

@V – Qual tem sido o direito mais violado?

CC – Quando se trata de direitos, todos são tratados de igual forma. Não podemos dizer que o direito X é mais violado que o Y.

@V – E qual tem sido o papel do Governo?

CC – O Governo tem de traçar programas e definir, no seu orçamento, a verba olhando para os direitos e necessidades das crianças. O que me leva a afirmar que o Governo deve alocar fundos em função das necessidades de cada área, neste caso a das crianças, é que se tem notado que os sectores-chave têm sido os menos privilegiados nos orçamentos. E não se pode negligenciar a questão da criança. Ela constitui cerca de metade da nossa população. Há mais de 10 milhões em todo o país.

@V – Então o problema está na implementação de políticas?

CC – Claro. Moçambique tem, talvez, o quadro legal de protecção da criança e dos seus direitos mais perfeito da região austral de África. O que o Governo tem de fazer é implementá-lo. O que falta não são políticas, mas sim a sua materialização.

Em 2004 foi iniciada uma reforma legal que logrou aprovar a Lei da Família, o Código de Registo Civil, uma Lei de Proibição de Acesso de Menores a Locais de Diversão Nocturna, a Lei de Promoção e Protecção dos Direitos da Criança, a Lei da Organização Jurisdicional de Menores e a Lei sobre o Tráfico de Pessoas, em particular Mulheres e Crianças. Mas falta implementá-las.

@V – Olha-se apenas para o papel do Governo. E o dos pais? Eles não são chamados à responsabilidade?

CC – É claro que são chamados. Mas se os pais não conseguem garantir os direitos das crianças, o Governo também não está a cumprir o seu papel. Quem assinou a Convenção dos Direitos da Criança, ratificado em Abril de 1994, foi o Governo. Ele comprometeu-se a respeitar todos os direitos da criança africana.

continua Pag. 13 ➔

Democracia

“As crianças criadas em centros de acolhimento não têm a noção de família”

@V – É legítimo apostar na criação de centros de acolhimento para crianças que por alguma razão estejam a viver numa situação de vulnerabilidade?

CC – O que se pretende ou deve ser feito não é introduzir ou construir mais centros de acolhimento pois as crianças crescem sem a noção de família. Devemos, sim, apostar na criação de famílias de acolhimento, que podem ser biológicas ou não.

Temos de resgatar os valores morais e culturais. Dantes, as famílias tomavam conta das crianças. Quando um peiz perdesse os pais, aparecia, por exemplo, um tio que cuidava dele. Hoje isso não acontece.

Aliás, a Lei de Família obriga as pessoas mais próximas a cuidarem dos menores, mas ninguém a cumpre. Não se sabe porquê, talvez seja por desconhecimento. O Ministério Público, os Serviços de Acção Social ou o Governo deviam olhar para esta questão.

@V – Não foi para contornar essas situações que se introduziu a adopção?

CC – Nós ainda não temos a cultura de adopção. Quando

se fala de filiação, olha-se para a internacional, a que é feita por cidadãos estrangeiros. Mas é mais complicada porque há uma série de requisitos que são exigidos.

O outro problema prende-se com o facto de o Estado não ter mecanismos de controlo ou monitoria. É difícil saber se a criança adoptada será bem tratada ou se engrossará o número das que são usadas no mercado da prostituição infantil.

No que diz respeito à adopção interna, feita por cidadãos nacionais, ela tem de ser divulgada, para além de que o Governo deve criar condições para que nada falhe. Temos casos de crianças que são levadas das zonas rurais para a cidade sob o pretexto de virem estudar. Mas quando cá chegam deparam com um cenário diferente daquele que imaginavam, ou seja, tornam-se empregadas, cuidam das outras crianças.

@V – Há um fenómeno novo que está a acontecer pelo menos na cidade de Maputo. O número de crianças na rua tende a diminuir.

CC – Não é verdade. Elas (as crianças) não estão a aban-

donar as ruas. Estão em centros abertos, onde elas dormem, mas de dia é possível encontrá-las a pedir esmola, a lavar carros ou a prestar outros serviços. O que acontece é que nós passamos pelas artérias nas primeiras horas do dia, quando nos dirigimos aos nossos postos de trabalho e vemos os passeios vazios.

@V – Há uma impressão de que quem está (mais) preocupado com os direitos das crianças são as organizações não governamentais. É verdade? Ou a acção do Governo é que não se faz sentir?

CC – Não. As organizações não governamentais estão e trabalham no país como resultado de um acordo com o Governo. Portanto, não diria que o Governo se eximiu das suas responsabilidades. Ele tem várias formas de velar pelos direitos dos cidadãos, no geral, e das crianças, em particular.

Segundo, as organizações da sociedade civil têm um limite de acção. Por exemplo, não podem desenhar políticas. Por isso é que digo que não é correcto afirmar que o Governo não está a cumprir o seu papel no que diz respeito aos direitos das crianças.

Publicidade



Cursos

Moçambique

Sistema de Gestão de Qualidade: Normas ISO 9001:2008 e Ferramentas Gestão da Qualidade



Com o objectivo de capacitar os profissionais da área de Qualidade a interpretar e implementar os requisitos da norma NM ISO 9001:2008, a **KPMG Auditores e Consultores, SA** em parceria com a **CFQ-Consultoria Formação e Qualidade**, promoverá, nas suas instalações, durante 5 dias de **01 a 05 de Julho de 2013**, um **Curso de Formação em “Sistema de Gestão de Qualidade: Normas ISO 9001:2008 e Ferramentas Gestão da Qualidade”**.

Esta formação é destinada aos Gestores da Qualidade, Gestores de Sistemas Integrados (Qualidade, Ambiente e Segurança), Técnicos da Qualidade do sector público e privado, Auditores internos de Sistemas de Gestão de Qualidade, Consultores na área de Gestão da Qualidade e profissionais envolvidos na Implementação de Sistemas de Gestão da Qualidade.

O curso será administrado por profissionais da **KPMG Auditores e Consultores, SA** em parceria com a **CFQ-Auditores e Consultores, SA** com vasta experiência em Implementação de Sistemas de Gestão da Qualidade, Auditoria interna de Qualidade, Reengenharia de Processos de Negócio e em Desenvolvimento Organizacional no geral.

O custo por participante é de **38.000,00MT (incluindo IVA)**, valor que inclui os 5 dias de formação, todo o material de apoio ao curso, certificado e os serviços logísticos a serem disponibilizados aos participantes. As inscrições devem ser efectuadas, até o dia **27 de Junho de 2013**, no endereço abaixo:

KPMG Auditores e Consultores

Rua 1.233, n.º 72C, Edifício Hollard, Maputo

Tel: +258 21 355 200 | Fax: +258 21 313 358

O conteúdo da formação e eventuais dúvidas podem ser esclarecidos junto de Sandra Nhachale pelo e-mail snhachale@kpmg.com ou Cláudia Tivane pelo e-mail: ctivane@kpmg.com.

“Os adultos usam as crianças para a prática de crimes”

@V – Vários relatórios têm criticado o Estado por permitir que menores em conflito com a lei partilhem celas com adultos. Qual é a actual situação do país?

CC – É crítica! Mas o Estado está a envidar esforços no sentido de inverter este cenário, através da criação de centros de recuperação de crianças em conflito com a lei. Não faz sentido ter menores e adultos na mesma cela.

Apesar disso, não deixa de ser preocupante o facto de os casos de crianças em conflito com a lei estarem a aumentar no país. Um estudo sobre as crianças em conflito com a lei concluiu que pelo menos 25 por cento dos presos eram menores de 18 anos de idade, e que 18 por cento eram menores de 16 anos.

@V – Estão a aumentar porquê?

CC – Os adultos, por saberem que as crianças não podem ser responsabilizadas criminalmente, usam-nas para a prática de crimes de diversa natureza. Urge encontrar uma solução para este problema.

Análise da cobertura jornalística aos assuntos da criança*

Embora os media tenham mais artigos em relação aos anos anteriores, a qualidade continua aquém do desejado, pois é necessário que o seu trabalho traga riqueza de elementos, com uma contextualização, menção à legislação, comparação entre os dados colhidos de fontes oficiais e dados alternativos ou verificação da fiabilidade dos mesmos, que permita uma tomada de consciência por parte da sociedade sobre a necessidade de se respeitar e fazer cumprir os direitos da criança e, consequentemente, um debate com vista ao alcance de soluções para assuntos como a violência, o abuso sexual, a participação da criança, entre outros.

as vezes em que, ao cobrir temas relacionados com a criança, os jornalistas procuram descortinar a existência de políticas públicas ou então trazer a opinião dos principais actores ou especialistas. A maior parte dos artigos relacionados com a criança pautam pela ausência de investigação e devem-se à concentração em eventos oficiais sem uma sustentação aprofundada dos factos.

A criança raramente é consultada quando se reporta algo sobre a comunidade, ainda que lhe diga respeito, mesmo quando é o mote do artigo.

**Relatório “A Criança na Imprensa – 2011”, da Rede de Comunicadores Amigos da Criança*

Continuam a ser poucas

Marrupa: A pacata vila municipal

Os primeiros anos de municipalização de Marrupa são caracterizados por enormes desafios, desde a falta de água canalizada, passando por inexistência de transportes públicos municipais, até à ausência de um plano de estrutura municipal. Diga-se, de passagem, que a pacata vila cresce à mercê das paupérrimas contribuições fiscais dos munícipes, da agricultura de subsistência e do comércio informal, consolidando-se como uma autarquia. Porém, o desemprego e a fome tiram o sossego à população.

Texto & Foto: Helder Xavier

Localizada na província nortenha do Niassa, Marrupa é a vila sede do distrito com o mesmo nome e ascendeu à categoria de município em 2008. A autarquia, com uma população maioritariamente rural estimada em 23.485 habitantes, debate-se com problemas de diversa natureza cuja solução se vai tornando uma miragem a cada dia que passa. Porém, a questão da fome e do desemprego é o que mais tira o sono aos munícipes.

A vila municipal é um potencial produtor agrícola do distrito. Além do comércio informal que emprega centenas de pessoas, a actividade predominante no município é a agricultura de subsistência. Dentre as culturas, destacam-se o milho, a mapira, a mandioca e a batata-doce, cujos níveis de produção tendem a apresentar-se promissores. Mas, nos últimos tempos, sobretudo na presente campanha agrícola, Marrupa tem vindo a sofrer uma queda substancial na produção de milho, principalmente devido às chuvas.

Diga-se, em abono da verdade, a ausência de precipitação tem comprometido a produção de algumas culturas, tais como o milho e a mapira, além de hortícolas, deixando a população sob ameaça de não ter o que comer nos próximos dias que já se mostram bastante difíceis. A salvação tem sido a mandioca e a batata-doce que não são comercializadas por razões de segurança alimentar.

Não só a fome preocupa os munícipes, mas também o elevado índice de desemprego, facto que coloca, sobretudo, os jovens num drama sem precedentes. A falta de emprego continua a ser a principal dor de cabeça. Na verdade, em Marrupa, não há oportunidades de emprego, tanto na administração do posto como no comércio local. A solução tem sido o auto-emprego.



A economia do município é impulsionada pelo comércio informal, onde diversas actividades comerciais sobressaem aos olhos dos transeuntes. Apesar disso, a cada ano que passa a contribuição fiscal dos munícipes tem vindo a crescer. A título ilustrativo, no primeiro ano da municipalização, as autoridades municipais colectaram perto de 300 mil meticais e, até ao ano passado, as receitas rondavam à volta de um milhão e meio de meticais por ano.

Urbanização

O município de Marrupa ocupa uma área de 360km² e é constituído por 12 bairros. Quase todos se debatem com problemas de diversa ordem, desde o acesso limitado a água, passando pela precariedade das vias públicas até às construções desordenadas. Entretanto, a questão de urbanização ainda é um desafio, uma vez que o município não dispõe de um plano de estrutura. Porém, os locais ainda não povoados foram divididos pela edilidade em áreas, nomeadamente comerciais e para as infra-estruturas do Estado, além da reserva de talhões para os jovens desenvolverem as suas actividades e projectos.



Não se pode falar de urbanização da vila de Marrupa, visto que esta ainda é um município com construções desordenadas, colocando grandes desafios à edi-

lidade na delimitação dos terrenos e abertura de vias de acesso. Segundo o Conselho Municipal, a guerra civil provocou uma perturbação enorme no que tange ao ordenamento territorial.

No que diz respeito à rede viária, antes da municipalização a situação era preocupante, uma vez que quase todas as estradas estavam intransitáveis, ou seja, não existiam vias de acesso. A vila contava apenas com uma única estrada principal. Presentemente, Marrupa dispõe de estradas que permitem o acesso entre a zona de cimento da autarquia e os bairros periféricos. Em algumas zonas residenciais, houve diversas intervenções, nomeadamente a abertura de vias públicas e o alargamento. Mas as ruas são ainda de terra batida e, de acordo com a edil, Marta Romeu, o plano não priorizava a asfaltagem.

“A nossa promessa era permitir o acesso aos bairros que compõem o município e não incluía a colocação do asfalto. No entanto, estamos satisfeitos por termos conseguido fazer isso ao longo do mandato”, disse. Durante a abertura de estradas, o município gastou mais do que disponha com indemnizações.

Importa salientar que na vila de Marrupa, grande parte do solo é susceptível à erosão devido aos acentuados declives e o elevado índice de pluviosidade.

ACONTECEU
A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440 WhatsApp: 84 399 8634

@Verdade
O Jornal mais lido em Moçambique.

Maruupa



Acesso a água potável

Não é apenas a fome e o desemprego que estão a deixar os munícipes à beira do desespero. Também a falta de água para o consumo humano. Diga-se, em abono da verdade, que não existe água canalizada a nível da autarquia. O problema que já tem “barbas brancas” é do conhecimento das autoridades locais, e não só, que pouco têm feito para mudar o cenário. A desculpa mais invocada é a falta de recursos financeiros. Consequentemente, os moradores são obrigados a caminhar todos os dias longas distâncias para obter o precioso líquido.

Há sensivelmente cinco anos, a vila municipal de Marrupa dispunha de apenas 19 furos de água. Presentemente, conta com 29. Em termos de cobertura no seu fornecimento, o nível actual é de 16 por cento, contra os anteriores 11 por cento. Porém, esta percentagem pode vir a aumentar ainda este ano, uma vez que o Conselho Municipal projecta construir mais 10 poços mecânicos ainda neste mandato prestes a terminar.

Refira-se que a falta de água potável tem martirizado mulheres e crianças. Ter um poço tradicional no recinto da casa é um luxo do qual poucas pessoas podem usufruir. Todos os dias, dezenas de munícipes, sobretudo as donas de casa, têm de acordar às 4h00 da manhã e percorrer pelo menos três quilómetros para obter água.

Ao longo da estrada, é comum a imagem de mulheres, jovens e crianças com recipientes de água na cabeça, revelando o drama por que passam os residentes de Marrupa, diariamente. Trata-se de um problema que persiste há anos. Na tentativa de solucionar o problema, a edilidade, fazendo

uso dos poucos recursos à sua disposição, tem vindo a promover concursos públicos para a abertura de poços mecânicos, porém, não tem havido participação de alguns empreiteiros, pois tem sido bastante difícil encontrar água no subsolo da vila, uma vez que o lençol freático encontra-se a grandes profundidades.

Saneamento do meio, rede eléctrica e transporte público

O município de Marrupa não dispõe de uma lixeira municipal, com condições de aterro, tão-pouco meios circulantes suficientes para a recolha de resíduos sólidos na vila, razão pela qual o problema de lixo na via pública está longe de ser ultrapassado. Os detritos, principalmente os resultantes do comércio informal, têm vindo a tomar de assalto a autarquia, pondo a descoberto a ineficiência das autoridades municipais.

De forma gradual, assiste-se à expansão da rede eléctrica. A maioria dos munícipes não tem electricidade nas suas respectivas casas e os que dispõem dela queixam-se de que não chega nas condições desejáveis. A iluminação pública também ainda é precária, mas a edilidade garante que a situação tem vindo a melhorar à medida que a vila cresce.

Não existe transporte público municipal em Marrupa e, muito menos, operadores privados. Grande parte dos residentes, que não possuem meios circulantes próprios, é obrigada a caminhar pelo menos sete quilómetros para chegar até à vila. Os chapas fazem apenas as ligações interdistritais, principalmente às 4h00 da manhã.



Município de Marrupa em números

Vereações: 4
População: 23.485 habitantes
Área: 360km²
Bairros: 12
Furos de água: 29
Água canalizada: 0
Consumo de água potável: 16 por cento
Energia: 18 por cento
Trabalhadores do município: 50
Unidades sanitárias: 2
Receitas anuais: 1.500.000
Licenças anuais: +200

Saúde e Educação

Em Marrupa, os problemas de saúde são frequentes. Malária e diarreia lideram a lista de casos mais reportados naquela autarquia. Porém, a questão ligada à saúde materno-infantil preocupa a população, apesar de terem aumentado, nos últimos anos, os partos institucionais a nível do distrito. Presentemente, o município conta apenas com um centro de saúde que será transformado num hospital rural.

O acesso aos cuidados sanitários ainda é uma preocupação e o desafio é melhorar o número de unidades para o efeito de modo a incrementar a capacidade de a população poder beneficiar dos serviços básicos de saúde, que neste momento se configuram insuficientes. Apesar de o Conselho Municipal não possuir competências na área de Saúde (e também Educação), interveio na construção de dois postos de saúde, facto que vem aliviar o sofrimento dos munícipes daquela vila.

No que diz respeito à Educação, a edilidade construiu quatro escolas, expandindo a rede escolar para alguns bairros do município onde centenas de crianças eram forçadas a percorrer longas distâncias para encontrar um estabelecimento de ensino.

Perfil do distrito de Marrupa

Localizado no extremo Centro-Leste da província de Niassa, Marrupa tem uma superfície de 17.273km² e uma população estimada em 53.937 habitantes. A população é jovem e maioritariamente feminina. O distrito é constituído por três postos administrativos, nomeadamente Marrupa, Marangira e Nungo.

Marrupa é um dos mais vastos e isolados do país. O acesso a água potável é uma necessidade não satisfeita, pois a maioria da população não beneficia de uma fonte melhorada do precioso líquido. O distrito possui pouco mais de 45 escolas – na sua maioria de ensino primário – e 17 centros de alfabetização. Além disso, o que respeita ao sector da Saúde, conta com 6 unidades sanitárias.

De um total de aproximadamente 54 mil habitantes, 28 mil estão em idade de trabalho. A população economicamente activa é de 21 mil pessoas, o que reflecte uma taxa de desemprego de 26 por cento. 96 por cento são trabalhadores por conta própria, na sua maioria de sexo feminino.



ALERTAR

A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440

WhatsApp: 84 399 8634

@Verdade
O Jornal mais lido em Moçambique

“Ainda não temos água canalizada”

Marta Romeu, edil da vila municipal de Marrupa, faz uma avaliação positiva do seu mandato, afirmando que cumpriu em cerca de 98 por cento as actividades planificadas. Porém, apesar de alguns avanços nestes primeiros anos de municipalização, a falta de água continua a ser um dos principais problemas do município. A nível da vila, esta não é canalizada, e os munícipes recorrem a furos mecânicos. Romeu acrescenta que, embora as receitas municipais tendam a crescer anualmente, a edilidade não dispõe de condições financeiras suficientes para fornecer o precioso líquido a toda a população.

Texto & Foto: Helder Xavier



@Verdade – Qual é o balanço que faz do seu mandato, tendo em conta os primeiros anos de municipalização da vila de Marrupa?

Marta Romeu (MR) – Como se tratava do início da municipalização da vila de Marrupa foi uma boa aprendizagem e avaliamos o grau de cumprimento do manifesto em 98 por cento. Para nós, a avaliação é positiva e as restantes actividades planificadas para este mandato, até ao final do mês em curso (Junho), serão concluídas, de acordo com aquilo que são os investimentos que nós prometemos aos munícipes desta vila.

@V – Que actividades foram realizadas aolongo dos cinco anos na área social?

MR – Na área social, o nosso maior desafio era a expansão da rede sanitária e a educação. Em todo o raio municipal, nós conseguimos construir quatro escolas e os respectivos blocos administrativos. E, em contacto com os Governos distrital, provincial e central, expandimos para as zonas onde não existiam sequer uma instituição de ensino. Nós, como Conselho Municipal, construímos e equipámos algumas e outras apenas construímos como nosso compromisso naquele momento. No que diz respeito à área de saúde, a nível do município de Marrupa apenas tínhamos o centro de saúde para toda a população. Neste ano, estamos a construir um posto de saúde, o que já era a nossa promessa. Porém, presentemente, porque achamos que havia a necessidade, estamos a construir outra unidade sanitária de modo a aliviar o sofrimento dos munícipes. Também adquirimos um carro funerário.

@V – No que diz respeito à urbanização, o que a edilidade fez nestes anos?

MR – Na área de urbanização, Marrupa tinha apenas uma única estrada, que é a principal, mas felizmente já temos várias ruas. Já fizemos 13 quilómetros dentro da área municipal. Apenas fizemos as estradas, o que era o nosso compromisso, e não incluía a asfaltagem das mesmas, pois as nossas capacidades não permitiam e, com as experiências que tivemos, vamos ver se podemos fazer isso com aquilo que são as nossas receitas locais. Fora disso, também tivemos desafios no que respeita aos mercados. Construímos mercados rurais. No raio municipal, fizemos um mercado maior que cobre as necessidades dos munícipes e eles livremente fazem o seu negócio. Também organizámos os mercados e, dentro deste ano, temos o objectivo de expandir os mesmos para os bairros suburbanos de modo que as pessoas não tenham de percorrer longas distâncias para fazer as compras ou dedicarem-se à actividade comercial.

@V – O acesso a água potável ainda é precário em Marrupa e não há água canalizada no município. Quais foram as actividades levadas a cabo para mudar essa situação?

MR – Infelizmente, não temos água canalizada, só temos furos mecânicos. É o nosso desafio e também foi o nosso compromisso. Como município, durante o nosso mandato nós fizemos alguns furos de água. Estamos a lutar para ter água canalizada aqui em Marrupa, que chegue a todos. Mesmo assim, com os nossos próprios fundos perfurámos a terra à procura de água, mas gastámos muito dinheiro. No ano passado abrimos seis furos e gastámos cerca de dois milhões de meticais. Esse dinheiro é muito, porque, apesar de fazer a abertura, sempre que o empreiteiro não encontrasse água, tinha de continuar a perfurar, e ele gastava mais. Quando se trata de um trabalho, ambos devemos sair a ganhar, o povo ganha e o empreiteiro também. Mas neste caso o empreiteiro saiu a perder, e nós conseguimos os furos de água porque nós não pagamos os poços negativos e automaticamente ele tinha de lutar para conseguir encontrar água e, felizmente, conseguiu fazer, embora com muito desgaste. Este ano lançámos o concurso e ele não quis concorrer. Mas o nível de consumo de água já subiu. Ainda queremos dar água a Marrupa. Queremos, sim, água canalizada; é um desafio. O rio que existe dista 30 quilómetros, precisa-se de muitos recursos, muito dinheiro, mas nós temos vindo a fazer de tudo e os munícipes também participam, pagando as suas obrigações fiscais.

@V – As receitas obtidas pelo Conselho Municipal não são suficientes para levar água canalizada aos munícipes?

MR – No primeiro ano, tivemos como receitas locais cerca de 300 mil meticais de impostos e de pagamento de algumas taxas. No ano seguinte, arrecadámos 600 mil, depois subimos para 800 mil e, em 2012, atingimos pouco mais de um milhão e meio. É importante referir que é nosso interesse descobrir novas formas de obter receitas para o desenvolvimento das nossas actividades. Mas, com um milhão de meticais, trazer água da zona de Missalo para a vila vai ser impossível. O primeiro estudo fazia referência ao facto de que eram necessários cerca de 30 mil dólares norte-americanos. Esse valor é muito elevado. Desde 2009, temos vindo a fazer contactos. Com os nossos fundos próprios, é impossível termos água canalizada em Marrupa.

@V – A que se deve o incremento das receitas municipais?

MR – Uma parte deveu-se à transferência de algumas taxas, é o caso de taxa de veículos, apesar de não existirem muitas viaturas em Marrupa, mas ajudou-nos bastante. E outra tem a ver com alguns impostos que o município colectou através do Balcão de Atendimento Único (BAU), que funciona no Conselho Municipal. Além disso, também devido ao actual estágio de comércio a nível do município, há muito interesse, ou seja, há cada vez mais pessoas interessadas em investir em Marrupa, mas há um facto que nos preocupa: Refiro-me à banca. Não existe banco nesta vila, pois as instituições bancárias acreditam que não existem comerciantes por aqui. Portanto, a nossa vontade é ver o comércio a crescer. Na verdade, a nossa maior fonte de receitas são os mercados.

@V – O comércio informal é uma actividade que preocupa as autoridades municipais?

MR – É, sim, uma situação que nos preocupa. O comércio informal ainda con-

tinua a ganhar terreno a nível do município, porque antes da municipalização muitos estabelecimentos comerciais estavam fechados e a população passou a dedicar-se ao negócio informal. Mas presentemente todos os estabelecimentos estão em funcionamento. Diga-se de passagem, o crescimento do município não depende somente do Conselho Municipal porque este é apenas um grupo de pessoas que trabalham para os munícipes. É importante que haja o envolvimento de cada cidadão. Com esta dinâmica existente entre o Conselho Municipal e os munícipes conseguimos levar a nossa vila para frente. A luta é ver tudo a andar.

@V – Por que é que o município não dispõe ainda de transporte público municipal?

MR – Este não é o nosso desafio. O nosso desafio na área de transporte, em coordenação com o governo do distrito, sobretudo no que diz respeito ao Fundo de Desenvolvimento Distrital, era criar condições para que os munícipes submetessem algumas propostas para a aquisição de veículos para o exercício da actividade. Houve alguns operadores que tiveram a ousadia, mas a actividade tornou-se pesada para eles, uma vez que não tiveram rendimento. A nossa vila é muito pequena, mas, apesar disso, vimos que precisávamos de transporte para permitir a deslocação das pessoas. Marrupa está, cada vez mais, a crescer e a questão de transporte pode ser o nosso desafio posteriormente. O transporte interdistrital só é feito no período de manhã, ou seja, quem quer viajar tem de fazê-lo entre às 03h00 e às 4h30; depois disso é impossível obter transporte. Cabe a nós como Conselho Municipal incentivar essa actividade.

@V – Não será Marrupa um município que depende das cidades de Lichinga e Cuamba para crescer?

MR – Primeiro, dizer que depende do ponto de vista de cada um. Nós trocámos experiências, como Conselho Municipal e Assembleia Municipal de Marrupa, com outros municípios. Se não tivéssemos essa experiência, não poderíamos ter atingido os níveis que atingimos. Para quem visitou Marrupa antes da municipalização, pode pensar que a vila estava assim como está hoje, mas na verdade muita coisa mudou e isso foi graças às experiências que tivemos com os outros municípios.

@V – Pensa em recandidatar-se?

MR – A vontade de continuar a trabalhar ainda existe. Ainda tenho energia para servir. Caso os munícipes voltem a depositar confiança em mim, vou levar Marrupa a bom porto.

“O nosso problema é água”

Francisco Soares Mandlate conversou, nas instalações do Município de Chibuto, com a equipa do @Verdade sobre o dia-a-dia da autarquia que dirige. À beira de terminar o seu segundo mandato, o edil da cidade que se situa no coração de Gaza reconhece que o desenvolvimento da urbe poderia conhecer outros níveis se tivesse mais água. Mas esse, assegura, é um problema com os dias contados. Com a entrada em funcionamento de um novo sistema “todos os bairros terão água”. A gestão dos resíduos sólidos, afirma, conta com a colaboração dos munícipes. Contudo, a mesma “não é satisfatória”. A erosão é um problema que as receitas da autarquia não podem conter, mas é preciso “sensibilizar o cidadão”.

Texto & Foto: Rui Lamarques

(@Verdade) – O seu mandato caminha célere para o final. Que balanço faz deste quase cinco anos de governação?

(Francisco Soares Mandlate) – O meu balanço é positivo, olhando para aquilo que foram as principais acções de grande comprometimento no nosso manifesto. Apraz-me afirmar que, de facto, valeu a pena e foi uma experiência de grande aprendizagem. Nestes quase cinco anos tentámos tudo pela cidade com o apoio, claro, dos nossos munícipes que foram grandes intervenientes na resolução dos problemas que apontam a nossa cidade.

(@V) – Quando chegou ao cargo de edil de Chibuto com que problemas deparou?

(FSM) – Os problemas que encontrámos foram, em primeiro plano, a água e o sistema de abastecimento que estava literalmente obsoleto. Estamos a falar de um sistema que foi construído em 1996 e dista 10 quilómetros. Portanto, a infra-estrutura instalada deixou de corresponder ao número de munícipes que vivem na cidade de Chibuto. Isso para nós constituiu um grande desafio, mas de todas as maneiras, paulatinamente, fomos resolvendo com o apoio do Governo central. Falo concretamente da construção de um tanque com capacidade para reservar 300 metros cúbicos de água. Erguemos uma conduta num troço de 2900 metros. Esses empreendimentos vieram minimizar o grande sofrimento que afectava os munícipes.

(@V) – Como é que se traduzia este sofrimento?

(FSM) – Este sofrimento fazia com que as pessoas permanecessem horas, se não dias e noites, na fila das fontenárias para ter um balde de água. Só isso já era motivo de grande preocupação. Todavia, fizemos várias solicitações de apoio, das quais tivemos respostas positivas dos Governos central e provincial. Em 2011 conseguimos ter o financiamento para a reabilitação do nosso sistema de abastecimento de água, o qual até então está em curso. Nesta primeira fase podemos considerar que a construção está concluída em cerca de 90 por cento.

(@V) – Qual é a margem de cobertura actual de abastecimento de água?

(FSM) – A margem de cobertura em relação ao sistema irá abranger todos os bairros da cidade. O actual sistema tem uma capacidade quatro vezes superior ao que vem sendo oferecido no presente. Na altura tínhamos motores que bombeavam água com capacidade de 80 metros cúbicos e neste preciso momento as máquinas que estão a ser instaladas contam com uma capacidade estimada em 400 metros cúbicos. Esse incremento vai fazer uma grande diferença.

(@V) – Qual é a percentagem da população que irá beneficiar desse alargamento da capacidade de distribuição?

(FSM) – Numa primeira fase podemos considerar que a cobertura será de 30 por cento. Isso porque o processo será gradual. Quando falamos dessa infra-estrutura não significa que seja um processo automático. A instalação desse sistema está dividido em duas fases. Esta primeira fase comporta o melhoramento do local onde estão instalados os motores, a conduta,



ção, da qual tivemos várias respostas. Os munícipes construíram pequenos sistemas de abastecimento de água e temos actualmente uma capacidade de reserva de 600 metros cúbicos. Portanto, tudo isto é um conjunto de esforços para procurar a melhor situação possível para Chibuto.

(@V) – Chibuto tem um potencial enorme para crescer. Contudo, o desenvolvimento não se faz notar. Acredita que a água seja um dos factores que impedem a cidade de atingir níveis de crescimento satisfatórios?

(FSM) – Penso que a água é prioritária, mas não é o único factor para o desenvolvimento. Há outros factores para incrementar o desenvolvimento. Portanto, para que Chibuto cresça é necessário que existam estabelecimentos de ensino a todos os níveis. Felizmente, a cidade teve a sorte de contar com a instalação do ensino superior e um instituto médio. Isso é gratificante para nós. Tudo isso concorre para atrair maior atenção das pessoas que possam beneficiar de formação em várias especialidades que se materializam na urbe. Isso tudo é um indicativo de crescimento de uma urbe. A existência do jazigo de areias pesadas poderá colocar Chibuto com um grande centro de desenvolvimento da província e do país.

(@V) – Qual é o nível de desemprego em Chibuto e que partido o município tira da mão-de-obra que resulta da instalação do ensino superior na cidade?

(FSM) – Neste preciso momento tenho de dizer que, francamente, o nosso grande potencial é a actividade agrícola. Outra parte é constituída por mineiros. No que diz respeito aos jovens em processo de formação, naturalmente, não temos uma base para ter uma parecer informado, tirando uns e outros que desenvolvem a actividade comercial. Isso significa que há um grupo de jovens que praticamente desenvolve as suas actividades no mercado central. Outros estão na função pública. Isso para dizer que continuamos a ter esse défice, em termos de emprego suficiente para os nossos munícipes.

(@V) – Mas qual é a percentagem real que o município tem do nível de desemprego na autarquia?

(FSM) – A percentagem de desemprego real não é conhecida. Não tenho esses dados, mas sei que o desemprego pode rondar na ordem dos 80 por cento.

(@V) – Qual é o futuro dos jovens em Chibuto?

(FSM) – O problema de emprego é conjuntural. Para haver emprego temos de criar indústrias e outras actividades complementares. Isso é um problema em todo o país e Chibuto não é excepção. Contudo, creio que neste momento a actividade agrícola é a dominante. No seio da juventude o comércio é a ocupação predominante. Temos jovens que são mineiros. O nosso objectivo como Governo é criar condições para que haja emprego em Chibuto.

(@V) – O que se perdeu em termos de produção agrícola com as cheias de Janeiro?

(FSM) – A perda provocou fome. A maior parte das populações desenvolve as suas actividades na zona do vale. Essa área toda foi abrangida pela últimas cheias. Contudo, depois disso a actividade agrícola foi retomada. Portanto, há uma grande esperança de que as colheitas que se avizinham sejam excelentes. Sentimos este abalo, mas no que diz respeito a perdas humanas a cidade de Chibuto não sofreu tanto porque as pessoas produzem na zona do vale, mas habitam em locais seguros.

(@V) – A erosão é um problema para a cidade de Chibuto. O que é feito para conter o desmoronamento de solos?

(FSM) – Penso que quando se fala de fenómenos naturais estamos diante de situações que ou acompanham o próprio homem, ou este contribui para que elas ocorram. Estou em crer que o número de pessoas contribui para a erosão. Com a situação de pobreza não estamos em condições de parcelar novos bairros e criar infra-estruturas necessárias para permitir uma ocupação racional do solo de modo a disciplinar as águas da chuva. Contudo, o homem deve ter a consciência de que precisa de fazer alguma coisa para combater a erosão. Nos nossos encontros com as comunidades exortamos as pessoas a lidarem de uma forma mais responsável com a ocupação dos solos. Embora o nosso município não tenha capacidade financeira para estancar o problema, não significa que não se pode fazer nada. Se o cidadão for mais responsável, a possibilidade de combatermos o problema cresce.

(@V) – Apesar da falta de fundos, o que tem sido possível fazer?

(FSM) – Temos cinco bairros propensos ao problema de erosão, nos quais criámos brigadas de sensibilização. Temos um viveiro de produção de plantas para combater a erosão. Construímos um estaleiro que produz blocos para combater o impacto do fenómeno. Essas são as acções que implementámos. A direcção provincial do meio ambiente tem-nos apoiado na capacitação para que os munícipes compreendam que

as electrobombas e as reabilitações dos tanques aéreos e subterrâneos. A segunda fase será de expansão da rede para todos os bairros. É por isso que eu digo que se trata de uma resposta satisfatória. Neste preciso momento deparamos com este sofrimento porque os fontenários que vínhamos usando estão momentaneamente interrompidos. Porém, ao mesmo tempo, por reconhecermos que o município faz parte do desenvolvimento da nossa cidade, nós fizemos uma grande exorta-

a necessidade de proteger o lugar onde vivemos é de todos. O MICOA colabora e presta apoio.

(@V) – Os arruamentos ainda constituem um problema em Chibuto?

(FSM) – A maior parte dos bairros está devidamente parcelada, com excepção de alguns que, devido à guerra dos 16 anos, foram ocupados de forma desordenada. Contudo, há uma mobilização no sentido de permitir a abertura de vias de acesso.

(@V) – Quantos quilómetros de estrada foram terraplanados neste segundo mandato?

(FSM) – Fizemos várias artérias, mas neste momento não posso contabilizar. Posso dizer que houve uma grande intervenção nesse sentido.

(@V) – Quantos quilómetros de estrada foram asfaltados neste mandato?

(FSM) – Não foram muitos quilómetros, mas um número significativo foi pavimentado.

(@V) – O acesso aos cuidados sanitários em Chibuto ainda significa percorrer muitos quilómetros para as populações?

(FSM) – O acesso à saúde não é um problema em Chibuto. As pessoas têm afluído em massa aos centros de saúde no bairro Chimundo e Samora Machel. Vamos inaugurar mais um para minimizar a concentração de pessoas no Hospital Rural. Ao criarmos centros de saúde reduzimos a procura de cuidados médicos no local de referência da cidade. A nosso nível, a capacidade de atendimento é satisfatória.

(@V) – Qual é a capacidade de alojamento do município?

(FSM) – Temos uma média de cinquenta camas.

(@V) – Como a edilidade compreende o envolvimento do munícipe na gestão dos resíduos sólidos?

(FSM) – O nível de comprometimento dos nossos munícipes, embora colaborem, é muito fraco.

(@V) – Colaboram de que forma?

(FSM) – Nos grandes centros de concentração os munícipes participam na recolha e limpeza. Por exemplo, nos mercados os próprios usuários do espaço fazem jornadas de limpeza. Não ficam de braços cruzados à espera da edilidade. Nos bairros também há brigadas de limpeza, mas ainda não é um resposta satisfatória. As pessoas ainda têm de compreender que devem contribuir partindo da sua própria casa.

(@V) – Vai-se recandidatar a um terceiro mandato?

(FSM) – Não tenho esse propósito. Estou aqui a representar o meu partido e o mesmo tem várias áreas onde atribui responsabilidade aos seus militantes. Eu fico satisfeito por cumprir o mandato, no qual aprendi bastante. A minha maior satisfação é trazer água para a cidade de Chibuto. Essa era a missão mais importante e conseguimos com o apoio do Governo central.

Um município no coração de Gaza

O crescimento desordenado da urbe e a falência do sistema de distribuição transformaram a água num produto de luxo. Chibuto poderia ser um lugar mais atractivo se a expansão da mancha urbana levasse água para mais perto dos munícipes. A gestão dos resíduos sólidos – ainda que exclua partes consideráveis da circunscrição – é eficaz. A colecta de impostos poderia ser melhor, mas os munícipes ainda não compreendem o sentido de autarquia. Assim é Chibuto...

Texto & Foto: Rui Lamarques



Apesar da sua localização privilegiada junto à bacia do Rio Limpopo – o que lhe devia garantir uma fonte inesgotável de recursos hídricos –, a água canalizada chega, segundo dados oficiais, a apenas oito mil pessoas (10 por cento da população). Embora Moçambique seja um dos maiores produtores de energia da zona Austral de África, a electricidade em Chibuto não chega a todos. Pelo menos 75 por cento da actividade económica é informal. É frequente, na periferia, ver crianças com enormes bidões de água na cabeça enquanto os adultos lutam pela sobrevivência no comércio fora do circuito normal.

Chibuto é uma cidade que fica situada na região central da província de Gaza, precisamente a norte da cidade de Xai-Xai. Confina-se ao norte com o posto administrativo de Godide (Chipadja), a sul ficam Chicumbane e Chilembene, a oeste Tchaimite e a leste Malehice.

A movimentação de camponeses na entrada, saída e no coração da Município de Chibuto, antes do sol nascer, é um retrato preciso sobre a ocupação da população activa local. São centenas de munícipes provenientes dos 20 bairros com o firme propósito de sobreviver numa cidade que continua associada à miséria. As bombas de combustível e as lojas de venda de roupa consomem um quinhão da mão-de-obra, mais isso é apenas parte insignificante do total da população activa que Chibuto oferece. Ou seja, por cada 100 crianças ou idosos existem 146 pessoas em idade activa.

Para se antecipar à falta de emprego, Manuel Bengo, de 23 anos de idade, optou por vender roupa usada nas artérias da cidade. “É arriscado por causa da fiscalização, mas só é possível conseguir algum dinheiro se for ao encontro dos clientes”, diz Bengo. Num município sem grandes alternativas de sobrevivência, a edilidade não consegue disciplinar a actividade informal, mas justifica a sua vista grossa alegando que “a municipalização é um processo que leva tempo”.



Efectivamente, existem em funcionamento 356 barracas, 205 bancas, 25 estabelecimentos comerciais, dos quais funcionam apenas 16, duas agências funerárias privadas, uma clínica, sete restaurantes, 37 carpintarias de pequeno porte, uma olaria, duas padarias e 17 oficinas de pequeno porte. Estas actividades asseguram 2789 postos de trabalho. O Estado emprega apenas 819 munícipes. O total de pessoas assalariadas é de 3200 cidadãos. O sector privado emprega praticamente o dobro da actual capacidade do Estado.

Com uma área de 116 quilómetros quadrados e cerca de 85 mil habitantes, a cidade de Chibuto debate-se com um problema cada vez mais crescente de erosão motivado pela construção desordenada e extracção de areias. A prática da agricultura em lugares impróprios é outro factor que precipita o desmoronamento de solos. O sistema de drenagem das águas pluviais precisa de ser, literalmente, reposto.

A água é um problema, mas também um negócio antigo. Em Canhanda, um bairro da periferia de Chibuto, alguns espíritos laboriosos ficaram ricos comercializando aquele líquido. Um bidão de água, nos tempos áureos para o negócio, chegou a custar 25 meticais. Hoje, a cidade está repleta de furos artesanais comerciais, onde os residentes de Chibuto se vão abastecer. Orlando Zivane vive de um negócio simples. Pega no seu carro e vai buscar água para vender aos que não conseguem percorrer longas distâncias no bairro Canhavano.

No seu carro transporta 30 bidões de 20 litros. Ele conta que paga cinco meticais por recipiente e vende por 20 a 25 meticais. Ganha entre 400 e 500 meticais por dia. Como Zivane, pelo menos 20 pessoas vivem desse negócio em Chibuto.

Mas não é só água que se vende nas ruas daquela cidade no coração da província de Gaza. Eis a lista compilada na rua que vai dar ao mercado que fica nas “costas” do edifício do município local: verduras, cartões de telefone, gravatas, refrigerantes, pães, portas, janelas, CD’s, camisetas, estojos de utensílios para cortar unhas e fazer a barba, roupa interior, carvão, lenha, ovos cozidos e sapatos. As ruas de Chibuto equivalem a um supermercado a céu aberto.

O mercado

Fisicamente, é difícil saber onde começa e termina o mercado de Chibuto. O formal mescla-se com o informal e as fronteiras esbatem-se. Lojas vivem paredes meias com vendedoras de hortícolas. À primeira vista, o que chama a atenção é, sem dúvida, o caos que caracteriza o espaço. Verifica-se por ali um intenso movimento de peões e “txovas”, um ruído plural e ensurdecido de vendedeiras de pão e de bugigangas, gritos de angariadores de passageiros e do cobrador que nunca se conforma com a lotação do “chapa”. Este cenário recorda-nos Maputo. Só que aqui onde nos encontramos uma carrinha de caixa aberta não é um problema, mas sim uma bênção para quem pretende sair do centro da urbe para as localidades vizinhas.

Depois há o lado sociológico. O espaço distingue-se pelas convivências sociais e aprendizagens diversas, como nos deram a conhecer alguns jovens. Estes preferem o mercado à escola. Ali aprendem a sobreviver no informal, a desenrascar a vida, bem como a solucionar problemas mais pontuais. “Temos pais e casa onde morar, mas preferimos o mercado porque conseguimos sobreviver daqui”, afirmam.

Aliadas a essa tendência, estão as diversas histórias de vida levadas a cabo por gente que assume o local como um meio para realizar sonhos e construir futuros. Helena Jaime, de 42 anos, oriunda do distrito de Massinga, Inhambane, (sobre) vive ali desde 2004 quando veio para Chibuto arrastada pela promessa de casamento. “Vim com um homem que disse que queria casar comigo. Assim que chegámos ele abandonou-me e, porque não conhecia a cidade, decidi ficar aqui. Arranjei primeiro um emprego a lavar loiça numa barraca onde se vendia comida. Hoje com o pouco dinheiro que obtive tenho o meu próprio negócio. Vendo água gelada em frascos que antes continham água mineral.”

Por seu turno, Mendes Aurélio, de 28 anos, encontra-se no local há mais de três anos. Vende óculos de sol e outras quinquilharias. Segundo as suas palavras, fá-lo todos os dias excepto naqueles em que o Futebol Clube de Chibuto joga. Como os outros, deixou as suas raízes e veio em busca de

A CONTECEU
A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade
SMS: 90440 WhatsApp: 84 399 8634

@Verdade
O Jornal mais lido em Moçambique.



sustento. Ao chegar a Chibuto, em Janeiro de 2006, proveniente do posto Administrativo de Godide, viu naquele espaço um lugar para dar um novo rumo à sua vida. A partir dali pretende realizar os seus sonhos de infância. Quer ter muito dinheiro para ajudar os necessitados, particularmente a família.

João Mula era camponês até que o produto do seu trabalho foi levado pela chuva. “Só me restou comprar este ‘txova’ para ganhar a vida”, diz. Com a escassez de emprego, este meio tornou-se uma fonte de rendas para centenas de jovens em Chibuto. João vive numa casa sem água, apesar de avistar um pedacinho do Limpopo. Sem rede de saneamento e nem esgoto, o jovem compra água limpa num fontenário que dista cinco quilómetros da sua residência. A habitação só tem um quarto e uma sala para João Mula, um filho, uma filha e dois netos, de três e cinco anos. A única renda certa vem da filha, ajudante de cozinha num restaurante. “O indispensável aqui seria a drenagem, a luz, a água potável e a escola para os meus netos... Falta tudo”. Como ele, 60 por cento da população de Chibuto vivem em bairros com pouca ou nenhuma infra-estrutura e cada vez mais distantes.

No início do processo de municipalização, há 14 anos, “a esperança era enorme, pensávamos que era o início de uma nova era. Este optimismo diminuiu muito”, diz um residente insatisfeito.

Do ponto de vista social, a mudança é radical. Os munícipes têm de contribuir para o desenvolvimento da urbe. Isso não é visto com bons olhos por grande parte das pessoas. A adopção da taxa de recolha de lixo, impopular no seio dos residentes, e uma rede de distribuição de água obsoleta constituem a maior dor de cabeça para a edilidade.

O que a chuva levou

Foi um dos piores temporais das últimas décadas para os agricultores de Chibuto: As chuvas bateram recordes e deixaram os campos e as estradas que dão acesso ao centro da cidade num caos.

As ruas da cidade estavam transformadas em rios – em algumas zonas havia mesmo barcos improvisados a cobrar um metical para quem quisesse passar para o outro lado.

A estrada que sai de Chissano para Chigubo, para além de ficar coberta de lama, viu alguns troços serem levados pela fúria das águas.

Havia relatos de moradores que tentaram regressar a casa à noite tendo chegado apenas na manhã seguinte, e histórias de pessoas que desistiram de voltar e dormiram no local de trabalho, outras de autocarros que levaram seis horas a fazer seis quilómetros, de pessoas que saíram dos transportes públicos e caminharam durante horas e horas até chegarem ao domicílio. Isto, claro, para além de pessoas que ainda estavam soterradas, especialmente nas zonas de produção.

As principais causas das mortes foram os aluimentos de terras, em particular nas encostas, segundo os camponeses.

Efectivamente, o município não tem dados concretos da dimensão dos estragos. Fontes ligadas ao Governo do distrito dizem estar ainda a compilá-los. Enquanto isso, os camponeses dão largas à imaginação.



Contexto histórico

A povoação foi criada a 11 de Dezembro de 1897 (portaria no 236) como sede do Distrito Militar de Gaza. A 19 de Novembro de 1955 a circunscrição foi elevada à categoria de vila (portaria no 11153). A vila teve o seu estatuto aprovado a 4 de Agosto de 1956 (portaria no 11581) e a 8 de Outubro de 1971 foi elevada à categoria de cidade (portaria no 808/71). A resolução no 8/81 de 25 de Junho restabelece a cidade e a resolução no 7/87 de 25 de Abril classificou-a como sendo de nível “D”. Em 1994 a cidade foi transformada em Distrito Municipal ao abrigo da Lei 2/94 de 13 de Setembro. Finalmente, o Distrito Municipal foi transformado em Município em conformidade com a Lei 10/97. Entretanto, as leis 5, 6 e 7/78 de 22 de Abril extinguíram a cidade e criaram em seu lugar o Conselho Executivo da Cidade. No entanto, a 28 de Outubro de 1999, sob proposta do Conselho Municipal, a Assembleia Municipal, reunida na sua VIII Sessão Ordinária, aprovou o dia 8 de Outubro como dia da cidade com efeitos a partir do ano 2000.

Sobre a origem do nome, aventa-se a possibilidade de provir do termo butuma que em Xi-changana significa uma grande pedra (Cabral, 1975; 36-37). Porém, uma outra versão refere que a origem de Chibuto nasce de Chibuthu que significa lugar de concentração dos guerreiros ou quartel.



ALERTAR

A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440

WhatsApp: 84 399 8634

@Verdade
O Jornal mais lido em Moçambique

Cidadania

f **goste de nós no**
facebook.com/JornalVerdade

Acabou a greve dos Profissionais de Saúde, todos voltam para os seus postos de trabalho nas mesmas condições em que estavam há 27 dias, ou seja, sem nenhum ganho em relação às reivindicações que estiveram na origem da interrupção voluntária e colectiva de actividades nas Unidades Sanitárias de Moçambique.

Fica a dúvida de como será o atendimento hospitalar nas Unidades Sanitárias públicas, pois estes Profissionais de Saúde afirmaram continuar “deveras insatisfeitos” com os seus salários e outras reivindicações apresentadas ao Governo moçambicano.



Dr. Jorge Arroz anuncia fim da greve [www.youtube.com/Dr. Jorge Arroz](http://www.youtube.com/Dr.JorgeArroz) anuncia o término da greve dos médicos e dos profissionais de saúde moçambicanos, apesar de não haver entendimento com o governo. A greve durou... **11 Gosto** · **Partilhar**

51 pessoas gostam disto.



Samuel Massingue este governo, hiii... mbora la recenciar pa termos puder d julga los em novembro. · 15/6 às 21:21



Jose Verniz Timoteo é de vangloriar a decisao deles de voltarem a trabalhar.mas huuuuuuuum sei nao.a trabalharem descontentes ai nao vem coisa boa para os doentes. so espero que nao se chega a ponto de fazer doer nos doentes.recuar nao é fugir mas sim tomar nova posicao.ya kombela munga he djikelely. · 15/6 às 20:11



Oliveira Fernando Nhampossa De certeza k o atendiment vai passar do mal pra o pior, e no diagnostico de malaria vamos receber medicamentos de HIV, · 15/6 às 19:58



Vera Machava hehehehehe...e agora k as agencias funerarias vao arecadar muito dinheiro hawena? · 15/6 às 19:52 **3 respostas**



Djibra Mussa vao matar pessoas..... ningue ezerce bem as suas funsoes insatsfeito...droga · 15/6 às 19:55



Edson Carlos Manjate Tamos perante uma possivel intimidacao,desta vez,mais seria. Tamos perante uma neoditadura subjacente e refutavel por parte de quem a emplementa. Amanha' vao aparecer a elogiar os medicos,pra no's pensarmos k foi por decisao livre deles acabar com a greve,eu sinto k tamos num pais bastante peri-goso,onde democracia e' uma ilusao. · 15/6 às 21:24



Nordito Nehru Meus caros deixem de ser pessimistas. Os medicos e profissionais de saude, so suspenderam a greve para o bem do povo! · 4 · 15/6 às 20:27



Wilder Fernando Siteo Se fosse para o bem d povo teriam parado a muito tempo. Nada disso meu caro ai tem coisa podx apoxtar. · 15/6 às 22:08



Chris Woulf Inguane a greve será nx hxpitaix cm doentx. haverá maix desintençaõ e falta d tratamentx pra ox

pacientx. haverá maix mortex. meu Deu · 15/6 às 19:52



Ofelio Boné VII tenho medo d adoecer,tenho medo d saber que alguém está doente. Tenho medo do meus país, contud acredito e confiu nakel q juraram pela saúde dos compatriotas. CARÍSSIMOS, ESPERO Q NÃO SE COMPORTEM COMO FRUSTRADOS, PARA Q NÃO HAJA MANIFESTAÇÃO DOS DOENTES. · 15/6 às 20:54



Fernando Manuel Férmán Nunca s vence o mal pelo mal. · 15/6 às 20:20



Pedro Machava Os maus Atendimentos serao a culpa de um governo incapaz! · 15/6 às 20:02



Syzo Levy nao estou a entender queriam tanto que os medicos retornassem agora estao a dizer que vao morrer no hospital.... em vez de estarmos a escrever coisas parvas quando realmente os medicos precisaram de nos viramos as costas e olhamos as coisas de longe...Bem haja Dr. Arroz e os seus...Mocambicanos vamos ser mais unidos para o nosso proprio bem · 15/6 às 20:25



Celio Vembane Finalmente os mocambicanos acordaram e sabem lutar pelos seus direitos. Parabéns aos médicos e a todas as pessoas q tem a coragem de lutar pelos seus. · Domingo às 21:52



Amida Sadique Jalilo Realmente a situacao vai de mal a pior, mas acredito que os medicos tem dentro deles o dom de salvar vidas,no momento mais dificil estederao a mao aos neceSsitados. Quanto ao comportamento do governo, e' dificil julga-lo pois o mazambique nao tem so o... · Domingo às 16:03



Osh Macamo Búfalos feridos, pois. And we all know how they behave themselves, don't we? · Domingo às 8:31



Weiss Mocalacha realidade de Moz.... agora ja tenho medo de ir ao hospital publico ... · Domingo às 7:21



Rui Lima Lá... tal como cá!!!! É a nova ordem... · 15/6 às 19:53



Tilestile Simelane realmente amiga tenho ka as minhas duvidas o atendimento ja era pe-xima, n kero imaginar agora · Ontem às 8:58



Lucia Quitxuwe aqui estão a sabiam palavras da nossa psicopedagoga dra Amida júlio · Domingo às 23:03



Pedro Tiago O atendimento foi sempre mau e acredito que, na maior parte dos casos, não é por descontentamento, mas sim por falta de vocação. Contudo, espero que o Governo encontre formas de valorizar o trabalho do médico, polícia, professor, do coveiro, etc. Todos merecemos viver condignamente! · Domingo às 21:24



Nuno De Sousa E os milhões de Moçambicanos que beneficiam do sistema de saúde publico? Acobardaram-se!!! Em vez de mostrar solidariedade para com os compatriotas que nunca baixaram os braços nos momentos mais difíceis que o pais atravessou. Não se queixem! Tem o governo que merecem!!! Não vamos esquecer o tempo que passou! A luta continua! · Domingo às 14:03



Arselia Andre Ele ã é lambe botas muito menos corrupto,se o governo ã revolver a grave retomara,tmos knsados da miséria até kndo,sempre o bolo fica com eles e o povo so baba · Domingo às 9:32



Ricardo Macuvele Que Deus esteja com todos nos... · Domingo às 8:58



Lourenco Ernesto Mavie Búfalos Feridos, assim comparo com os profissionais de saúde insatisfeitos, são muito perigosos. · Domingo às 8:02



Jovenal de Almeida vamoá rezar para k Deus ilumine a mente dos profissionais de saude, se nao xteremos presente a uma greve pacifica, de facto a situacao nao e as de melhor, um trabalhador insatisfeito e muito perigoso para qualquer organizacao, · Domingo às 6:28



Samuel Banze Quando se rema contra mare,acontce isto · Domingo às 6:16



Pedro Matos Dr.ARROZ Acaba d.passar atestado d.obito aos moçambicanos..cada um por si..DEUS P'TODOS · Domingo às 6:05



Lucio Albasino Taela Agora ox medicox kerem fazer uma greve interna ! Kerem matar o povo inocente! · Domingo às 0:37



Zezito Magaia Deus vai dar seu contributo pos tudo ficara bem · Domingo às 0:34



Jose Muana Deus keira k sim meu caro,devia o governo agora de forma civilizada tentar abrir uma brecha similar a estes,de expor e tentar de forma ambigua e singela resolver parte destas preocupacoes, · Domingo às 0:30



Doliz Julio Pedro Limpo Finalmente, melhor assim. Nao se sabe se a greve ira continuar ou nao, mas acredito eu k o atendimento nao sera xpecializando como antes, MISAU, MISAU, MISAU, K PENA. A minha kestao é sera k os medicos irao atender bem, mesmo sem ser dado o k kerem? · 15/6 às 23:21



Mungoi Jr Ozias Era Necessario morrer tanta gente pra n fim dizerms Voltou tudo a Zero? · 15/6 às 21:36



Nilza Pedro Gosto d ver isso mas sera k foram atendidos as suas reclamacoes .ou foram kalados a boca. · 15/6 às 21:03



Osvaldo Francisco brigado doutor Arroz por entender a nossa parte, infelizmente temos um governo muito ignorante que nao consegui ceder as vossos problemas, parabens pela decisao tomada o povo esta do vosso lado · 15/6 às 20:49



Madalena Faria Morte total esses dirigentes acabam de asinar nosso paxaportes pa outro mundo · 15/6 às 20:45



Mohamad Seedat O Povo em Primeiro Lugar. · 15/6 às 20:38



Juju Gudo O povo e convosco, se a escravatura chegou ao fim a ditadura dessa gentalha tbem chegara. · 15/6 às 20:25



Benjamim Rosa So vai aumentar a taxa d mortalidade e escacex d medicamento n hospetal. Assim responderam a elite e prejudicaram a classe baixa k vai morer em maxa por nao tr a kuanza pa levar a hsptais privads. Socooooo... · 15/6 às 20:24



Mateus Francisco Navaia Apesar do anuncio do fim da greve dos profissionais da saude! Será k o k lhes levou a fazer a greve também está resolvido? Será k o atendimento será akele de desejar ou haverá mais vítimas mortais pela greve silenciosa como d educação?Vamos aonde c/ isso? · 15/6 às 20:20



Augusto Cumba Isso significa q so deram ferias, por terem um turno cheio. · 15/6 às 20:13



Emidio Suav O mau atendimento que vai registrar nos hospitais! · 15/6 às 20:00



Rui Malunga Que prevaleça o bom senso, quem de direito não olvide as necessidades da classe;para o bem do povo. · 15/6 às 19:59



Oliveira Fernando Nhampossa É agora que nao vou querer ficar doente,Deus me livre, irei pra tinhanguene · 15/6 às 19:59



Phillip Phillipe nao goxtei, pois sou a favor da greve · 15/6 às 19:55 através de telemóvel Haaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa o que isso??? · 15/6 às 19:55



Alcidio Bombi Parabéns a direcção máxima da AMM pela decisão e o povo agradece.**Gosto · Responder** · 15/6 às 19:50



Ninno Blue exe noxo governo vai do mal ao pior, na vespera das eleicoes... · 15/6 às 19:48

Selo d’@Verdade

Onde anda a nossa Polícia de Trânsito?

Sou uma cidadã nascida e criada em Maputo, que gosta de sair à noite nesta nossa linda e maravilhosa cidade de Maputo com alguma frequência.

Há cerca de dois anos deixei de sair na minha viatura ao fim-de-semana à noite e passei a sair de táxi, não só para estar confortável em beber um copo de vinho ou outro, mas também porque num percurso mínimo – cerca de três quilómetros (por exemplo, da Estação de Caminhos-de-Ferro até ao Hotel Cardoso) – o número de operações “stop” da nossa polícia de protecção é desgastante. Um trajecto que pode ser feito em sete minutos acaba por levar entre 30 minutos e uma hora.

Tenho notado nos últimos seis meses que o número de operações “stop” aumentou consideravelmente e até de táxi o cidadão é mandado parar hoje em dia. Facto que não condeno, pois entendo o trabalho da polícia de protecção como sendo em prol da segurança dos cidadãos e “o ladrão também pode andar de táxi”.

O que condeno é a atitude de extorsão da “nossa polícia de protecção”, cada vez mais descarada e sem qualquer pudor ou preocupação. Sim, refiro-me à polícia de segurança – vulgo “cinzentinhos” – e não à Polícia de Trânsito. De facto, este ano – já vamos em Junho – não fui mandada parar pela Polícia de Trânsito uma única vez; seja de táxi ou em viaturas de amigos. Mas a nossa polícia de protecção monta verdadeiras operações de “stop”, exigindo cartas de condução e livretes de viaturas, triângulo, colete reflector, enfim...

Se a memória não me falha, o artigo 10 não menciona nas várias alíneas onde refere as entidades a quem compete a fiscalização do cumprimento das disposições daquele Código a polícia de protecção.

Quando está tudo em ordem, a “nossa querida polícia” de protecção sugere um teste de alcoolemia. Telefona (ou simula que telefona para a Polícia de Trânsito) e como estes últimos demoram a aparecer (ou não foram contactados) somos instados à ir à esquadra do Hospital Central de Maputo para o famoso teste. Claro está que antes desta sugestão, questionaram-me sempre (ou ao condutor da viatura em concreto) se não queremos “resolver” a questão ali mesmo. Face à recusa, lá tenho ido com os meus amigos, pelo menos duas vezes por mês, à esquadra do hospital; à velocidade de 10 quilómetros por hora e com os agentes da polícia de protecção a pé a acompanharem a viatura.

Podia relatar aqui um sem número de episódios vivenciados por mim e por amigos meus nas ruas de Maputo ao longo dos últimos meses, sempre protagonizados pela “nossa querida polícia” de protecção – tenho uma amiga que ia de táxi para casa e a quem foi exigido um

teste de alcoolemia; depois de cerca de 15 minutos de discussão, lá a deixaram seguir.

A última semana de qualquer mês, altura em que a maior parte dos cidadãos recebe os seus salários, quase equivale à “abertura da época de caça”, com brigadas da polícia de protecção em todos os cruzamentos, ruas, ruelas e recantos da cidade; alguns vão directos ao assunto e pedem logo “refresco” – no Verão – ou “café” – no Inverno.

Enfim, tenho a certeza de que vários cidadãos conseguem rever-se nas situações que relatei ou em outras mais sérias ou mais graves. E foi uma situação “mais grave” que vivi nesta última quinta-feira à noite e que me levou a escrever.

Fui jantar ao Marítimo com uma amiga e um amigo que veio a Maputo por uma semana. A caminho de casa – saí na minha viatura – e em frente ao portão de acesso ao Centro de Conferências Joaquim Chissano, ao lado do Radisson Blue Hotel, fui mandada parar por dois “cinzentinhos” de lanterna em riste – e sem qualquer identificação, excepto a farda cinzento-escura! Pediram-me a carta e o livrete da viatura e em seguida os documentos de identificação dos dois passageiros. Quando estavam em posse de toda a documentação, um deles tornou-se mais agressivo na maneira de dirigir-se a nós e referiu que tinham de revistar a viatura.

Mandaram-nos sair e abrir todas as portas. Enquanto fui abrir a parte traseira reparei que mandaram o meu amigo abrir a carteira e depois vi um dos polícias com uma nota de 50.00 dólares junto aos nossos documentos. Mandaram-me também abrir cada divisória da minha carteira de documentos e em seguida dirigiram-se à parte traseira da minha viatura que começaram a revistar. Aperceberam-se de que existe um compartimento por baixo do tapete – onde fica o triângulo, chave de rodas e afins – e mandaram abrir.

Muito envergonhadamente confesso que não sei – entretanto já aprendi – como abrir tal compartimento. Os dois agentes começaram a falar em tom de voz mais elevado e agressivo enquanto iam vasculhando a parte traseira do carro, exigindo que eu abrisse aquele compartimento imediatamente. Vi aproximar-se uma viatura, mandei parar e pedi ajuda. De imediato os dois agentes referiram não ser necessária qualquer ajuda e mandaram seguir a outra viatura. Entregaram-nos os documentos e o mais agressivo dos dois começou a andar em direcção à praia e desapareceu na escuridão.

O outro “simulou” que atendeu uma chamada telefónica, e começou a andar também em direcção à praia. Ficámos parados, eu e os meus amigos, na berma da estrada com as portas do carro todas abertas. Conforme devolvi os documentos, apercebeu-se o meu amigo de

que o dinheiro que tinha sido retirado da carteira tinha desaparecido: 50 dólares. Tentei chamar o outro agente que se dirigia ainda à praia; este não respondeu e desapareceu também na escuridão.

Dirigimo-nos de imediato à esquadra da Julius Nyerere e depois de relatarmos a ocorrência ao agente de serviço, este referiu que a área do Radisson Blue Hotel está fora da jurisdição daquela esquadra, pelo que deveríamos dirigir-nos à esquadra da Mao Tse Tung. Chegados a esta esquadra relatámos a ocorrência a dois agentes que estavam de serviço e estes muito eficientemente tentaram chamar uma viatura para ir ao local e tentar identificar os dois agentes e recuperar o dinheiro. Ao fim de 10 minutos ofereci-me para levá-los na minha viatura.

Percorremos a marginal e não conseguimos localizar os dois agentes que tinham acabado de “assaltar-nos”. Fomos até à esquadra do Bairro Trunfo para tentar saber se seriam agentes afectos àquela esquadra e depois à esquadra da Kim Il Sung – aparentemente existe um problema de sobreposição de jurisdição e a zona do Radisson Blue Hotel é uma área de confluência da jurisdição das quatro esquadras que visitámos naquela noite.

Na sexta-feira à noite saí com uns amigos, em viatura própria, e fomos mandados parar exactamente no mesmo local. Reconheci um dos agentes, no meio dos seis ou oito que se encontravam naquele local; contactei de imediato um dos agentes da esquadra da Mao Tsé Tung que nos acompanhou no périplo nocturno pelas esquadras da cidade – e simpaticamente facultou-nos o número de contacto. Estava de folga e aconselhou-me a dirigir-me àquela esquadra, onde foi participada a ocorrência na quinta-feira à noite. Assim o fiz.

Neste momento não sei se foram identificados os dois agentes e tomadas quaisquer medidas. Sinto raiva e vergonha por ver um amigo que veio ao meu país por uma semana ser roubado descaradamente e por uma autoridade.

Onde anda a nossa Polícia de Trânsito que nos deixa à mercê de agentes da polícia de protecção, sem qualquer noção das regras do Código de Estrada (quicá das regras que regem a própria profissão) e sequiosos de fazerem uns trocados à custa dos que vivem e dos que visitam a nossa linda cidade de Maputo?

Precisamos de ajuda urgentemente e não podemos continuar calados dia após dia face a estas situações.

Cumprimentos.

Paula Duarte

Tenho Medo

Finalmente a greve foi desconvocada. Disseram que está suspensa... mas eu tenho medo.

Tenho medo de finalmente regressar ao meu posto de trabalho e encontrar os meus colegas e perguntarem-me se consegui o que queria.

Tenho medo de voltar ao posto de trabalho e dizer aos meus chefes que “estou de volta para trabalhar” e eles pensarem que vou sabotar o trabalho deles... em silêncio. Tenho medo que nem todos consigam não guardar rancor e ressentimentos do período da greve.

Tenho medo dos vizinhos a quem já disse varias vezes: “Vizinho, eu não estou a trabalhar, estou em greve, vê lá se consegues marcar uma consulta na clínica privada”.

Tenho medo que as minhas filhas me perguntem: “Pai vais trabalhar? A greve terminou? Então vamos ter a nossa casa própria, nosso carro para nos levar à escola, passear, e finalmente podermos estudar naquela escola privada!” Tenho medo de voltar ao serviço ainda sem uniforme, sem bata branca, sem sapatos brancos, sem cinto branco, sem calças e sem camisa branca.

Tenho medo de dizer aos doentes que “este medicamento aqui não existe, vai comprar na farmácia privada”. Tenho medo porque ele, coitado, não percebe que não consegui o que queria. Ele não percebe que da minha luta não consegui melhorar as minhas condições de trabalho, não percebe que nada mudou. Tenho medo que ele pense que estou em greve silenciosa.

Aliás, dizer que não mudou nada é um exagero, a todos aqueles problemas que sabemos de sobra agora vêm adicionar-se outros, ódio, perseguição, incompreensão... e medo... muito medo. Medo de assumir uma culpa que não tenho... medo do medo que os meus chefes têm de mim.

Tenho muito medo de que o doente pense que estou a sabotá-

-lo, de que estou na tão propalada greve silenciosa ao algaliar-lhe com uma sonda nasogástrica mas, sem gel de lidocaína (anestesia).

Tenho medo de que me morra um doente com anemia gravíssima, porque o laboratório não tem reagentes para testar sangue para transfusão. Tenho muito medo de que pensem que ele morreu porque estou em greve silenciosa.

Tenho medo de dizer ao paciente: “Volte amanhã, hoje não temos material para pensos”, tenho muito medo de que ele não entenda que não há condições para esterilizar material para ele, que não estou em greve silenciosa...

Tenho muito medo de voltar a tratar as convulsões com rezas e preces aos deuses, porque não há nenhum anticonvulsivante... Tenho medo de voltar a estimar a Tensão Arterial dos pacientes porque não há aparelho para avaliar essa tensão.

Tenho medo de continuar a medir a temperatura corporal com o dorso da minha mão, porque não há termómetro... tenho muito medo de que os pacientes pensem que não lhes medi a glicemia porque estou em greve silenciosa.

Tenho medo de regressar ao hospital, de saber que o Gabinete Médico ainda não tem balança, não tem blocos de receita, não tem livros de registo, não tem lanterna ginecológica, não tem lençol na marquesa.

Tenho muito medo de dizer a uma mãe que traz uma criança muito doente. “Tens dinheiro? O teu filho está grave e tem que ir ao hospital de referência, aqui não temos carro. Se tens dinheiro vai de “chapa” – a única coisa que posso fazer neste momento é passar-te uma guia”. Tenho medo de que ela não entenda que o sistema não tem carro e não é porque estou em greve silenciosa.

Tenho medo de administrar ao paciente o medicamento que há

e não o que dele precisa. Tenho medo de que ele não perceba que não tenho alternativa. Não estou em greve silenciosa. Medo de continuar a tratar meningite confirmada com cotrimoxazol suspensão oral. Porque não há injectáveis por perto... e isso pode ser interpretado como greve silenciosa. Mas não é greve silenciosa, é falta de medicamento adequado para a situação.

Tenho medo de chegar tarde ao serviço, porque o “chapa” não veio a tempo, isso pode ser interpretado como uma greve silenciosa. Tenho medo de que os mesmos que ignoraram o meu grito de socorro para melhorar as condições de trabalho queiram relatórios satisfatórios do desempenho das minhas actividades. E se este relatório não for ao encontro do que querem ouvir...

Tenho medo de que pensem que estou em greve silenciosa.

Tenho medo de que a tão propalada greve silenciosa seja usada como cavalo de batalha no combate aos indesejados, àqueles que tiveram a coragem de dizer “criem condições para eu servir melhor”, deixando de lado todo um monte de doenças de que padece o sistema.

Tenho medo de que os que se acobardaram, “puxando o saco dos chefes”, lhes sejam entregues a faca e o queijo para humilhar aqueles que acreditaram que é possível trabalhar e viver melhor.

Tenho medo de ficar doente e não poder trabalhar, porque isso pode ser visto como uma greve silenciosa.

Tenho medo que você que acaba de ler esta mensagem tenha medo de a partilhar porque será conotado como conivente com a greve silenciosa.

Tenho medo da greve silenciosa...

Cumprimentos.

Carlitos Manuel

Protestos espalham-se pelo Brasil e manifestantes ocupam Congresso

Mais de 200 mil pessoas tomaram as ruas de diversas capitais do Brasil na segunda-feira (17), na maior manifestação popular no país em mais de 20 anos, para reivindicar melhores serviços públicos, combate à corrupção e protestar contra os gastos com o Campeonato Mundial de Futebol de 2014.

Texto: Redacção/Agências • Foto: Raphael Garcia

Com uma agenda de reivindicações difusa, a onda de protestos amplificada pelas redes sociais e que inicialmente teve o aumento da tarifa dos transportes públicos de passageiros como alvo, também deu voz a críticas sobre a acção policial da semana passada, que terminou com dezenas de prisões e feridos, especialmente na capital paulista.

Apesar de a manifestação ter ocorrido de forma pacífica na maioria das cidades, no Rio de Janeiro a Assembleia Legislativa e alguns prédios históricos foram alvo de ataques e houve embates com polícias.

Em Brasília, manifestantes invadiram a área externa do Congresso Nacional e a segurança do Palácio do Planalto foi reforçada. A gigantesca onda de protestos em todo o país fez com que a Presidente Dilma Rousseff se manifestasse por meio da ministra chefe da Secretaria de Comunicação, Helena Chagas.

De acordo com a ministra, a Presidente “considera que as manifestações pacíficas são legítimas e são próprias da democracia e que é próprio dos jovens manifestar”.

Os protestos ganharam força e disseminaram-se principalmente depois da quinta-feira (13) passada, quando a manifestação em São Paulo tornou-se violenta e houve denúncias de abusos que teriam sido cometidos pela Polícia Militar.

Nesta segunda-feira (17), a concentração dos manifestantes na capital paulista ocorreu no Largo da Batata, zona oeste do município. O contingente, estimado pela Polícia Militar em 65 mil pessoas, dividiu-se tomando as direcções da Avenida Paulista e da Marginal Pinheiros. Por volta das 22h, um grupo chegou ao Palácio do Governo, no bairro do Morumbi.

“Estamos aqui por causa da insatisfação com a corrupção e o mau uso do dinheiro público. Isso é uma revolta que devia ter acontecido há muito tempo”, disse um manifestante que se identificou apenas como Gustavo, de 34 anos, que estava enrolado numa bandeira do Brasil.

Gota d'água

Segundo declarações de manifestantes, o aumento da passagem foi apenas o episódio que deflagrou a onda de reivindicações. “Isso é só o começo. Os protestos vão continuar até ao “Mundial” de futebol em 2014 e, se não aceitarem as nossas demandas, eles vão-se intensificar”, disse o bancário Rafael, de 23 anos, que também não quis dizer o seu sobrenome. “O preço da passagem foi a gota que fez o copo transbordar.”

Apesar de taxas de desemprego estarem nas mínimas históricas, o país enfrenta a inflação que ronda o tecto



da meta do Governo e um crescimento económico tímido. As manifestações ganham corpo durante a realização da Taça das Confederações, teste final antes do “Mundial” de 2014 no Brasil, e a pouco mais de um ano das eleições presidenciais.

Embora o clima da manifestação em São Paulo fosse pacífico, havia também aqueles que mostravam contrariedade em relação ao protesto. “A corrupção no Brasil é uma coisa de todos os dias. Eles vão protestar todos os dias?”, indagou à Reuters uma mulher que se identificou como Cristina e que trabalha como caixa de um talho. “Isso não muda nada. Muitos (dos manifestantes) são estudantes de classe média. Isso não é o povo.”

No Rio de Janeiro, alguns manifestantes entraram em conflito com a Polícia Militar em frente à Assembleia – um carro foi incendiado e prédios históricos foram depredados. Segundo a PM, cerca de 100 mil pessoas ocupavam o centro da capital fluminense. “É triste, lamentável. As pessoas podem manifestar-se, mas não têm o direito de destruir o património público e de agredir profissionais que estão em serviço”, afirmou à Reuters, o vice-governador do Rio, Luiz Fernando Pezão (PMDB).

Em Belo Horizonte, segundo estimativa da Polícia Militar mineira, entre 20 mil e 30 mil pessoas reuniram-se em protesto perto do Estádio do Mineirão, onde as selecções do Taiti e da Nigéria se enfrentaram pela Taça das Confederações. A manifestação ocorreu mesmo após o Tribunal de Justiça do Estado ter acatado uma acção cautelar, proposta pelo governo de António Anastásia (PSDB), proibindo protestos que bloqueiem vias públicas, principalmente às que se encontram à volta do estádio. Houve confrontos entre polícias e manifestantes. Outros protestos ocorreram em Maceió, Salvador, Porto Alegre, Belém, Vitória e Curitiba.

Insatisfação difusa

No fim-de-semana, manifestantes e polícias enfrentaram-se antes das partidas pela Taça das Confederações entre Brasil e Japão, em Brasília, e México e Itália, no Rio de Janeiro. Os manifestantes protestavam contra os elevados gastos públicos nos preparativos para o “Mundial”. O Brasil não via protestos tão numerosos desde os realizados em 1992, quando a população foi às ruas para pedir o “impeachment” do então Presidente Fernando Collor de Mello. Na capital paulista, esta é a quinta manifestação.

A pauta de reclamações vem crescendo a cada dia desde a demanda inicial contra o aumento da tarifa do transporte público de 3 reais para 3,20 reais no início do mês. Os protestos desta segunda-feira em São Paulo ocorriam de forma pacífica, num cenário diferente do visto até então.

Depois de críticas à acção da Polícia na manifestação de quinta-feira, o Governo es-

tadual proibiu o uso pela Polícia de balas de borracha e não enviou a Tropa de Choque para acompanhar o protesto.

Na quinta-feira, quarto dia de manifestação na capital paulista, a Tropa de Choque disparou bombas de gás lacrimogénico e balas de borracha, e a cavalaria da Polícia Militar ocupou a Avenida Paulista, via mais importante da cidade. Foram registados vários relatos de abusos de polícias, com cerca de 100 feridos, segundo o Movimento Passe Livre (MPL), entre eles jornalistas que cobriam o evento. Cerca de 230 pessoas foram detidas para averiguação, e mais de 10 PM's ficaram feridos.

Embora a alta no preço da passagem tenha sido o rastilho das manifestações em todo o país, especialistas ouvidos pela Reuters entendem que o movimento emana uma insatisfação difusa. A convocação para as manifestações têm sido feitas pelas redes sociais, especialmente pelo Facebook, site no qual mais de 265 mil pessoas afirmaram que estariam presentes no acto mais recente em São Paulo.

Governo sul-africano propõe investigação à alegada espionagem britânica

O porta-voz do Ministério sul-africano dos Negócios Estrangeiros e Cooperação, Clayson Monyela, defendeu esta segunda-feira a abertura de uma investigação a uma alegada espionagem por parte da Grã-Bretanha aos delegados do G20, incluindo os da África do Sul, que participaram na cimeira de Londres em 2009.

Texto: Milton Maluleque • Foto: REUTERS

Segundo Monyela, o Executivo encontra-se agastado depois de ter tomado conhecimento da alegada espionagem, reportada pelo jornal britânico *Guardian*. “Até aqui não dispomos de todos os detalhes do artigo, mas em princípio iremos condenar o abuso à privacidade e aos princípios básicos dos direitos humanos, com a particularidade de ter sido cometido por aqueles que alegam ser os defensores da democracia”.



De acordo com o porta-voz, a África do Sul e a Grã-Bretanha detêm fortes laços de cooperação, daí que o Executivo de Jacob Zuma irá apelar ao Governo da Sua Majestade no sentido de pautar por uma investigação séria e penalizar os seus autores..

O jornal *Guardian* reportou que a operação teve como objectivo “adquirir documentos, incluindo discursos dos delegados sul-africanos às Cimeiras do G20 e do G8. Destaca ainda que o Departamento de Comunicações do Governo britânico tentou obter mais informações em

torno da posição global no que toca à economia e às finanças do Executivo do então Presidente Thabo Mbeki.

O de *Guardian* refere ainda que a Grã-Bretanha teria usado “capacidades de inteligência obscuras” para monitorar as comunicações entre os oficiais durante as duas cimeiras, ocorridas em Abril e Setembro de 2009, respectivamente.

Segundo o artigo, os agentes da secreta britânica colocaram repetidamente escutas e invadiram as conversas telefónicas e correios electrónicos dos diplomatas estrangeiros.

Em declarações à agência France-Press, o Primeiro-Ministro britânico, David Cameron, disse que “nunca comentamos em torno das questões de inteligência e de segurança e não o fariamos agora. Ao fazer isso, estaria a quebrar as regras, o que nenhum Estado havia feito antes”.

Julius Malema acusado de suicídio político

Texto: Milton Maluleque

O ministro sul-africano dos Desportos e Recreação, Fikile Mbalula, alega que o plano de formação de um novo partido político por parte do destituído líder da Liga Juvenil do ANC (ANCYL), Julius Malema, não passa de um “suicídio político”.

O dirigente reagiu assim ao anúncio da criação de um novo partido, denominado Defensores da Liberdade Económica (EFF, em inglês), feito semana passada por Julius Malema. Mbalula descreveu que o facto de este ter sido antes capacitado pelo ANC, no poder, e depois optar por formar uma nova força política, não passava de um acto de vingança.

Falando ao semanário *Sunday Independent*, o também antigo presidente da ANCYL afirmou que um descontentamento não deve significar a formação de um novo partido

Já o Beeld publicou um artigo no qual destacava que Malema havia enviado e-mails com o anúncio do plano, apelando aos interessados nesta “aventura” a contactá-lo pela mesma via ou através dos órgãos de informação, para além de pedir sugestões de como e onde ir buscar fundos para a iniciativa.

Mbalula, apesar de ser amigo próximo de Malema e ter ocupado o mesmo cargo que este na ANCYL, não descarta a hipótese de deixar a amizade de lado porque a sua missão é defender o partido ANC.

Por seu turno, o governador da província do Limpopo, Cassel Mathale, que já foi considerado próximo de Malema, diz que este plano é infeliz e acrescenta que “estaremos em campos opostos e é uma pena que isso tenha de acontecer. O vereador para a área dos Recursos Humanos, Clifford Motsepe, antigo aliado de Malema, também se distancia deste plano.

Soluções convincentes

Em comunicado tornado público na última semana, Malema defendeu que o ANC nunca providenciaria soluções convincentes ao país no que diz respeito aos problemas de desenvolvimento, condenando, desta forma, os seus aliados (a Central Sindical, Cosatu e o Partido Socialista) e as forças políticas de oposição.

O homem que um dia chegou a dizer que estava “preparado para matar ou morrer por Zuma” descreveu o ANC como um partido aliado à

direita, ao neoliberalismo e ao capitalismo, o que teria contribuído para que a maioria da população sul-africana vivesse à margem da economia.

Negligenciando a luta

Malema tem como meta a conquista de cerca de cinco milhões de eleitores nas próximas eleições gerais de 2014, com a esperança de destronar a Aliança Democrática (DA) como a maior força política da oposição.

O destituído porta-voz da Liga Juvenil do ANC, Floyd Shivambu, afirmou ao Mail & Guardian que a intenção da formação de uma nova força política era uma realidade e acrescentou que este plano estava a ser traçado há já muito tempo. “Tivemos o apoio de camaradas que não vêem com bons olhos a negligência com que está a ser travada a luta pela liberdade económica”.

Malema e Shivambu eram parte dos líderes juvenis que defendiam a nacionalização das minas e dos sectores-chave da economia sul-africana.

Os alvos

Mesmo sendo improvável para uma nova formação políticas conseguir arrecadar metade dos votos obtidos pelo ANC nas anteriores eleições (11.6 milhões em 2009), Shivambu assegurou foram feitos estudos que provam o contrário. “Existe um grande número de indecisos que não irá votar. Esses indecisos é que são o nosso alvo”.

Entre os partidos da oposição, a Aliança Democrática, DA, amealhou cerca de 2.9 milhões de votos nas últimas eleições e o Congresso do Povo (Cope), formado seis meses antes do escrutínio, arrecadou 1.3 milhões de votos.

A terra natal de Malema, a província do Limpopo, e a de North West são as duas regiões-chave para a EFF. “Recebemos o apoio de várias províncias, incluindo a do KwaZulu-Natal”.

Turquia: Erdogan dá por terminada a revolta e Polícia prende “provocadores”

O Primeiro-Ministro turco, Recep Tayyip Erdogan, assegurou nesta terça-feira (18) ter derrotado, com o apoio dos seus partidários, a “conspiração” urdida contra o Governo por “traidores e os cúmplices no estrangeiro”. Estas são declarações surgidas na mesma altura em que dezenas de pessoas, sobretudo ligadas à extrema-esquerda, eram detidas numa operação policial relacionada com as manifestações das últimas semanas.

Texto: Redação/Agências • Foto: REUTERS



As detenções foram confirmadas pelo ministro do Interior, adiantando que, “para já, apenas os provocadores estão a ser levados para interrogatório”. Muammer Guler disse à televisão CNN-Turquia que 62 pessoas foram detidas em Istambul e outras 23 em Ancara, acrescentando que a operação estava a ser preparada há um ano pela Procuradoria contra a “organização terrorista MLKP (partido leninista-comunista), que participou igualmente nas manifestações no Parque Gezi”, ponto de partida da contestação a Erdogan.

A delegação de Istambul da Ordem de Advogados adiantou, por seu lado, à AFP que 90 militantes do Partido Socialista dos Oprimidos (ESP), uma pequena formação activa na organização das manifestações, foram detidos nas suas residências durante a manhã. A

imprensa turca adianta também que o jornal Atilim e a agência de notícias Etkin, próximas da formação revolucionária, foram revista-dos. Há ainda informações de pessoas a ser detidas noutras 18 províncias do país.

A operação foi lançada depois de um fim-de-semana violento em Ancara e Istambul, com a detenção de mais de 600 pessoas, e depois de a greve geral convocada pelos dois grandes sindicatos turcos não ter conseguido provocar a mobilização esperada.

“A nossa democracia enfrentou um novo teste e saiu vitoriosa”, afirmou Erdogan na habitual reunião semanal dos deputados do Partido Justiça e Desenvolvimento (AKP, pós-islamista), uma intervenção de mais de uma hora em que voltou a fustigar os “saqueadores” e “anarquistas” que ocuparam as ruas e acusou “a imprensa internacional” de ser autora de uma “campanha de desinformação” sobre a situação na Turquia.

“O povo e o Governo do AKP frustraram esta conspiração criada por traidores e pelos seus cúmplices no estrangeiro”, assegurou o Primeiro-Ministro, que aproveitou para sair de novo em defesa das forças de segurança, criticadas dentro e fora do país pela dureza da resposta às manifestações, que começaram com a contestação à construção de um centro comercial num dos raros parques do centro de Istambul e que acabaria por se transformar num movimento mais amplo de contestação ao Governo de Erdogan. “A nossa polícia adoptou uma atitude democrática contra a violência sistemática e passou com sucesso este teste de democracia.”

Apesar das declarações de Erdogan, e mesmo perante a ameaça do Governo de recorrer ao Exército para travar novas manifestações, em Istambul há ainda muitos sinais de protestos. O mais visível foi protagonizado na segunda-feira pelo artista Erdem Gündüz, que, durante várias horas, ficou, de pé e em silêncio, frente ao retrato de Kemal Atatürk, fundador da moderna Turquia, na Praça Taksim. Centenas de pessoas juntaram-se ao mudo protesto, antes de serem dispersadas pela Polícia, mas nesta terça-feira dezenas de outros turcos seguiram-lhe o exemplo, permanecendo de pé, e em silêncio, na emblemática praça que se tornou símbolo da revolta.

Um clube de olho no futuro

Nas equipas de formação do Vilanculos Futebol Clube (VFC) há crianças a partir dos 9 anos, escolhidas uma a uma por uma equipa de recrutamento no torneio Marlins do Futuro. Algumas percorrem longas distâncias para encurtar o sonho de vestirem a camisola do único representante de Inhambane no Moçambola.

Texto & Foto: Rui Lamarques

Pires brincava com uma bola no quintal da sua casa enquanto Yassin Amuji comprava, sem gastar um tostão, o VFC. Na verdade, o clube estava afundado em dívidas e não se vislumbrava nenhuma perspectiva de crescimento. A mudança de mãos foi a única solução para resolver esse problema.

Pouco depois, com o clube já na primeira divisão do Moçambola, Édio mostrava o seu talento nos escalões de formação da única equipa de Inhambane na competição principal de clubes do país. Nessa altura Pires era apenas um miúdo com talento para o futebol. Nos seus tempos livres jogava nos campeonatos que aconteciam um pouco por todos os pelados de Vilanculos. O jeito como corria e dava pontapés na bola chamou de imediato a atenção dos olheiros do VFC.

Nessa altura, a ideia de formação não era uma das prioridades do VFC. Ainda assim, a equipa técnica resolveu abrir uma excepção e Pires passou a treinar com miúdos mais velhos. Hoje, aos 19 anos, é um dos três juniores que chegou ao escalão principal do clube e uma das promessas da sua geração em Vilanculos.

São casos de sucesso como este que os treinadores tentam reproduzir nas equipas de formação do VFC (que neste momento têm atletas a partir dos 9 anos). Os treinos acontecem cinco vezes por semana num pelado no centro da vila. Aos fins-de-semana, quando a equipa joga em casa, os miúdos lutam para dar uns toques na bola antes dos jogos dos seniores. No fundo, correr no impecável relvado do Estádio Municipal de Vilanculos é um incentivo para os atletas dos escalões de formação. Apenas os mais comportados e com boas notas na escola é que gozam desse privilégio. “É um forma de colocar o desporto de mãos dadas com a educação. Afinal nem todos os miúdos vão dar em bons jogadores. O que não pode ocorrer é que sejam maus estudantes”, diz um sorridente Yassin Amuji.

A equipa treina no centro da cidade para facilitar o acesso à maioria das crianças.

“Decidimos no início de 2011 que devíamos apostar se-



riamente na formação”, afirma. Em Moçambique muito se fala da formação como base para construir o sucesso da selecção principal. Porém, não existe um padrão que sirva, quer os escalões de formação, quer os seniores nos clubes moçambicanos. Portanto, os jogadores com talento para singrar no mais alto escalão não resultam de uma ideia de formação, mas sim do acaso. Para colmatar tal situação, o VFC foi buscar Chiquinho Conde, num contrato de 10 anos – um caso inédito no futebol nacional –, com a ideia de criar um estilo de jogo que permita ao clube, por um lado, executar uma selecção (e evolução) dos seus jovens jogadores; por outro, facilitar a introdução de jovens talentos no plantel principal (fruto da identificação dos jogadores com o modelo que

vão encontrar).

O custo anual com a formação é de cerca de um milhão de meticais. O clube conta no seu plantel actual com três jogadores oriundos dos escalões de formação. Pires, Onésio e Abdul. O primeiro tem merecido a confiança de

Chiquinho Conde em alguns jogos. O futebol de Pires é simples. As suas decisões, não raro as melhores, são a sua imagem de marca. Não inventa, não complica; tudo o que saia dos seus pés é simples. A matemática exacta do seu jogo, não sendo este muito extravagante, muito imaginativo, sustenta-se por si mesma.

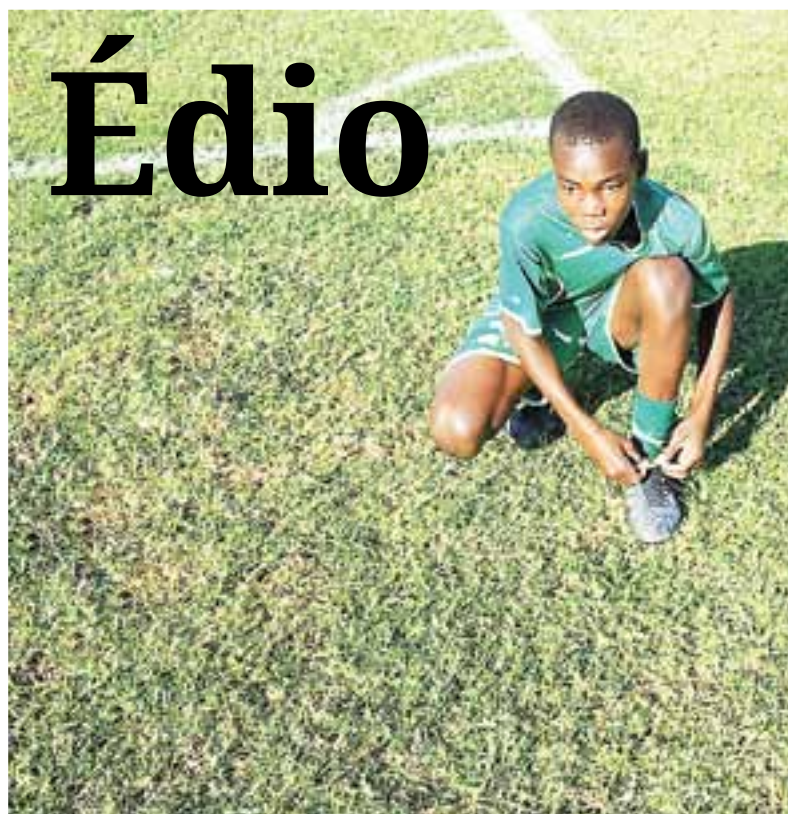
Chiquinho Conde, o maior jogador moçambicano do pós-independência, é o responsável pelo modelo de jogo. Os quatro treinadores que trabalham com as camadas jovens usam uma base desenhada pelo ex-camisola 10 dos Mambas.

Engana-se, porém, quem julga que tudo começou com Chiquinho Conde. No ano em que a direcção do clube decidiu investir na formação a escolha recaiu sobre Rogério Mariani. No mesmo ano foram finalistas do “Nacional” de juniores. Perderam na final, mas deixaram claro que os pilares para o futuro estavam a ser implantados numa base sólida. Repetiram o feito em 2012.

Yassin diz que o mais importante, nesta fase, não é conquistar troféus, mas garantir um padrão de jogo que sirva para todos os escalões. “Queremos que seja fácil a transição de um escalão para o outro. O talento do jogador poderá acrescentar valor ao modelo, mas ele tem de ser a pedra angular de tudo o que fizermos”.

“É um sonho sabemos, mas ninguém nos pode impedir de sonhar. Até porque, dizem, o sonho comanda a vida”.

Édio



Édio Moisés é um lateral esquerdo de 14 anos. Joga nos iniciados do Vilanculos Futebol Clube. Foi descoberto num campeonato organizado ao nível do distrito pela sua actual equipa para detectar novos talentos. Dele há a dizer, em primeiro lugar, que foi um dos jogadores que mais impressionou no torneio Marlins do Futuro em 2012. Soberbo, com um sentido posicional perfeito, apesar da idade, e uma simplicidade de processos ao nível de poucos miúdos da sua faixa etária, o jogo de Édio destaca-se mais pela sobriedade e pelas capacidades de liderança do que pelos atributos atléticos. Não tendo um porte extraordinariamente alto é, no entanto, muito forte fisicamente. Isso não o impede, como é hábito acontecer, de ser tecnicamente evoluído e de privilegiar o intelecto. Jogando na posição de lateral esquerdo, sente-se confortável com o papel posicional que desempenha, sendo especialmente forte nas coberturas defensivas, aparecendo invariavelmente perto dos médios em todas as situações do jogo.

Com a bola, é também muito bom. Não exagera no passe à distância, nem parece ter necessidade de fazê-lo para se impor, e percebe bem as reais

necessidades da equipa, a cada momento. Tem uma facilidade de passe invejável e muito critério quando tem de entregar a bola. Percebe que a sua posição não implica apenas recuperar e entregar, e torna invariavelmente boas decisões, não deixando de procurar soluções verticais, com passes entre linhas, quando assim se exige.

Curiosamente, a equipa principal do Vilanculos Futebol Clube não joga com um lateral esquerdo de raiz. Édio só tem 14 primaveras, mas acredita que essa contrariedade se pode afigurar uma vantagem quando ascender aos seniores. Paradoxalmente, o ídolo do miúdo no campeonato doméstico mora no Futebol Clube de Chibuto e chama-se Johane. “Eu gosto de Johane porque marca golos e gostar é gostar”, responde convicto quando é questionado sobre o facto de que não é normal um lateral admirar atletas da sua posição.

Chegar aos Mambas é um sonho, mas o maior é atravessar o continente e brilhar num clube europeu. Admira, também, Chiquinho Conde de quem ouviu dizer que a coisa mais importante no futebol é o respeito pelo corpo e pelos colegas.

Desporto

Moto GP: Lorenzo volta a triunfar em Barcelona

O espanhol Jorge Lorenzo venceu o Grande Prémio Aperol da Catalunha pela terceira vez em quatro anos, superando Dani Pedrosa e Marc Márquez na tarde de domingo (16). Valentino Rossi fez uma corrida solitária para terminar em quarto numa corrida onde foram oito os pilotos que desistiram, incluindo Cal Crutchlow por queda na sexta volta.

Texto: Redacção/Agências • Foto: motogp.com

No sábado, Dani Pedrosa pulverizou o recorde de Casey Stoner, de 2008, com uma volta rumo a uma pole position impressionante no 200º fim-de-semana de Grande Prémio do piloto da Repsol Honda Team. Mas ele perdeu a liderança logo à entrada para a primeira curva sem mais a recuperar e teve ainda de contar com os ataques do companheiro de equipa Marc Márquez, logo atrás.

Há duas semanas Lorenzo selou a segunda vitória da época em Itália e agora tornou-se o único piloto a contar com três triunfos em 2013, o que lhe permitiu reduzir para sete a diferença para Pedrosa no topo da classificação. Esta tarde o maiorquino tirou o maior partido da luta entre os dois pilotos Honda para garantir mais de um segundo de vantagem a quatro voltas do final.

Com Lorenzo, da Yamaha Factory Racing, a passar



para o sétimo posto na tabela de vencedores de corridas da categoria de todos os tempos com o 26º triunfo, o espanhol soma agora mais um que o Campeão do Mundo de 1993 Kevin Schwantz. Pedrosa viu-se forçado a defender-se dos fortes ataques de Márquez, que esteve perto de cair na penúltima volta da prova.

À entrada para a Curva 4 na 24ª das 25 voltas Márquez apanhou um grande susto e esteve muito perto de perder a parte de frente da moto. Depois de ceder seis décimos a Pedrosa, o estreante da categoria rainha conseguiu recuperar, mas já não teve tempo para ir além do mais baixo do pódio após ter partido do sexto posto da grelha.

Valentino Rossi (Yamaha) foi quarto depois de uma corrida solitária, isto enquanto Stefan Bradl tirou excelente partido dos azares à sua frente – como os acidentes de Cal Crutchlow (Monster Yamaha Tech 3) e Nicky Hayden (Ducati Team) em incidentes separados na 10ª volta – para terminar pela segunda vez consecutiva nos cinco primeiros. Já Bradley Smith (Tech 3) garantiu o melhor resultado da época ao concluir a prova em sexto.

O piloto das CRT foi, pela sexta vez esta época, Aleix Espargaró (Power Electronics Aspar), que terminou em oitavo pela segunda vez consecutiva.

tiva, enquanto Álvaro Bautista (GO&FUN Honda Gresini) ficou muito aborrecido por ter sofrido uma queda na primeira volta depois de quase tocar na M1 de Rossi.

Quem também foi à grávia na curva La Caixa foram Michael Laverty (PBM), e Michele Pirro (Ignite Pramac Racing), se bem que o italiano logrou voltar à pista para fechar a lista dos dez primeiros. Os incidentes ao longo da corrida fizeram com que fossem vários os pilotos a garantirem os melhores resultados da temporada, incluindo o estreante australiano Bryan Staring, que foi 14º e somou os primeiros pontos com a CRT da Gresini. Quem se estreou a pontuar foi Javier del Amor, que substituiu Hiroshi Aoyama na Avintia Blusens na sequência da lesão contrária no dedo pelo nipónico em consequência de uma queda no sábado.

Ao cabo de seis corridas, Dani Pedrosa lidera a campanha de 2013 do MotoGP, com Jorge Lorenzo em segundo, a sete pontos. No Campeonato de Construtores a Yamaha ficou agora a quatro pontos da líder Honda. A batalha continua na Holanda, no histórico Iveco TT Assen, no sábado 29 de junho.

Moto 2: Espargaró encantado com vitória em casa

Pol Espargaró reclamou a segunda vitória da campanha de Moto2 após grande batalha com o companheiro de equipa Esteve Rabat no Grande Prémio Aperol da Catalunha do passado domingo (16). No terceiro lugar ficou Tom Lüthi, que regressou ao pódio pela primeira vez desde Brno em 2012.



Texto: Redacção/Agências • Foto: motogp.com

Foi uma corrida muito atribulada, com 11 dos 34 pilotos da grelha a não terminarem nesta quente tarde na Catalunha. No sábado (15) Espargaró tinha garantido a pole position e liderava a prova quando o companheiro de equipa na Tuenti HP 40, Rabat, passou para a frente; contudo, Espargaró respondeu e recuperou a liderança na 17ª volta. Rabat atacou fortemente na última volta e acabou por terminar a menos de um décimo de segundo do triunfo.

Foram vários os pilotos que tiveram problemas, como foi o caso de Toni Elias (Blusens Avintia), que se viu envolvido no drama da primeira volta. Foi também um final desapontante para o campeão do mundo de Moto3 Sandro Cortese (Dynavolt Intact GP), que desistiu depois de sair de pista na Curva 10, e para Jordi Torries que caiu com a moto da Aspar Team Moto2 a meio da primeira chicana, na 18ª das 23 voltas.

Depois de demonstrar boa forma nos treinos, Lüthi ficou muito contente ao assinar o primeiro pódio da época para Interwetten Paddock Moto2 Racing, isto apesar de ainda não ter recuperado totalmente das lesões contraídas em Valência no acidente sofrido nos testes de pré-época. Scott Radding (Marc VDS Racing Team) mantém a liderança do Campeonato graças ao quarto lugar, com Takaaki Nakagami (Italtrans Racing Team) a terminar a corrida em quinto.

A Catalunha revelou-se um fim-de-semana complicado para o companheiro de equipa de Redding, Mika Kallio, que se qualificou em 12º para depois chegar a rodar em nono na corrida. Contudo, ele acabou por cair para quarto na classificação do Campeonato atrás dos dois pilotos da Tuenti HP 40. Redding conta com uma vantagem de 35 pontos sobre Espargaró, que saltou de quinto para segundo da geral antes da sétima jornada do ano na Holanda.

Moto 3: Salom reclama merecida vitória na Catalunha

Luis Salom venceu o Grande Prémio Aperol da Catalunha de Moto3 para assumir a liderança do Campeonato do Mundo. O piloto da Red Bull KTM Ajo levou a cabo uma corrida estratégica, poupando pneus antes de chegar à liderança nos momentos finais. Alex Rins e Maverick Viñales completaram o pódio.



Texto: Redacção/Agências • Foto: motogp.com

A segunda vitória consecutiva de Salom fez dele o primeiro piloto a vencer três corridas em 2013, dando também continuidade ao recorde de pleno de pódios, o que o ajudou a subir à liderança da classificação. Nos momentos iniciais ele rodou no fim do grupo da frente para poupar os pneus, mas optou por passar para a frente a seis voltas do final e ganhou alguma vantagem de imediato.

A corrida contou com vários líderes, incluindo a dupla da Estrella Galicia, Rins e Alex Marquez, bem como Viñales (Team Calvo), se bem que Salom já tinha dado a entender as suas intenções ao garantir a pole no sábado. Nas duas últimas voltas Márquez e Efrén Vázquez (Mahindra Racing) perderam terreno, o que fez com que a luta pelo triunfo se limitasse a três pilotos; apesar dos melhores esforços de Viñales na zona do estádio, no final da volta, Salom tinha já vantagem suficiente quando entrou na recta da meta.

Atrás do grupo da frente durante a maior parte da corrida esteve Miguel Oliveira, que levou a sua Mahindra ao sexto posto, com Jack Miller (Caret-

ta Technology – RTG) a terminar em sétimo depois de ter chegado a rodar em segundo. O Top 10 contou ainda com Alexis Masbou (Ongetta-Rivacold) e com os companheiros de equipa de Salom na Red Bull KTM Ajo, Zulfahmi Khairuddin e Arthur Sissis. Em 15º ficou Romano Fenati (San Carlo Team Italia), que somou pontos pela terceira vez este ano.

O brasileiro Eric Granado (Mapfre Aspar Team Moto3) não teve jornada fácil e terminou em 26º, enquanto seis pilotos não conseguiram terminar. Niccolò Antonelli (GO&FUN Gresini Moto3) cometeu um erro na Curva 4, enquanto Livio Loi (Marc VDS Racing Team) e Jakub Kornfeil (Redox RW Racing GP) colidiram na Curva 5; Loi desistiu de imediato, enquanto Kornfeil retirou-se várias voltas depois na box. Jasper Iwema (RW Racing GP), Niklas Ajo (Avant Tecno) e Toni Finsterbusch (Kiefer Racing) foram outros nomes a ir ao chão.

A terceira vitória de Salom em seis possíveis levou Salom à liderança da classificação, com cinco pontos de vantagem sobre Viñales.

Tabu impõe barreiras mas não triunfa

O coreógrafo moçambicano, Macário Tomé, começou a bailar nos anos em que, na cidade de Maputo, reinava o tabu de que a dança era tarefa exclusiva de mulheres. O preconceito podia ter mutilado uma carreira brilhante – o que não aconteceu. Em Fevereiro, o artista criou o Ele-Ela, uma coreografia sobre as identidades sexuais. Em Agosto, a obra, que já tem novos aportes, será reposta, desta vez – espera-se – para colocar em causa o “status quo” de alguns moçambicanos.

Texto: Inocêncio Albino • Foto: Macário Tomé

Os saudosistas dos anos 1980/90 dizem que, nessa altura, se vivia uma época de grande dinâmica de produção, exposição e consumo de obras e manifestações culturais no país.

Quando Macário Tomé, de 32 anos de idade, tinha oito ou nove, entre 1988 e 1989, realizou-se na cidade de Maputo um festival cultural na zona militar do Bairro Sommerschild, onde vivia, com a participação de grupos de dança Nyau e Mapiko.

“Quando vi alguns artistas mascarados, a dançar, fiquei assustado, no entanto, gostava de vê-los. Dois anos depois, por intermédio de um vizinho que me incentivou a criar um grupo musical, tive a oportunidade de passar pelo programa Pirlim Pim Pim – de Didinho Caetano – na Televisão Experimental, actual Televisão de Moçambique”, recorda-se.

Na infância, o bailarino também foi escuteiro, mas, no bailado, a sua carreira teve início em 1996, quando participa numa formação de bailado tradicional sob orientação da UNESCO. Depois, entre 1999 e 2003, Macário fez outra formação na dança contemporânea e balé.

É a par disso que se esboça este comentário: “O início da minha carreira foi muito difícil porque, apesar de que na altura já tinha uma formação profissional, vivemos numa sociedade em que há muitas barreiras – contra as quais somos obrigados a lutar – para o desenvolvimento artístico. De qualquer modo, acredito que quem corre com prazer e gosto não se cansa”.

Além do mais, “a dança sempre me proporcionou bem-estar. Por isso, assumindo que, continuamente, teremos dificuldades, percebo que nunca abandonarei o baile. Em cada ano que passa criam-se projectos novos e aparecem desafios que devem ser superados”.

Superar barreiras

Em resultado das percepções preconceituosas que existem, a decisão de seguir uma carreira artística é algo sério no país. Macário teve a feliz sorte de não ter sido questionado no seio familiar. “Os meus pais sempre me deixaram fazer o que eu pensava que fosse melhor para mim. Isso foi bom. Afinal, ainda que não percebessem o que eu fazia, apoiavam-me. Hoje, felizmente, já percebem muito bem o percurso que realizei e continuam a estimular-me”.



Se é que se pode falar sobre dificuldades em torno das actividades artístico-culturais – naqueles anos de 1980/90 –, na dança, o que elas significavam?

Macário Tomé, o autor da coreografia “Porque me abandonas”, a segunda classificada no concurso “Pós-amatados” promovido pelo Governo norte-americano, recorda-se de que “naqueles anos, havia em Moçambique um tabu segundo o qual quem dançava era mulher. Isso constituiu uma dificuldade enorme em que as pessoas tinham de enfrentar a sociedade e dizerem que eram bailarinos, correndo o risco de passarem por uma série de conotações pejorativas”.

No entanto, “como além de dança eu praticava várias modalidades desportivas, fazia um casamento entre o baile, o karaté, o basquetebol e o andebol, de tal modo que as pessoas não tinham como afirmar que eu era um maricas. Penso que o apoio dos meus familiares, que nunca faltou, foi fundamental”.

Carreira a solo

Muitos anos depois de ter trabalhado em projectos de colaboração e formação nas áreas de coreografia, interpretação e produção coreográfica, Macário Tomé decide seguir uma carreira a solo.

“Percebi que havia necessidade de aprender novas técnicas de dança, por isso, comecei a participar em ‘workshops’ que aconteciam no país até que, em 2001, me integrei no ‘Projecto Alma Txina’ que era um laboratório protagonizado por artistas moçambicanos em torno de danças tradicionais e outras”.

Macário Tomé narra que, na iniciativa em alusão, participaram cerca de 300 alunos de que se apuraram 15 com base nos quais se criaram coreografias em forma de solos, duetos e trios. O ponto mais alto da iniciativa foi a realização de uma digressão pela Europa.

Terminada a iniciativa, houve necessidade de se dar um encaminhamento contínuo aos 15 profissionais recém-formados. Assim, a CulturArte criou uma formação internacional, em módulos, que durou dois anos, para ministrar matérias de natureza técnica, coreográfica e performativa.

Memórias do Zoo

De uma ou de outra forma, ao longo do seu percurso, Macário conservou na sua mente retratos de um passado inolvidável. “Quando entrei no grupo da UNESCO – ensaiávamos na Escola Secundária Josina Machel – realizámos o primeiro ‘show’ no Teatro Avenida, mas, no mesmo ano, apresentámos uma coreografia perante Graça Machel e Brazão Mazula que eram membros do UNESCO. A experiência é inesquecível”.

Por exemplo, o Jardim Zoológico – um dos espaços em que o artista fez as primeiras apresentações, ainda na infância – tem um lugar especial na sua memória. Trata-se da satisfação e da alegria de estar a apresentar ou a ver outros artistas a fazer arte.

Por exemplo, “quando eu vejo concertos fico feliz com a actuação dos meus confrades, da

mesma forma que quando actuo tenho a satisfação de apresentar algo que – por ter sido investigado, pensado, coreografado e tendo levado tempo para chegar à maturidade – deve ser valorizado”.

Consolidar o movimento

Em Maputo, projectos que fortificam o movimento da dança contemporânea como, por exemplo, a bienal da Plataforma Internacional de Dança Contemporânea - Kinani, a Semana da Dança, o Laboratório da Dança, entre outras iniciativas pontuais, criam uma grande dinâmica no sector. Seriam estas condições suficientes para se afirmar que tal movimentação está consolidada?

O comentário de Macário, que lamenta o facto de haver situações que desagradando certos colegas fazem-nos optar por outras carreiras profissionais, abandonando a dança, é afirmativo. “Já temos, na cidade de Maputo, um movimento consolidado de dança contemporânea”.

Por exemplo, neste momento há moçambicanos que estão no estrangeiro a fazer digressões e a trabalhar com grandes companhias do mundo. “O Panaibra Canda está a fazer uma digressão que começou em Janeiro e que provavelmente só termina em 2014. Isso significa que há uma consolidação da dança contemporânea moçambicana no mundo”.

Além do mais, existe o movimento de dança contemporânea Arte na Rua – de que Macário é membro – que promove a criação de um novo público, realizando pesquisas em espaços abertos, em que os artistas se encontram, aportam novas ideias, desenvolvendo-as perante as pessoas que não têm acesso aos teatros para ver obras de arte.

Então, é isso o que estimula todos nós, os artistas de companhias diferentes, que conseguimos estar juntos no mesmo espaço sem conflitos”.



GOLO. CRIATIVIDADE MADE IN MOZAMBIQUE.

A Agência 100% moçambicana, que tem o pensamento local como base e procura engrandecer Moçambique através das suas campanhas, foi distinguida com o selo "Orgulho Moçambicano – Made in Mozambique". Ser orgulho nacional é um orgulho para a GOLO.



E o povo desabafa no Mapiko...

Enquanto o Inverno prevalecer, na cidade de Maputo, o ponto de encontro para um entretenimento sadio continua a ser o Teatro Mapiko da Casa Velha. É lá onde, no âmbito do décimo Festival de Teatro de Inverno, actores de diversas manifestações culturais, a par do público, se encontram para reflectir sobre os problemas do seu tempo.

Texto & Foto: Inocêncio Albino

Neste fim-de-semana, finda o décimo Festival de Teatro de Inverno. No entanto, sem ignorar o trabalho colectivo dos grupos participantes, é preciso ressaltar que os Chamuarianga, da cidade da Beira, dizem que a crise em que os moçambicanos vivem se deve ao facto de, uma vez que os seus pais, Samora e Josina Machel, faleceram, serem órfãos.

Em resultado disso, ainda que justas, todas as suas petições são ignoradas pelo Governo, o seu padrasto. Na verdade, agora, os moçambicanos, como povo, são uns “Indeferidos”.

A partir daí, como tem estado a acontecer, ao povo podem faltar todos os serviços sociais básicos (saúde, educação, segurança, alimentação, por exemplo) porque os médicos e os enfermeiros, cansados de serem ‘explorados’, como se sentem, por 27 dias abandonaram os doentes que povoam o Hospital Central de Maputo.

“**Como deixar de pensar que “Lá na morgue” os cadáveres dos nossos entes queridos são tratados de modo vil e obscuro numa situação em que, durante a vida, o Governo moçambicano não conseguiu barrar a inoperância do Hospital Central de Maputo, em prol da recuperação da saúde física e mental do povo?**”

Entretanto, à luz de uma pura dedução, não se pode ignorar que “Lá na morgue” – a peça de Dativo José e Milsa Ussene – a situação está caótica.

Um senhor, brilhante artista, frustrado pelo sistema de governação do seu país que – a dado momento ganhou uma amnésia social, perdendo a noção da importância do trabalho artístico-cultural – permitiu que uma pessoa sem as mínimas competências para trabalhar na saúde, por vias da corrupção, fosse empregado.

Como deixar de pensar que “Lá na morgue” os cadáveres dos nossos entes queridos são tratados de modo vil e obscuro numa situação em que, durante a vida, o Governo moçambicano não conseguiu barrar a inoperância do Hospital Central de Maputo, em prol da recuperação da saúde física e mental do povo?

Perante tudo isso, como se pode ignorar que uma certa imprensa – orientada a agir de forma paternalista em relação aos desvios dos governantes – pode anunciar ao mundo que Moçambique, país da África Austral, rico em recursos naturais e florestais (onde apesar de os mesmos beneficiarem mais os povos do além-mar) os nativos estão felizes?

Por outro lado, como ignorar que esta mesma imprensa – contrariamente aos clamores e prantos do povo pela melhoria das condições sociais – poderá dizer, ao mundo, que em Moçambique não há pobreza?



De forma lúdica, suave – sem perder em vista o seu objectivo – entretendo o seu público, os actores da cidade da Beira, organizados na colectividade Chamuarianga, criticam a actuação dos governantes. Mostram que eles tratam os governados como enteados. A realidade que eles narram em “Os indeferidos” é factual e remete-nos a essa dura realidade.

Como deixar de pensar que, nesta primeira e segunda dezenas do século XXI, as nossas crianças – ainda que sonhem em ser futuros professores, jornalistas, médicos, polícias, advogados – crescerão a saber que esses profissionais são aqueles que, devido às suas carências sociais condicionam as passagens de classe ao recebimento de bens materiais, não defendem a verdade que propalaram, abandonaram os doentes cujas vidas juraram salvar, torturam cidadãos honestos sem fundamentos aplausíveis ignorando os criminosos, defendem os criminosos, restituindo-lhes à liberdade?

Pelo menos no teatro – as peças O inimigo do povo, Salve-se quem puder, Lá na morgue, Os indeferidos, A face do beirense são exemplo de que na produção artístico-cultural que, actualmente, se faz é de um país em que a actuação dos dirigentes e do povo traduz um contra-senso, pervertendo a natureza das profissões.

Nós temos um país em que, em resultado dessa má actuação do sistema do ensino, por exemplo, as pessoas formam-se mas, no fim do curso se, por um lado, não têm qualidades para trabalhar nos respectivos ramos, por outro, permanecem no desemprego, simplesmente, porque não têm a tal experiência de cinco anos de trabalho. É assim que os índices da população desempregada se tornam alarmantes.

O Governo deve apoiar a cultura

Quando termina o Festival de Teatro de Inverno, para muitos grupos de teatro amador, as oportunidades de exposição das suas obras escasseiam até o início da edição do ano

seguinte do mesmo evento.

A realidade deve-se a várias razões dentre as quais o facto de, primeiro, expor uma peça de teatro ser um trabalho complexo que envolve a realização de pesquisas, ensaios, a produção incluindo, por fim, a exibição da obra num espaço adequado. No entanto, em relação ao palco para a apresentação da criação, a experiência brasileira – expressa por Anselmo Cesário – mostra que “a briga pelo espaço de apresentação de obras teatrais é retrógrada. Afinal, o teatro não precisa de ser feito, necessariamente, num palco convencional”.

Mas a não exposição das peças de teatro, em si, desmotivava os actores na medida em que causa muitas perdas em relação à produção feita que não é consumida e, consequentemente, não evolui. O pior é que, devido ao custo dos bilhetes para se ver as obras exibidas nos Teatros Gilberto Mendes e Avenida – pelas companhias Gungu e Mutumbela Gogo, respectivamente – a maior parte do público do Teatro Mapiko é sacrificada.

É nesse sentido que “os poderes públicos devem ficar atentos para que a produção artístico-cultural – quando não puder chegar à sociedade por vias comerciais – seja financiada para que possa ser consumida gratuitamente”, refere Anselmo Cesário.

Isso significa que espaços como jardins de uma escola ou praças públicas, se beneficiarem de um trabalho de iluminação e cenografia correctos, tornam-se adequados para a exibição teatral.

E a exposição de obras de arte (o teatro, a música e a dança, por exemplo), nesses espaços alternativos, é mais produtiva porque os artistas têm a possibilidade de interagir com outro tipo de público, ao mesmo tempo que o formam, multiplicando-o.

Uma mostra paralela

É indubitável que entre Maio e Junho, em Maputo, o Festival de Teatro de Inverno cria uma dinâmica de actividades culturais em que o teatro é o elemento forte, ao mesmo tempo que se incluem a música, a dança, o recital de poesia, bem como, desta vez, as artes plásticas.

Em relação ao último tópico, vale a pena explicar que desde o seu início, a edição deste do referido evento possui uma mostra permanente de obras de arte em vários suportes, desde telas, batiques até bijutarias de autoria de Albino Edgar da Conceição, ou simplesmente Bino.

“O importante nesta mostra não é, necessariamente, que as pessoas comprem as obras mas que, no mínimo, elas apreciem e critiquem. É isso o que me estimula a trabalhar”, refere o pintor que acrescenta que “apesar de que no início eu não valorizava o meu talento, faço arte desde a infância até que, a dado momento, as pessoas que se aperceberam desse génio começaram a apoiar-me, aconselhando-me a dar continuidade ao trabalho”.

Nas suas obras, sobretudo a pintura, em que se traduz o dia-a-dia dos moçambicanos, partindo da sua dura infância, o artista mantém o mesmo traço mas varia, no entanto, os movimentos.

Alegorias atraem espectadores (e geram dinheiro) mas são ornamentais

Passado mais de um século depois da sua abolição, a escravidão e o tráfico negreiro suscitam curiosidade entre os estudiosos. Inspirando-se no texto “Navio Negreiro”, de Castro Alves, o historiógrafo brasileiro, Anselmo Cesário, de 32 anos, – que é director e encenador do Mundo Teatro – montou a peça “Cara... Vela”. Ele explica que “a escravidão nunca terminou”, lamentando, no entanto, o facto de o teatro alegórico – muito promovido no Brasil – não explicar nada sobre a história dos negros escravizados.

Texto & Foto: Inocêncio Albino

Quando a discussão é a escravatura, na poesia, os textos do escritor brasileiro Castro Alves são uma referência incontornável. Declamá-los é uma experiência ímpar, mas vê-los apresentados sob a forma de uma obra teatral é diferente e, se calhar, muito difícil, não só para o público ‘viciado’ na comédia mas, também, para quem contracena.

“A escravatura foi abolida há vários anos, mas ela não deve ser esquecida, sob pena de a sua prática ser retomada em alguns círculos sociais. Na verdade, eu penso que ela nunca terminou. Existe e manifesta-se de maneiras diferentes”, começa por dizer Cesário.

A peça fala sobre África e os escravos deportados para as Américas a fim de serem explorados nas plantações e decorre numa caravela.

A seguir-se esse pensamento, adereços como capulanas, cabelo “afro” ou “dreadlocks”, incluindo lamparinas – para traduzir o calor humano e o clima tropical quente que caracteriza o continente – são os mais importantes.

“A nossa pesquisa ocorre em volta das tradições africanas, muitas das quais, na aculturação, são readaptadas no Brasil”, argumenta.

Uma árvore do baobá

Ao longo da peça o público, que é convidado a interagir com os actores, joga um papel relevante para o espectáculo, na medida em que, ao representar os escravos, embarca e é baptizado com novos nomes.

O encenador explica que “no Brasil há uma lenda com base na qual se explica que, antes de mais, os escravos eram obrigados a dar uma volta em torno da árvore do esquecimento, o baobá, para deixarem a alma e toda a sua história”.



Recorde-se de que durante o colonialismo, na terra de Castro Alves, os escravos africanos não eram baptizados nem registados com os seus nomes verdadeiros.

Entretanto, ainda que não seja disso que a obra “Cara... Vela” fala, é facto que para os senhores do tráfico negreiro a volta em torno do baobá era um ritual com base no qual se retirava a história e a memória dos negros escravizados.



Uma história enrolada

Narra-se que, no contexto do tráfico negreiro e do ritual preparatório para os embarques, certas pessoas chegavam às plantações sem alma, sem história, sem passado e sem memória. A verdade é que as pessoas chegavam ao Brasil da mesma forma que saíram de África.

Os africanos traficados para serem explorados eram inteligentes e sabiam ler e escrever, entendiam as leis e alguns – reis e rainhas que haviam sido deportados pelas mesmas caravelas – não eram pobres. No entanto, a par disso, outra questão torna-se importante. Como é que os milhões de escravos, com as qualidades referidas, podiam ser (ou eram) dominados por poucos senhores negreiros?

Esse emaranhado de factos históricos anima as pesquisas de Anselmo Cesário em torno do tráfico negreiro, as tradições africanas, bem como a escravatura.

Estereótipos em torno da cultura

Anselmo Cesário considera que há no Brasil uma tendência de falar sobre a cultura africana de forma alegórica, num sentido ornamental e menos intelectual como se essa componente não existisse. Por exemplo, por essa razão, ainda que Castro Alves, o poeta dos escravos, seja muito conhecido pelos alunos daquele país, os seus textos não são discutidos e problematizados.

“É que sempre que se fala do negro exaltam-se aspectos mínimos, como se essa alegoria servisse para explicá-lo na sua plenitude, o que não é verdade. O negro tem vontade própria, sentimentos, alma, sabedoria e inteligência”.

Por isso, “se nós tivéssemos feito uma peça muito artificial teríamos repetido o erro de falar (apenas) dos seus rituais, o que levaria as pessoas a pensar que a nossa exposição era um ritual e não uma obra de teatro”.

É barato e gera dinheiro

Se as alegorias teatrais têm a lacuna de não explicar a cultura dos povos – muito em particular dos africanos – na medida em que não a discutem na sua essência, valorizando mais os aspectos cômicos, porque é que são muito exploradas? Anselmo Cesário explica que “é mais fácil tratar o espectador como um agente passivo. Assim, a peça chega-lhe facilmente, gerando muitos ingressos para a sala”.

Infelizmente isso, a acontecer na arte, é mau porque “se existe uma coisa que a Igreja, a escola e a família pouco conseguem fazer é iluminar as pessoas. Cabe à arte e à cultura esclarecer os Homens através da abstracção”.

De uma ou de outra forma, “ainda que durante a minha estada em Maputo não tenha visitado muitos grupos e com eles interagido, a mínima experiência que tive no Teatro Mapiko possibilita-me perceber que aqui se faz um teatro vivo e pulsante. Isso, quando comparado ao teatro comercial e burguês, é mais importante”.



Toma que te Dou

Alexandre Chaúque
bitongachauque@gmail.com

Ajoelho-me perante Zaida Chongo

Olá Zaida, como vai você? Peço imensas desculpas por ter usado as suas desinteressadas e lindas palavras para baptizar a minha coluna, “Toma que te dou”. Quando abro o jornal e vejo aquele logotipo, renovo a saudade que sinto por si. Devia ter-lhe pedido permissão para usar esse verso límpido antes de o escarrapachar para toda a gente.

Não o fiz na devida altura e sinto, todas as semanas quando saem os meus textos imaginários e reais ao mesmo tempo, que você está presente naquele espaço. É como se estivesse a dizer-me alguma coisa cifrada, mas bela, e a beleza não se interpreta, é como o sabor do mel, não se explica. Sinto também que ao transmitir-me essas mensagens escondidas nos códigos, agradece a minha iniciativa, dessa forma eu eternizo-lhe através do meu “Toma que te dou”. Obrigado, Zaida, por não estar zangada comigo. Muito obrigado.

Escrevo-lhe esta carta enquanto de longe escuto a sua música acompanhada na guitarra pelo Carlos Lhongo, seu companheiro eterno nas batalhas de nunca acabar. Escrevo e escuto-lhe. É como se estivesse a ver-lhe naquela sua humildade, naquela sua simplicidade, bamboando o traseiro maluco que você gostava de abanar para as massas.

Zaida, lembro-me também, neste momento, que um pouco antes de partir, a sua graça física já se tinha esvaziado. Já não era a mesma maluca que toda a gente gostava de ver e ter por perto. Olhei para si, naquele espectáculo em Pemba, em 2003, e já não tinha o fulgor na carne, mas mantinha incrivelmente a força de espírito.

Bebia mesmo sabendo que já não o podia fazer. Bebidas para despertar os seus demónios e dar às pessoas o melhor de si. E deu, Zaida, enquanto podia, até ao dia em que a rede de emalhar lhe cercou, para sempre. Lembrei-me de si hoje, como me lembro todas as semanas quando abro o jornal e vejo a minha coluna “Toma que te dou”. Lembrei-me de que não lhe pedi permissão para usar o seu verso e baptizar a minha coluna. Desculpa, Zaida. Peço perdão, e peço também para continuar a usar este título que me catapultou, que me engrandece, que me envaidece e me embevece. Sou seu admirador incondicional, meu amor!

Assisti ao seu funeral no cemitério de Lhanguene. Toda a cidade de Maputo parou para enterrar o corpo da rainha das massas. A copa das árvores que se erguem naquele lugar acolheram vários cachos de pessoas que queriam ver o seu caixão a descer para o fundo da terra, que lhe queriam dar o último beijo. Os ramos de algumas dessas árvores não resistiram ao peso e partiram-se, trazendo cá para baixo aqueles magotes de gente, mas ninguém se feriu.

Ninguém se podia ferir naquele dia, Zaida, porque você estava a partir e acenava a todos, mexias pela última vez o seu traseiro maluco, agora sem a cerveja na mão, nem a guitarra do seu companheiro de inúmeras jardas, o Carlos Chongo. Partia sem nada nas mãos, veio sem nada nas mãos. Mas ficou o seu cheiro, que se vai sentir por todo o sempre enquanto o mundo existir. Zaida, não será, com certeza pelas paranóias que cometeu aqui na terra que Deus não lhe vai receber.

O seu coração é superior a tudo isso que qualquer ser humano pode fazer. Jesus virou-se para eles e disse: “Aquele que nunca pecou, que seja ele a atirar a primeira pedra!”. É isso, Zaida, muito obrigado pela visita que me fez ontem. Vi-lhe a vir, assim de longe, num descampado. Parecia um anjo, estava luzidia, tudo em si era resplandecente.

Corria ao meu encontro, de braços abertos, apelando a que eu corresse também. Fi-lo com a maior alegria. Lembro-me de que nos abraçámos, caímos juntos por sobre a areia molhada de orvalho e as suas roupas me cobriam para não sentir o frio enregelador que fazia por ali. Muito obrigado, Zaida, pela visita. Para mim significa que você me acolhe com amor. Um beijo grande para si.

Isabel Novella: Uma “auto-geração” em forma de música!

Desde o início, a talentosa compositora e intérprete moçambicana, Isabel Novella, acreditou que a sua música podia ser onnipresente. Depois de publicar o seu primeiro trabalho discográfico, cujo título ostenta o seu nome, nos próximos dias a cantora terá de fazê-la conhecer no seu próprio país e corrigir um contra-senso feliz. “Eu tive a oportunidade de conhecer boa parte do mundo”.

Texto: Inocêncio Albino • Foto: Redacção

Analisado a partir da música “Lirandzo”, a última das 12 colecções, o trabalho discográfico Isabel Novella, que contém visões de uma mulher sobre a realidade social, traduz uma utopia, até certo ponto, inalcançável.

É que enquanto autora, a artista já apreciou o seu trabalho e, certamente, está convencida de que é perfeita, o que é verdade. É assim que o Criador fez em relação ao cosmos e, Isabel – criada à sua imagem e semelhança – não faria o contrário. Ou seja, o trabalho discográfico desta cantora deixa-nos a impressão de que se ela pudesse autocriar-se reuniria todas as qualidades que a sua obra possui.

Em jeito de quem comprova esta percepção, Isabel afirma que, “nas minhas músicas, falo de mim disseminando mensagens de amor e solidariedade ao próximo, bem como a necessidade de se lutar para o alcance dos nossos objectivos”. Por outro lado, “as mensagens do álbum traduzem um pouco daquilo que eu gostaria de ver reflectido na vida dos jovens”.

Ora, seguindo a ideia da “auto-geração” – planear-se e originar-se como se quisesse – e, desta vez, para conhecer a mulher que há em Isabel Novella, não há nada melhor que escutar o tema “Lirandzo”.

É lá onde a artista convida o seu noivo a fim de construírem um lar feliz, partindo do princípio de que tal pode ser se ambos o fundamentarem em matrizes de paz e entendimento mútuo. Ora, isso depende da manifestação recíproca de amor e respeito. Essa música acaba por ter algo de particular – que mexe com as entranhas do ouvinte – quando o homem aceita as condições sugeridas pela esposa, respondendo com a sua voz de autoridade.

Mais do que procurar estabelecer um tipo de classificação em torno das músicas do seu disco (constituído por uma mescla de Jazz, Pop, Raggaeton, Bossa Nova, World Music, ou algo com todas estas influências musicais) é, essencialmente, nesta “Lirandzo” que se encontra o resumo dos valores e tradições do povo africano, traduzidos na forma de rituais, como a maneira de dançar, que se podem visualizar a partir das nuances das harmonias. No entanto, esses atributos todos não fazem dessa composição africana, antes pelo contrário, fá-la uma música do/para o mundo.

As músicas em que a obra discográfica Isabel Novella se constitui são, no final, um “workshop” no que todos nós devemos participar, escutando. Aliás, as possibilidades de tal ser contrário à ideia eram, desde o princípio, diminutas. A produção desta criação envolveu artistas da África do Sul – onde se encontra a Native Rhythms, a sua produtora – Moçambique, Bélgica, Nigéria e Estados Unidos da América.

Isabel travou uma grande luta para colocar o álbum no mercado. É por essa razão que afirma que ela também tem a função importante de mostrar aos jovens que “se formos decididos nos trabalhos que fazemos, podemos alcançar os nossos objectivos. Precisamos de ter muita persistência e nunca desistir dos nossos sonhos”.

A obra foi produzida por uma organização sul-africana, a Native Rhythms, que acredita e aposta no talento de Isabel. Por essa



razão, a par disso, o comentário da compositora tem o seu sentido: “Precisamos de apoios, em termos de financiamento a projectos culturais, cá em Moçambique para que, condignamente, possamos apresentar e promover a nossa cultura no mundo”.

Xongile

Em “Xongile”, uma composição de José Barata reproduzida por Isabel, que também pode ser encontrada no mesmo disco, há o mérito da valorização das criações dos ícones da música moçambicana, mas, por outro lado, uma preocupação de se mostrar que eles existem e que continuam a ser referências incontornáveis na nossa arte.

“Na minha infância, entre outras músicas moçambicanas de raiz, escutei imenso as de José Barata. Estou muito feliz com a possibilidade de cantar ‘Xongile’. Este arranjo acaba por possibilitar que não se percam os valores que aprendemos dos nossos pais”, comenta.

A música “Xongile”, com uma nova roupagem, na interpretação de Isabel Novella, posicionou-se em segundo lugar num dos “Tops” da RDP África. A intérprete congratula-se com o feito.

Entretanto, agora, mais do que nunca, estão criadas as condições para que quem ordena que também se cante pelo amor – ou simplesmente ‘Sing For Love’ – dê voo aos seus sonhos a fim de “alcançar e tocar o maior número possível de pessoas com a minha música e mensagem”.



Khupaya

Cremildo Bahule
cremildo.bahule@gmail.com

Carta a 19-1-18-1.

Olhe, existem duas possibilidades fatais na vida humana: o conformismo e a luta. Os conformados estão condenados a ter sonhos sobre o mundo e sentenciados a sonhar com um mundo melhor, enquanto os lutadores lutam para fazer o mundo girar e se tornar melhor. Possivelmente, nem todos os lutadores acabam bem. Alguns lutadores, génios, acabam na cova, como indigentes, mendigos, marginalizados [sabes do Mozart!]. Mas mesmo acabando nessa sina, eles têm uma vantagem: acabaram no fundo da cova com a certeza das coisas que almejavam alcançar. Eles, pelo menos, aceitaram uma derrota consumada para não perder a vida em busca de uma vitória utópica. Não venceram, mas lutaram.

Hoje os homens fazem uma luta contra tudo, mas por nada. O Homem quer tudo, mas esquece que o «tudo» pode acabar em «nada». Hoje nada se sabe, nada se ganha, porque nada se perde. No nada não há esperança. O Homem quer tudo, mas não percebe que existe uma ponte que se chama «morte», onde ao passarmos por ela não carregamos nada que conquistámos aqui no chão. O Homem ao passar por essa ponte – a morte – não carrega nada do que construiu materialmente, apenas carrega o que construiu emocionalmente. Não se carrega o que comprámos para o deserto que encontramos depois da morte. Não se carrega uma caligrafia feia e erros ortográficos, para o deserto, após a morte.

Não se leva a Hidroeléctrica de Cahora Bassa e suas ganhunças, no bolso, após a morte. Não se carrega nenhum prémio Pulitzer ou Nobel. Carrega-se, apenas, o que construímos e gravámos na alma. Eu [Kelesa] não terei possibilidades de levar os meus discos, livros, as sapatilhas, para onde vou depois da morte, mas terei a possibilidade de levar os meus sentimentos. Construir um sentimento é árduo e penoso. Construir uma estrada é fácil. Para construir uma estrada, uma casa, escrever um livro é preciso ter um sentimento de mobilidade, de angústia, de alegria, de dor, de melancolia. O sentimento – que está na alma ou no espírito – é que mobiliza o corpo para a acção de construir uma casa ou uma cadeia para albergar seres condenados.

(Um pormenor: o Homem é um animal totalmente irracional: constrói presídios em que ele vai habitar; constrói armas nucleares que se tornam uma praga para a sua liberdade. “O Homem cresceu tecnicamente, mas regrediu emocionalmente”. Isto aprendi de Ídasse Tembe).

Olhando para os dois parágrafos anteriores, pode perceber que o mundo está nas suas mãos, porque você é o centro do mundo, por isso pare de protestar, sofrer, e pára de dizer que falta emoção para viver. Ver o sol a nascer e a lua a cintilar e resplandecer são dois grandes motivos para ser feliz, pois estes dois elementos da Natureza já lhe indicam onde pode chegar, se os seguir devidamente e de coração aberto.

Uns vivem e outros sonham. Uns idealizam, outros concretizam. Para alguns é fácil largar tudo e começar do nada, noutra lugar, uma nova vida, sentindo outros horizontes (o que farei brevemente, pois Moçambique tornou-se um lugar inóspito). Mas, para outros a vida está no lugar de nascença, mesmo que isso signifique subjugação nas mais variadas horizontalidades. O destino é incerto, mas pode-se tornar certo, quando fazemos das nossas emoções grandes santuários. Não santuários de veneração, sacrifícios estúpidos, mas sim santuários de diálogo (palavra muito propalada em Moçambique, mas que é pouco exercitada). Usando escopro e martelo aprendi que o futuro não se prevê, constrói-se. Comece já – agora – a construir o seu. Se fizer isso, em forma de diálogo, construirá a sua sina, estará a começar uma bela comunicação com a pessoa que caminhará consigo o resto da vida.

Se não encarar o acto como uma virtude, é melhor que procure outro rumo e perca menos tempo com futilidades. Acredite em si porque o seu destino pode-se tornar o reflexo da sua glória, porque a glória do Homem mede-se pela grandeza dos seus sonhos, pela grandeza da verdade que professa, pela grandeza do serviço que presta, pela grandeza do destino que forja e da vida que vive e idealiza.

Se assim é, acredite e terá uma ponte [Kelesa] para lhe coadjuvar a chegar mais próximo do seu destino. Paz e força na sua caminhada existencial ao encontro do seu sestro.

P.S.: 19-1-18-1, Lembre-se ainda desta frase: «A vida é feita de motivos. Motivos de viver, motivos de chorar e sorrir». É sua. Não perca motivos para viver, pois se perder motivos para viver, será o fim da minha vida. Tenho novos discos de Jazz, Lounge, Rap e Dub. Temos de inventar um dia e viajar para Angoche, no Bairro de Ingurri, para ouvirmos essas músicas.

Paz, minha 19-1-18-1.

ENTRETENIMENTO - PALAVRAS CRUZADAS - SOLUÇÕES ED. 240

Horizontais

1- cabra; talco. 2- diatermia. 3- aposta; abater. 4- ver; estio; axa. 5- irar; mito. 6- ocre; ases. 8- arco; casa. 9- tris; afim. 10- réu; acima; avo. 11- armava; ilegal. 12- elaborara. 13- asilo; arara

Verticais

1- pávio; atras. 2- percorrer. 3- adorar; ciúmes. 4- bis; ramos; ali. 5- rate; aval. 6- atas; cabo. 8- trai; mira. 9- ambo; alar. 10- lia; marca; era. 11- catais; afagar. 12- extensiva. 13- graos; amola

HORÓSCOPO - Previsão de 14.06 a 20.06



carneiro

21 de Março a 20 de Abril

Finanças: As suas finanças apresentam-se regulares e não deverá sentir dificuldades, de maior, durante este período. Poderá verificar-se, próximo ao fim da semana, uma pequena contrariedade que, à partida, será ultrapassada.

Sentimental: Seja direto com o seu par e não crie situações artificiais que poderão desgastar a sua relação sentimental, com consequências imprevisíveis.



touro

21 de Abril a 20 de Maio

Finanças: As suas finanças não deverão sofrer alterações dignas de relevo. Mantenha-se atento aos gastos, especialmente, os desnecessários. Para o fim da semana, poderá ter de encarar uma despesa inesperada.

Sentimental: Os relacionamentos de ordem sentimental estarão a atravessar uma fase muito sensível, em que a sua força interior terá um papel importante no sentido de equilibrar a relação com o seu par.



gémeos

21 de Maio a 20 de Junho

Finanças: O aspeto financeiro recomenda grande prudência em tudo o que for despesas. Aplicações de capital, não encontram nesta fase, a altura mais adequada.

Sentimental: No amor tente ser carinhoso e deverá evitar situações de confronto. Modere, um pouco, a sua teimosia e aceite as tentativas de ajuda que possam vir da parte de quem o ama. Uma intromissão na sua vida deverá merecer a sua atenção.



caranguejo

21 de Junho a 21 de Julho

Finanças: No aspeto financeiro, não se deverão verificar alterações dignas de relevo; no entanto, será aconselhável usar de grande prudência em tudo o que se relacione com gastos, especialmente, os supérfluos.

Sentimental: Na área sentimental, evite os confrontos desnecessários que lhe poderão trazer algumas situações difíceis de ultrapassar. Para os que não têm uma ligação, este não será um período muito favorecido.



leão

22 de Julho a 22 de Agosto

Finanças: As suas finanças poderão conhecer, durante este período, uma situação de algum melindre; não se deixe conduzir por impulsos e analise as questões antes de decidir. Para o fim da semana, a situação deverá começar a melhorar.

Sentimental: Construa a sua própria felicidade e não permita que o seu relacionamento dependa de terceiros; mantenha-se atento em relação a esta questão.



virgem

23 de Agosto a 22 de Setembro

Finanças: Período complicado; no entanto, seja positivo, use a sua força e persistência para não permitir que este aspeto possa influir, negativamente, nas suas atitudes e decisões.

Sentimental: Um pouco mais de atenção em relação ao seu par poderá ser uma forma de suavizar, um pouco, outros aspetos menos agradáveis. Alguém muito próximo poderá criar-lhe uma situação delicada; esteja atento a este aspeto.



balança

23 de Setembro a 22 de Outubro

Finanças: Serão regulares, no entanto seja prudente em matéria de despesas. Período pouco favorecido para iniciar negócios ou investimentos, especialmente, os que envolvam aplicações financeiras de risco médio, ou elevado.

Sentimental: Na área amorosa, seja realista e não crie situações artificiais. Alguma tentação para tomar atitudes mais bruscas, motivadas por ciúmes injustificados, deverá ser muito bem acatada.



escorpião

23 de Outubro a 21 de Novembro

Finanças: O aspeto financeiro será caracterizado pela regularidade; no entanto, deverá ter em atenção que poderá surgir uma despesa inesperada. Um familiar poderá recorrer à sua ajuda económica.

Sentimental: A sua vida sentimental será, até certo ponto, o reflexo da forma como considera o seu par. Tente ser mais carinhoso e compreensivo. Para os que não têm uma relação estável, este não será o momento ideal para mudanças.



sagitário

22 de Novembro a 21 de Dezembro

Finanças: As suas finanças deverão apresentar-se regulares, durante todo este período; no entanto, não será aconselhável qualquer aplicação de capital ou investimento, aguarde por uma altura mais favorável.

Sentimental: A sua vida amorosa, durante esta semana, aconselha a que seja gentil e carinhoso com o seu par. Não tente, durante este período, falar no passado e, de uma forma muito especial, nas situações que recordem momentos menos bons.



capricórnio

22 de Dezembro a 20 de Janeiro

Finanças: As finanças poderão atravessar um momento difícil que será ultrapassado com o seu habitual otimismo e objetividade. Seja realista e não faça despesas desnecessárias que se poderão revelar prejudiciais, num futuro muito próximo.

Sentimental: O seu par é para si uma pessoa importante; assim e para que não sucedam imprevistos, use o diálogo como forma de esclarecer o que pensa estar errado.



aquário

21 de Janeiro a 19 de Fevereiro

Finanças: Não gaste mais do que deve. Toda a espécie de aplicações de capital e investimentos deverão ser, cuidadosamente, analisados. O mais indicado será adiar, para outra altura mais favorável, as operações financeiras.

Sentimental: A sua vida amorosa poderá ser influenciada por outros aspetos. Tente ser atencioso com o seu par e não crie situações de tensão que, especialmente, neste período.



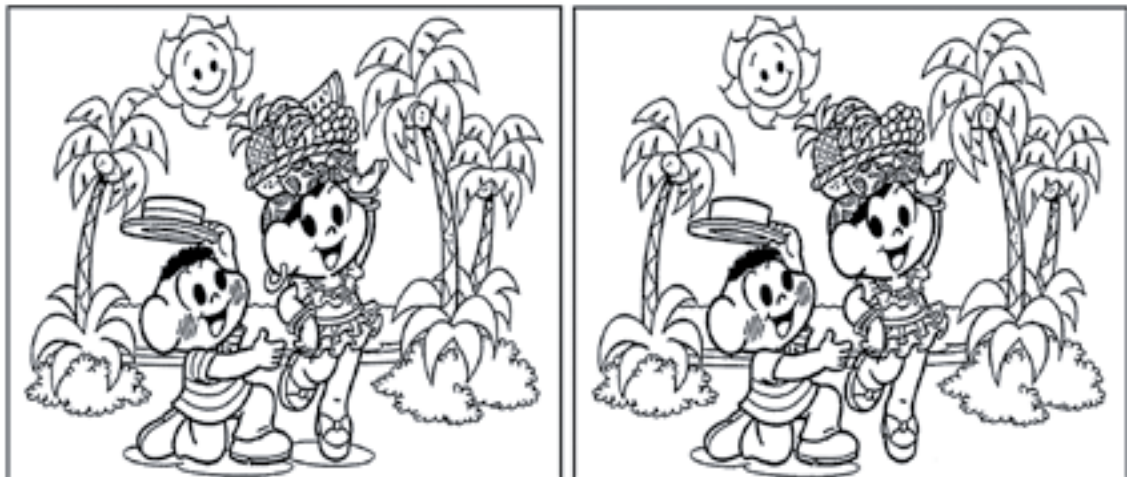
peixes

20 de Fevereiro a 20 de Março

Finanças: Os negócios não encontram, neste período, o ambiente mais favorável. As suas finanças deverão ser bem acauteladas e não deverá proceder a qualquer aplicação de capital.

Sentimental: Na área amorosa, deverá ser, extremamente, cuidadoso. Esta semana será muito delicada para os nativos deste signo, em tudo o que passe por relações sentimentais. Evite criar situações artificiais.

ENCONTRA AS 7 DIFERENÇAS



PARECE MENTIRA...



Pode-se dizer que o número 4 teve um papel importante na vida do imperador Carlos IV da Alemanha.

Construiu ele 4 grandes palácios, nos quais vivia alternativamente.

Em cada um desses palácios havia 4 peças reservadas para o seu uso estritamente pessoal.

Cada uma dessas vastas peças tinha 4 portas e 4 janelas.

O imperador fazia 4 refeições por dia. Em cada uma delas serviam-lhe 4 pratos e 4 vinhos diferentes.

A sua coroa tinha 4 ramos.

Distinguem-se, invariavelmente, nas suas casas, 4 cores.

Falava 4 línguas: o alemão, o francês, o espanhol e o inglês.

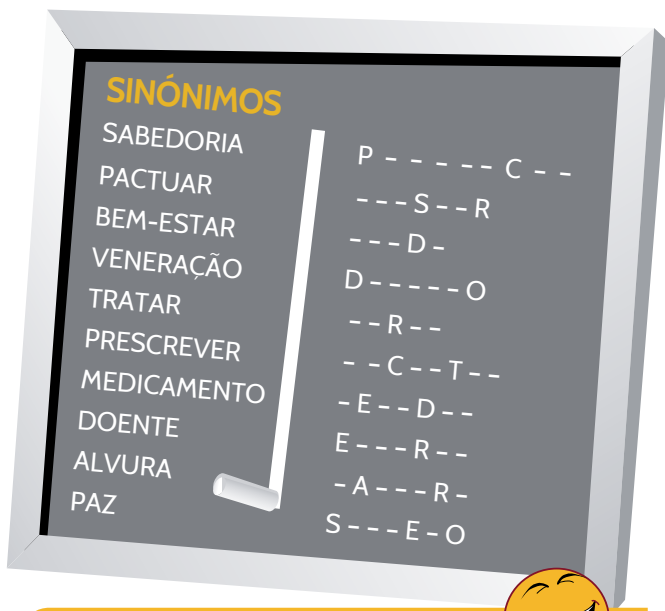
Foi casado 4 vezes.

Quando ia em passeio, as suas carruagens eram puxadas por 4 cavalos.

O seu império estava dividido em 4 Estados defendidos por 4 corpos do exército.

Mudou 4 vezes a sua capital.

Quando morreu, no dia 4 de Outubro de 1378, encontravam-se 4 médicos à sua cabeceira.



RIR É SAÚDE



- É verdade que o senhor doutor dá uma comissão a quem lhe trazer um doente?
- Sim senhor. Onde está o doente?
- Sou eu mesmo, doutor.

- É verdade, amor, que o cisne canta antes de morrer?
- Naturalmente, querida! Como é que querias que ele cantasse depois de morto?

Um sujeito a quem colocaram pela frente um cavalo bravo e lhe perguntaram:

- Então, que tal monta?
Ele respondeu, muito calmamente:
- Muito bem, mas caio em seguida.

Um camelo apresentou-se numa agência de casamentos, dirigida pelo macaco, a fim de escolher uma esposa.

O agenciador-macaco disse-lhe:
- Chegou no momento certo; tenho aqui uma camela muito nova, porém apresenta um pequeno defeito.
- O que tem?
- Não tem corcunda...

PENSAMENTOS...



- Trabalha e terás, madrugada e verás.
- É próprio do vilão atirar a pedra e esconder a mão.
- Uma pessoa doente pode viver mais que uma pessoa sã.
- Palavra de três Deus a fez.
- Quem casa deve saber quem leva.
- O que faz o buraco cai nele.
- Com a pele não se mudam os costumes.
- Cântaro vazio muito soa.

Cartoon



Novo Produto

VIVENDINHAS T3

**Sala de estar
1 casa de banho comum
Sala de jantar**

**2 quartos
Cozinha (espaço aberto)
Quintal e estacionamento**

**1 quarto com
Casa de banho
privativa**